



RAÍZE



Ano IX - Nº 18

São Caetano do Sul

Dezembro de 1998





Nossa Capa

A obra *L'unica mucca* (s.d.), óleo sobre tela, 16,5 x 26 cm) pertencente a coleção particular de Adriano Taiuti, da cidade de Milão, é uma obra do pintor Pietro Pajetta, nascido em Serravalle no ano de 1845 e falecido em Pádua, em 1911. Observando-se o conjunto de obras de Pajetta, podemos qualificá-lo como uma espécie de observador da realidade cotidiana de Vittorio Veneto. Mesmo assim,

seria injusto resumirmos sua produção artística como a de um mero captador do dia-a-dia de uma comunidade rural encravada nos Alpes italianos. Mas essa peculiaridade salta aos olhos em função dos quadros que deixou. Filho de Paolo Pajetta, um pintor cuja obra esteve voltada à produção de murais, Pietro aprendeu com o pai os rudimentos da arte que no futuro iria abraçar. Sem

condições materiais de freqüentar a Academia de Belas Artes de Veneza, fuge de casa aos 17 anos, indo alistar-se nas tropas que lutam pela unificação da Itália. Oito anos depois, já casado, o artista retorna à cidade natal. Posteriormente, entre 1878 e 1880, mora em Veneza, voltando a Vittorio Veneto, onde permanece até 1893, naquele ano muda-se para Pádua, permanecendo lá até o final da vida.



Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul

Ano IX - Número 18
Publicação semestral

ISSN - 1415 - 3173

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Dezembro de 1998

Avenida Goiás, 600 - Térreo
CEP 09521-300 - São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 441-9008 e 441-7420
www.mp.usp.br/fpm

Editor/Jornalista responsável

Aleksandar Jovanovic
(MTB 13.165 - Sjesp 7.290)

Programação Visual e

Paginação Eletrônica

Elano Piloto

Secretaria e Coordenação

Maria Aparecida Fedatto

Ilustração:

Jayne da Costa Patrão

Conselho Editorial

Ademir Mérci, Aleksandar Jovanovic (presidente),
Claudinei Rufini, Guido Fidélis, Jayne da Costa Patrão,
José Roberto Gianello, Henry Veronesi, José de Souza
Martins, Nívio Tessitore, Oscar Garbelotto, Sílvio José
Buso, Sônia Maria Franco Xavier, Valdenízio Petrôlli.

Fotos

Antônio Reginaldo Canhoni

Digitalização de imagens

Erika Martin

Pesquisa

José Roberto Gianello

Fotolitos e Impressão

Provo Distribuidora e Gráfica Ltda.

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.



A palavra do Editor

Visão calidoscópica recupera multiplicidade

A cada nova edição, *Raízes* vem procurando ampliar a extensão e a variedade de temas abordados por seus (inúmeros) articulistas e colaboradores. Ao mesmo tempo, vem buscando pontilhar épocas distintas da História local, regional e nacional. Em vez de ser *uma História*, são perspectivas múltiplas que emergem, sinalizando a percepção diferente de um único período ou fenômeno. Em vez de ser uma visão reducionista e paralisada, no tempo, no espaço e, sobretudo, nas idiosincrasias de quem narra fatos ou coleta os dados, são, muitas vezes, ângulos contrários que desabrocham nos depoimentos. A bem da verdade, *Raízes* este não é (nem jamais pretendeu sê-lo) um periódico fechado para que apenas especialistas produzam seus textos. Também estes têm comparecido, até com certa frequência, e muitos deles dispensam apresentação no mundo acadêmico, tal é o crédito de seu trabalho. No entanto, ao mesmo tempo em que a revista abre suas páginas para os pesquisadores universitários profissionais, também o faz para os memorialistas do Município e da região, para que muitas fontes primárias possam estar sendo produzidas. Na verdade, não foi apenas a chamada *nova História* a responsável pela mudança de tom nos estudos, que passaram a utilizar as mais diversificadas fontes e ciências-auxiliares com o objetivo de abarcar cada vez mais amplo espectro de fatos e, assim, poder produzir as *várias vozes e as várias perspectivas* de que se pode (e deve) falar. Também outras áreas das Ciências Humanas contribuíram muito, neste século, para indicar esse caminho. Ignorá-las, portanto, passa a ser apenas uma questão de desconhecimento. Rejeitá-las, por seu turno, torna-se decorência de posturas dogmáticas. E dogmatismo e desconhecimento não podem desbastar as veredas do conhecimento.

Aleksandar Jovanovic

*Editor e Presidente da
Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul*

Trabalho diligente resgata a História

A História se faz pela ação de homens e mulheres que, imbuídos de ideologias, concepções políticas e sociais, projetos e aspirações, sonhos e necessidades vitais, rompem rotinas, limites e padrões estáticos, dando nova dimensão à vida. A História se consolida e perpetua, contudo, pelo trabalho diligente daqueles que, reconhecendo valores e princípios, a exemplaridade dos fatos a relatam com isenção, equilíbrio, talento e sob a égide da dignidade humana.

Sob tais critérios, temos certeza de que não há, em nosso País, publicação capaz de resgatar e divulgar fatos históricos como a revista *Raízes*. Nesta edição encontraremos a história política de protagonistas das lides da primeira metade do século, do surgimento das primeiras entidades assistenciais de São Caetano, fatos da revolução de 32, relatos da vida de empresas, de padrões culturais, esportivos, a saga de pessoas simples e de destaque, num acervo valioso destinado a perseverar no tempo graças ao empenho e trabalho produtivo de seus relatores.

O ponto principal da qualidade da publicação está num fator que, como os acima mencionados, é decisivo nos mais nobres empreendimentos humanos: o amor à obra realizada, de onde se consolida a certeza da utilidade de seus resultados. Diferencia-se, assim, do que é feito tecnicamente correto, mas por obrigação ou tarefa de encomenda. Os que colaboraram com *Raízes* pertencem ao primeiro time, mas trazem, de maneira enriquecedora e mesmo comovente, a paixão sadia pela retratação do passado enquanto saga de uma comunidade e exemplo construtivo para as



gerações futuras. Vale a pena ler.

Vale a pena ampliar de maneira confiável nossos conhecimentos sobre nossa própria trajetória no tempo, e emocionar-nos com os sentimentos que os relatos deixam transparecer, vincular-nos às raízes de nossa cultura e, espelhando-nos nesses exemplos que fizeram a História acontecer, aprimorar e perfazer nossa própria condição humana. É justo e gratificante o orgulho que temos de apresentar esta notável coletânea, de parabenizar seus organizadores e colaboradores e, principalmente, os que tiveram o privilégio de poder dela desfrutar.

Luiz Olinto Tortorello

Prefeito Municipal

São Caetano do Sul, dezembro de 1998

ÍNDICE

Autonomia

5 *As lembranças da vida política de Genésio Carlos Alvarenga*

Artigos

9 *Primeiras entidades de socorro de São Caetano*

Henry VERONESI

13 *A Revolução de 1932: o ataque ao capão de mato e o rapaz de São Caetano*

Arnaldo TREBILCOCK

19 *A arquitetura religiosa do Núcleo Colonial de São Caetano*

Nívio TESSITORE



Durante a instalação do Sistema de Parquímetros, estiveram presentes o prefeito Raimundo da Cunha Leite e o diretor da Duncan, Jayme Meisohn

23 *Na década de 70, o Município já teve parquímetros nas principais vias*

Domíngio Glenir SANTARNECCHI

25 *ZF do Brasil, três décadas de atividade ininterrupta na cidade*

Sergio Proto dos SANTOS

31 *O Rotaract Club é uma entidade que busca servir toda a comunidade*

Érica RIEBA

Imigração

33 *Imigrantes lituanos, açorianos e libaneses participam da História sancaetanense*

Yolanda ASCENCIO

Esporte



Equipe principal do Jabaquara, em 1948

37 *Jabaquara: um clube com mais de meio século de tradições e glórias*

Alberto do Carmo ARAÚJO

41 *Futebol varzeano da cidade teve época marcante nos anos 40*

Narciso FERRARI

45 *Albino Martorelli: um herói romântico dos velhos tempos do futebol*

Claudinei RUFINI

47 *A. A. São Bento: o futebol no Morro dos Ventos Uivantes (1954-1957)*

José Roberto GIANELLO

52 *Um Sábado de Aleluia no São Caetano Esporte Clube*

Oscar GARBELOTTO

Depoimentos

53 *Chiea Indústria e Comércio S/A: cinquenta anos de serviços prestados*

56 *Conhecido por todos, Seu Juca era uma fonte de informação confiável*

Gisberto GRIGOLETTO

57 *As ricas lembranças de um pioneiro Baha'i na cidade*

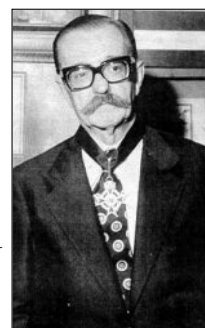
Rodolfo Carlos BONVENTI

61 *Augusta Dalcin Botteon, um exemplo de fé, trabalho e muita perseverança*

Mário BOTTEON

63 *Tio Vicente: recordações de um doceiro iugoslavo*

Biografia



Luiz Alvarenga Meira, em 28 de julho de 1977, durante solenidade na Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhística de São Paulo

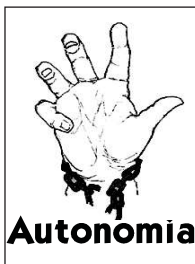
65 *Luiz Alvarenga Meira e a criação do primeiro cartório da Comarca*

Sônia Maria Franco XAVIER

66 Registro

76 Memória Fotográfica

As lembranças da vida política de Genésio Carlos Alvarenga



Autonomia

Genésio Alvarenga faleceu este ano. O presente depoimento foi prestado pelo ex-vereador há pelo menos 30

meses, para o banco de dados da revista *Raízes*. O texto que segue representa trechos da entrevista original, um longo *flash-back* de recordações e comentários.

Nascido em Pederneiras, Estado de São Paulo, a 24 de agosto de 1922, Genésio Carlos Alvarenga, apaixonado por pescaria, foi um dos vereadores eleitos da primeira legislatura de São Caetano do Sul. Após cumprir o mandato, Alvarenga trabalhou na Câmara Municipal durante 23 anos como diretor legislativo e, posteriormente, como diretor da Fazenda da cidade. Uma de suas atividades preferidas, além da pescaria, era participar do *Grupo Renascença* de São Caetano, onde, juntamente com a esposa, dançava e trocava idéias sobre o futuro dos grupos de Terceira Idade.

“Vim morar em São Caetano em meados dos anos 40, quando a cidade pertencia a Santo André. Havia feito o primário na cidade de Pederneiras, onde nasci. Aqui comecei a frequentar o curso noturno de técnico em Contabilidade, em 1944, no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul. Trabalhava o dia todo como carvoeiro, aproveitando-me do racionamento de combustível ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial”.

MASSEI - “Nessa época, comecei a minha amizade com o Oswaldo Samuel Massei, que viria a ser prefeito



Acervo: Fundação Pró-Memória

Da esquerda para a direita: professor Olavo de Campos Toledo (chefe de Gabinete); prefeito Oswaldo Samuel Massei; professor Argemiro de Barros Araújo (diretor de Educação e Cultura) e Genésio Carlos Alvarenga (diretor da Fazenda). Foto de 1969, no antigo prédio da Prefeitura, à Avenida Goiás, 600

da cidade. Ele era filho de italianos e também trabalhava com carvão. Meu pai tinha um armazém na Rua Senador Roberto Simonsen e também comercializava o produto. Ambos éramos entregadores. Quando um de nós precisava de carvão, pedia ao outro”.

“Naquela época tudo era muito diferente: se você andasse por alguns bairros como Vila Gerty e Vila São José, não encontraria nenhuma casa. As pessoas pescavam no rio Tamanduateí. Depois, veio o progresso e estragou tudo”.

“Em 1928, a cidade já pleiteava a autonomia em relação ao Município de Santo André, mas certos interesses impediram a realização do plebiscito. Em 1948, o movimento ressurgiu e foi até desnecessário fazer campanha, porque as pessoas percebiam que existia uma ótima arrecadação, mas o Município continuava pobre, porque o dinheiro era encaminhado diretamente aos cofres da Prefeitura Muni-

cipal de Santo André. São Caetano crescia de maneira assustadora, porque as indústrias e construções apareciam aqui quase que diariamente”.

AUTONOMIA - “Dessa forma, o movimento autonomista de São Caetano do Sul consolidou-se, apoiado não só pelos principais líderes, como Walter Thomé, Mário Porfírio Rodrigues e Luiz Rodrigues Neves, mas também por toda a população. Em 24 de outubro de 1948, a Assembléia Legislativa aprovou a efetivação do plebiscito, que tornou a cidade de São Caetano emancipada politicamente e administrativamente”.

“Iniciei minha vida política por indicação do professor Vicente Bastos, sócio-proprietário do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, onde estudava. Foram procurar candidatos para compor a primeira Câmara Municipal e, por ser presidente do grêmio estudantil, o professor Vicente indicou-me. Fui candidato pelo Partido Social Pro-



Genésio Carlos Alvarenga recebendo do presidente da Câmara, Sebastião Lauriano dos Santos, o título de cidadão sancaetanense; julho de 1973

gressista (PSP), do saudoso governador Adhemar Pereira de Barros”.

“A campanha eleitoral, naquela época, era bem mais calma do que é hoje. Não se fazia muita propaganda, era mais pessoalmente, de boca em boca. Não havia carros com alto-falantes nem essa dinheirama toda que os candidatos gastam hoje no jornal, na televisão, no rádio. Era uma propaganda pacífica. Mesmo os candidatos que tinham posses, faziam algo mais simples. Não aconteciam ataques e provocações aos adversários. Naquela época ainda reinava o respeito mútuo entre as pessoas; era difícil um ofender o outro”.

PIONEIRISMO - “Fiz parte da primeira legislatura de São Caetano do Sul. Meu mandato durou de 4 de abril de 1949 a 3 de abril de 1953. A cidade tinha, então, cerca de seis mil habitantes e fui o penúltimo colocado dos 21 vereadores eleitos, com 51 votos. Nessa eleição, Ângelo Raphael Pellegrino elegeu-se primeiro prefeito de São Caetano do Sul”.

“Política sempre foi política. A população sempre espera que os legisladores façam o melhor possível para o Município. Então, a esperança de todos era que os novos vereadores de São Caetano fizessem a cidade iniciar o progresso. Quando nos elegemos

vereadores, a cidade era muito pobre, precisava de tudo. A maior luta dos vereadores era arborizar e fazer o calçamento de São Caetano. Eram poucas as ruas asfaltadas, algumas no Bairro Fundação, o mais antigo da cidade. Da estação para cima, quase não havia benfeitoria pública nenhuma. A autonomia trouxe a possibilidade de criação da estrutura do Município, fazendo encanamento, água, esgoto, escola, ginásios. Por ter apenas cerca de



Genésio Alvarenga, em foto da formatura do curso de Técnico em Contabilidade do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul; ano de 1951

15 quilômetros quadrados, São Caetano teve um progresso vertiginoso, chegando hoje a ser considerada uma cidade de Primeiro Mundo”.

INÍCIO - “Mas nem sempre foi assim. A primeira sede da Prefeitura era na esquina das ruas Rio Grande do Sul e Baraldi, onde hoje está o Banco Banespa, permanecendo ali até a construção do prédio da Avenida Goiás pelo prefeito Oswaldo Samuel Massei. Eu e os outros vinte vereadores nos reuníamos toda terça-feira, no quinto andar do Cine Vitória, onde ficava a sede da Câmara Municipal. Todos trabalhamos gratuitamente durante a primeira legislatura”.

“Por ser estudante, minha maior preocupação era com o estudo; então sempre me empenhei na criação de grupos escolares, ginásios, faculdades. Assim, angariei bastante a simpatia do prefeito Pellegrino e, quando as comitativas chegavam a São Caetano, pleiteando qualquer coisa, quase sempre o prefeito chamava-me. Participei, dessa forma, da criação da Companhia Telefônica Brasileira de São Caetano do Sul, ajudei também na construção do Hospital Sociedade Portuguesa de Beneficência, participei da atividade principal do Hospital São Caetano, mas sem aparecer muito, sem figurar nas placas, porque nunca estive entre os vereadores de maior destaque. Mas participei de muitas coisas no Município”.

“Naquela época, o pensamento político dos candidatos e dos vereadores era completamente diferente de hoje. As pessoas pensavam no Município, muitas vezes esquecendo de si próprio. Por isso, São Caetano cresceu, pois todos trabalhavam em prol da comunidade. Com o tempo, as indústrias abandonaram São Caetano, porque a pressão da população sobre elas foi grande. Então, as maiores, principalmente as poluidoras, mudaram-se para outros locais”.

HARMONIA - “O relacionamento pessoal entre os vereadores era bom; era difícil surgir uma discordância sobre qualquer assunto. Da mesma forma que trabalhamos harmonicamente pela emancipação, pelo plebiscito e na própria campanha eleitoral, essa concordância reinou durante a primeira legislatura. De vez em quando surgia alguma discussão na Câmara, mas nunca contra o prefeito. Também não tomei conhecimento de nenhum ato que viesse a desabonar qualquer um dos vereadores”.

“No final do meu mandato, em 1953, mudei-me de São Caetano. Oswaldo Samuel Massei fez campanha política e foi eleito prefeito na segunda legislatura. Como éramos amigos, numa das visitas a São Caetano, o Massei perguntou-me se eu gostaria de exercer uma função pública. Minha esposa América queria muito voltar a viver aqui e, assim, resolvi aceitar o cargo e fui nomeado tesoureiro da Câmara Municipal, em 16 de novembro de 1954, permanecendo por dois anos no cargo”.

“Posteriormente, o vereador Conchetto Constantino elegeu-se presidente da Câmara Municipal e, por ser amigo dele, designou-me diretor legislativo, um cargo de confiança. Uns três ou quatro anos depois, elegeu-se vereador um jovem de 21 anos, Floriano Leandrini, que chegou à presidência da Câmara. No decorrer do



Sessão solene da Câmara Municipal. Dia da posse da primeira bancada de vereadores de São Caetano, em 1949, no antigo prédio do Legislativo, no quinto andar do prédio do Cine Vitória

seu mandato, Leandrini, por confiança e reconhecimento ao meu trabalho, nomeou-me diretor legislativo efetivo. Em 1969, quando iniciou seu segundo mandato, Oswaldo Massei indicou-me diretor da Fazenda”.

APOSENTADORIA - “Em 1973, o presidente da Câmara Municipal, Sebastião Lauriano dos Santos, entregou-me o título de cidadão sancaetanense. Aposentei-me em 1º de janeiro de 1977, após trabalhar 23 anos como diretor. Durante os anos em que estive na Câmara, em contato com os vereadores, perdi a vontade de ser candidato novamente. Não sei por quê; creio que tenha participado e não tenha gostado; deve ser isso. Não significa que

me tenha decepcionado com algo; é que não estava em mim ser político. Gosto de olhar para as pessoas e dizer aquilo que estou pensando; por isso não quis mais me candidatar”.

“Junto às autoridades estaduais e federais, São Caetano teve bons amigos, porque os prefeitos Anacleto Campanella, Oswaldo Samuel Massei e Hermógenes Walter Braidão elegeu-se deputados estaduais, após terminarem os mandatos. Na Assembleia Legislativa, os deputados trabalhavam também para São Caetano. Então, em razão disso é que se justificava o maior progresso da cidade”.

PARTICIPAÇÃO - “Quando fui vereador, não estive muito próximo de figu-



Genésio Alvarenga rememorou, durante depoimento, a época da emancipação político-administrativa de São Caetano do Sul



Vereadores da primeira legislatura no gabinete da presidência da Câmara Municipal, em 1950



ras do cenário estadual e federal. Depois, enquanto exerci o cargo de diretor da Câmara, tive contato com Adhemar de Barros, Paulo Maluf, Lucas Nogueira Garcez, Carvalho Pinto. Fui várias vezes à Câmara Federal, aproveitando a ida de diversas comissões, onde quase sempre estava junto. Em 1966, formou-se uma comissão com vereadores de todo o País para a criação da Zona Franca de Manaus. O poder federal queria saber a opinião dos outros, para depois discutir e aprovar”.

“Jânio Quadros e Adhemar de Barros estiveram em São Caetano e foram comigo à casa do prefeito Mas-

sei. Paulo Maluf esteve na Câmara Municipal uma porção de vezes. Um dos deputados mais citados na época era Antonio Silvio da Cunha Bueno, um dos apoiadores da nossa autonomia. Carvalho Pinto, cuja fama principal era a de ser pão-duro, também esteve na cidade”.

“Desde que se formou a política, os interesses partidários sempre estiveram em jogo. A luta ideológica entre UDN e PTB atingiu mais os cenários federal e estadual. Em São Caetano, uma cidade pequena e com população formada por famílias tradicionais, existia o ciúme partidário,

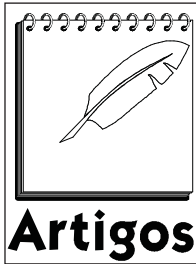
mas normalmente quase tudo era resolvido na base da amizade. Na minha opinião, a UDN sempre foi o partido criador de casos, como o de Carlos Lacerda. Ele estava em evidência pela sua inteligência e sempre gostou muito de aparecer. Na época da ditadura, Lacerda telefonou para o gabinete do presidente da República, Castello Branco, dizendo: “Avisar que hoje vou visitar a Penitenciária Federal”. O presidente recomendou: “Deixe-o entrar, mas não o deixe sair...”.

“Atualmente, a vida política é muito diferente. Cada um pensa em si e se esquece de uma porção de coisas que eles têm obrigação moral de fazer, e não fazem. Existe muito jogo de interesses. Eu acredito que o regime contribui com isso, porque ele está errado. Qualquer pessoa que vá à Câmara Federal vai dar razão para o que eu estou falando. Os candidatos se elegem com promessas e compromissos. Quando chegam à Câmara, a coisa muda, porque lá existem os blocos e você tem que participar. É como um rolo compressor. O que o líder manda os outros têm que obedecer. Quando o governo quer conseguir aprovar qualquer coisa, manda um projeto de lei para a Câmara Federal. Quem votar contra; não recebe benefícios do governo, é um toma-lá-dá-cá”.



Campanha autonomista de 1948

Primeiras entidades de socorro de São Caetano



Artigos

Henry VERONESI(*)

Os colonos italianos de São Caetano foram os primeiros habitantes daqui a formar uma organização de ajuda mútua. Isso foi pelos idos de 1879, denominando-se *Irmandade de São Caetano*. Tinha como finalidade precípua promover o sepultamento de mortos da localidade e, em alguns casos ajuda financeira. Sua existência foi relativamente curta, pois a finalidade atendia parcialmente aos que dela necessitassem.

A Irmandade emprestava o caixão para o transporte do defunto e tinha o compromisso de aplicar as verbas arrecadadas em forma de jóias e anuidades no socorro das viúvas e órfãos dos irmãos falecidos ou que caíssem na indigência, devidamente, e reconhecida a necessidade pela mesa.

Cair na indigência, no entanto, não significava cair na pobreza extrema, mas, sim estar, reduzido a uma condição de vida inferior, aquém do estado natural de poder econômico-financeiro, motivo que a descaracterizava como sociedade de cunho social.

As duas primeiras entidades consideradas de cunho social fundadas em São Caetano que se propuseram prestar socorro à educação, à assistência médica, à assistência farmacêutica e, até pecuniária, foram: a *Società di Mútuo Soccorso Principe di Nápoli de San Gaetano*, fundada em 11 de dezembro de 1892 e a *Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano*, fundada



Foto da década de 30. Prédio da Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano, construída por Arêmio Veronesi, terminada em julho/agosto de 1928

em 15 de novembro de 1907. Estas duas sociedades se assemelhavam na organização e nos princípios estatutários.

Na admissão de sócios havia uma diferença fundamental. Enquanto a primeira era discriminativa, portanto fechada, a segunda, indiscriminativa, aberta para aqueles que quisessem filiar-se a ela.

FINALIDADE -A *Società Principe di Napoli* (por ter sido organizada e fundada no bairro hoje denominado Bairro da Fundação, onde predominava a classe de italianos imigrantes e ter sido formada com as finalidades de defender os interesses da classe, manter os costumes e hábitos trazidos das terras de origens) só permitia o ingresso de italianos e descendentes de italianos no seu quadro associativo. A Sociedade Beneficente Internacional (por ter sido formada por um grupo de pessoas, a maioria residente na parte mais central da localidade e que não compactuava com critério discriminativo na admissão de sócios) recebia pessoas de qual-

quer nacionalidade, inclusive as italianas. Sua fundação, na época foi oportuna, pois mais famílias de São Caetano puderam participar de uma entidade de mútuo socorro que lhes proporcionasse os mesmos benefícios que a *Società Principe di Napoli* oferecia aos seus associados.

A afirmativa de que a *Società Principe di Napoli* não admitia pessoas que não fossem de nacionalidade italiana ou descendentes de italianos é contestada por algumas pessoas que afirmam que o estatuto da entidade não tinha qualquer dispositivo expresso nesse sentido. No entanto, a proibição encontrava-se implícita e explicitamente em alguns artigos do regulamento social. Logo no primeiro artigo, a primeira norma discriminativa. Dizia a referida norma: *Si è costituita in San Gaetano una Società di Mútuo Soccorso col nome di Principe di Napoli il cui scopo è l'unione, l'istruzione, la moralità ed mutuo soccorso fra gl'italiani.*

No artigo 4º a proibição era implícita

cita. Expressava esse artigo: *Saranno soci effettivi, tutti gl'italiani e discendenti d'italiani, que pagheranno 5\$000 all'atto d'ammissione e 2\$000 di contribuzioni mensili.*

O estatuto classificava os sócios em seis categorias: efetivos, auxiliares, protetores, beneméritos, honorários e perpétuos. Assim, a única categoria privilegiada com os benefícios da sociedade era a de sócios efetivos, na qual só podiam ser admitidos italianos ou seus descendentes. Não obstante isso, o artigo 6º, penalizava o sócio que se naturalizasse cidadão de outra nação. Assim era expresso esse dispositivo: *Casi d'esclusione: G - Naturalizarsi cittadino di un'altra nazione.*

O estrangeiro sem ser italiano até que podia receber o título de sócio-auxiliar, protetor ou benemérito, desde que contribuísse com uma doação de 100\$000, 200\$000, 400\$000, respectivamente. Porém, isso não lhe dava o direito a votar, ser votado, e nem de usufruir de qualquer benefício que a entidade oferecia à categoria de sócio efetivo.

A primeira Constituição da República Brasileira, promulgada em 24 de fevereiro de 1891, pelo artigo 69 prescrevia: São cidadãos brasileiros: 4º - Os estrangeiros que, achando-se no Brasil aos 15 de novembro de 1889, não declararem, dentro de seis meses depois de entrar em vigor a Constituição, o ânimo à nacionalidade de origem, 5º - Os estrangeiros que possuírem bens imóveis no Brasil e forem casados com brasileiras ou tiverem filhos brasileiros, contanto que residam no Brasil, salvo se manifestarem a intenção de não mudar de nacionalidade.

Hipotetizando-se que a norma do artigo 6º do Estatuto reformado em 1922 tivesse sido conservada dos outros estatutos anteriores, o sócio da entidade que se naturalizasse ou por desconhecimento do dispositivo constitucional não tomasse as precauções cabíveis

para continuar com a nacionalidade italiana, seria excluído da sociedade.

Era, portanto uma sociedade constituída de somente italianos e descendentes de italianos que não abria mão dessa condição.

IDIOMA - A *Società Principe di Napoli*, desde a data da sua fundação, 11 de dezembro de 1892 até à data de 30 de janeiro de 1935, lavrou suas atas no idioma italiano, só deixando de proceder dessa forma por imposição legal do governo brasileiro. Até os últimos estatutos, pelo menos os editados em 21 de maio de 1922, elaborado pela *Commissione Riformatrice*, formada por Giovandomenico Perrella, Saverio Perrella, Paulo Perrella, Antonio Barile e Cezare D'Agostini, ainda, foram redigidos em italiano.

Por esse estatuto, o sócio novo para gozar dos benefícios médicos, farmacêuticos e pecuniários, tinha que cumprir um período de carência que era, mais ou menos, idêntico aos adotados pelos atuais planos de saúde. Mas as desvantagens com os sócios antigos não paravam aí. O novo sócio não podia, durante esse período, manifestar-se ou sugerir qualquer coisa durante as reuniões, a respeito de problemas da entidade. Durante um ano só podia freqüentar as reuniões, ouvir os problemas e ficar calado. Esse dispositivo estatutário, revestia-se de caráter anti-social e, por isso, não agradava a ninguém. O desinteresse pelo aumento do quadro social pelos sócios antigos foi envelhecendo a entidade, que aos poucos perecendo, até a sua dissolução, por ocasião de sua incorporação à Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, em 28 de setembro de 1988, encerrando suas atividades com os seguintes termos, lavrados em ata: *“Ao encerrarmos esta reunião, sentimos-nos honrados e felizes com a total presença de nossos sócios e também com a presença da diretoria da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, à qual nos incorporamos em 28 de setembro de 1988”.*

tano, à qual nos incorporamos em 28 de setembro de 1988”.

A Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano foi fundada 16 anos, oito meses e vinte e um dias depois da promulgação da Constituição da República do Brasil. Por ser uma instituição democraticamente aberta e considerada de natureza social, seu estatuto nada impunha quanto à nacionalidade das pessoas que se propunham ser sócios dela. Os estrangeiros de diversas nacionalidades residentes em São Caetano, na época, já representavam uma boa parcela da população. Por isso, a previsão da ascensão da entidade era considerada *favas contadas*. No primeiro ano de vida, de acordo com o relatório apresentado no dia 6 de dezembro de 1908 - exatamente 12 meses e vinte e um dias - ela possuía um quadro associativo de 76 membros que para a época representava um número significativo de famílias que começavam a beneficiar-se com a assistência programada. Seu estatuto classificava os sócios em três categorias: honorários, contribuintes e beneméritos. Os sócios-contribuintes gozavam de todos os benefícios oferecidos, já os sócios-honorários e os beneméritos só recebiam títulos honoríficos.

No relatório apresentado no primeiro ano de atividade aparecem como sócios-contribuintes: José Mariano Garcia Júnior, Bruno Rudner, Andréa Bocchi, Alfredo Bento, Ângelo Moretti, Dino Cavana, Bartholomeu Ferrero, Francisco Saquero, Francisco Prado, Joaquim Hilário, João Dell'Antonia, Manoel Cardoso, Matheus Peruque, Mondini Venerrio, Raymundo Ferrari, Umberto Cavana, Valentim Veronesi, Carmine Barile, Caetano Vicentini, Carlos Perin, João Broquim, Fortunato Broquim, Miguel Zucato, Serafim Constantino, Eugênio Miazzi, Antônio Benedicto, José Romaldini, José Bento, Igino Cesca, Américo Déa, Angelo

Zucato, Jacomo Garbellote, Pedro Lorenzini, Victório Tizzi, Luiz Beraldi, João Beirão Moreira, Jacomo Pizzato, Ângelo Cavana, Carlos Galiazzi, Eugênio Déa, Benedicto Cavana, Fortunato Naday, Gino Foratini, João Molinari, Caetano Copini, Francisco Sanchez, Benedito E. Santo, Manoel Rodrigues, Antonio Dell'Antonia, Romeu Renzi, Angelo Matielo, Sebastião D'Agata Parlato, Raguello Cesca, Pedro Revillio, Henrique De Martino, Alexandre Previato, Antonio Barile, Artemio Veronesi, Angelo Veronesi, Antonio Pereira, João Bischero, João Bento, José Pereira, Jorge Pereira, José Mantovani, José Fernandes Rodrigues, Jona Bischero, José Renzi, Bartholomeu Ferrero Filho, Benedito de Mattos, Pedro Mazetti, Izidro Dell'Antonia, Eugenio Cestari, Luiz Mantovani, Silverio Pereira, Jorge Fortini.

A Sociedade Beneficente Internacional Operária de São Caetano, para consolidar-se, nos primeiros meses de vida precisou contornar diversos problemas de ordem social, criados por um grupo pequeno de sócios. Ela que tinha se instituído alicerçada no princípio do bem-comum, logo sentiu o preço dessa faculdade. No terceiro mês de fundação, um grupo minoritário de sócios-contribuintes tentou desestabilizar o ideal da maioria, propondo a fusão das duas entidades.

FUSÃO – Quando a Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano foi fundada, a *Società Principe di Napoli* já existia há 14 anos, 11 meses e quatro dias. Já tinha uma certa tradição e um relativo patrimônio, era bem estruturada e organizada para o fim que se propunha executar, estando, por isso, em franca atividade. A Sociedade Beneficente Internacional tinha acabado de nascer, estava engatinhando e com sérios problemas de organização e de finanças. Era uma sociedade ainda sem nenhum patrimônio que estava lutando para a so-

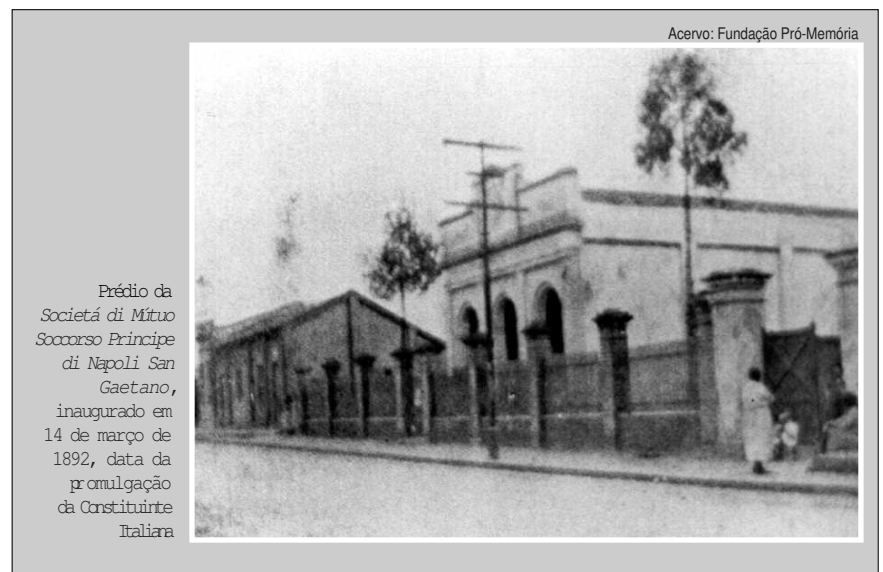
brevivência e formação do quadro associativo que lhe iria fornecer a única fonte de renda para as atividades. Enquanto a primeira já estabilizada não tinha problemas, a segunda procurava sanar os inúmeros que estavam surgindo, devido à pretensão de um pequeno grupo. Na oportunidade, ser sócio da *Società Principe di Napoli* trazia certas vantagens não só pelo benefício que proporcionava, como também dava ao associado um *status* privilegiado na comunidade.

Um pequeno grupo de sócios da Sociedade Beneficente Internacional, que não reunia condições - não eram italianos e tampouco descendentes - resolveu, liderado pelo vice-presidente da entidade, tentar uma maneira de filiar-se à *Società Principe di Napoli*, propondo uma fusão entre ambas. Essa idéia, proposta inexplicavelmente na Assembléia Geral do dia 16 de fevereiro de 1908, encontrou certa resistência por parte da maioria dos participantes, com diversos apartes. Ela foi apresentada pelo próprio vice-presidente que naquela ocasião presidia a reunião, tendo em vista a ausência do presidente da sociedade. Nessa mesma assembléia, também inexplicavelmente, o vice-presidente, verbalmente, apresentava o pe-

dido de demissão de José Mariano Garcia Júnior. Esse pedido, depois de discutido longamente, não foi aceito pela maioria dos sócios presentes que fizeram constar em ata: *a demissão não podia ser aceita pelo motivo de o presidente não estar presente*. Nas assembléias, tanto ordinárias como extraordinárias, a presença dos sócios era obrigatória, quando não houvesse justificação. Dessa maneira, o presidente não ignorava a norma estatutária, por isso foi estranha essa atitude omissiva.

Após a decisão do pedido de demissão do presidente, o vice, novamente usando a palavra, submeteu à Assembléia a seguinte sugestão: *"...que a sua vontade, e como a de muitos sócios era a de fazer a sua proposta, para a Società Principe di Napoli, se aceitava fazer fusão"*. Artemio Veronesi, na discussão ponderou que o problema envolvia as duas sociedades e por isso ele devia ser discutido, primeiro, entre as duas diretorias. O caso não podia ser discutido unilateralmente, porque envolvia problemas complexos das sociedades.

Essa idéia foi aprovada pela maioria e o problema ficou transferido para nova assembléia. Na semana seguinte, na primeira reunião extraordinária - Ata nº 5 - do dia 23 de fevereiro de



Prédio da
*Società di Mutuo
Soccorso Principe
di Napoli San
Gaetano*,
inaugurado em
14 de março de
1892, data da
promulgação
da Constituinte
Italiana

Acervo: Fundação Pró-Memória

1908 - o presidente em exercício, José Mariano Garcia Júnior, abrindo a sessão, passou de imediato a palavra ao vice-presidente Bruno Rudner que assim se manifestou: "...que pelo momento não se dava a demissão ao presidente, até ver se conseguia a fusão das duas sociedades, o senhor Presidente também achou conveniente de continuar com seu cargo, aguardando o seu pedido para outros momentos que achar conveniente". Nessa reunião nada foi decidido a respeito da sugestão apresentada pelo sócio Artêmio Veronesi e nem outra qualquer a respeito da proposta de fusão.

Na reunião da diretoria - Ata nº 6 de 3 de abril de 1908 - o presidente em exercício, abrindo os trabalhos, depois de mandar lavrar um voto de protesto contra o vice-presidente, por não estar presente na reunião, solicitou ao secretário para ler a carta enviada pela *Società Príncipe di Napoli*, pela qual alegava ser impossível a fusão pretendida, visto que "*seus estatutos, por vários artigos que neles contêm, não permitem fazer-se a fusão entre as duas sociedades*".

O presidente, diante da recusa, mandou que fosse consignado em ata seguinte: "...ficando declarado de não dar resposta alguma a respeito da recusa, ficando a presente carta guardada para qualquer momento que se possa precisar".

A missiva da *Società Príncipe Di Napoli* não agradou àquele grupo que pretendia conseguir a fusão, principalmente ao presidente que implicitamente demonstrou despeito à resposta, pelo que mandou constar em ata a frase: "...ficando, a presente carta para qualquer momento, que se possa precisar". Isso dava um sentido de uma expectativa de *vendita*.

Pesquisadas as atas da *Società Príncipe Di Napoli* referentes ao período de 2 de fevereiro de 1908 a 5 de julho de 1908 do mesmo ano, termo em que só foram realizadas duas reuniões,



Avenida Conde Francisco Matarazzo, esquina com a rua João Pessoa - piso de terra - 1929, vendose em segundo plano à direita o prédio da Sociedade Beneficente Internacional, um dos poucos prédios com dois pavimentos em São Caetano, indicado pela seta

nada consta sobre qualquer discussão a respeito do problema da fusão das sociedades. Deduz-se daí que o problema não foi levado em consideração pela *Società Príncipe di Napoli* em nenhum nível, tanto de diretoria como de assembléia. A carta recebida pela Sociedade Beneficente Internacional deve ter partido de algum diretor, talvez depois de ter consultado os demais, sem que tivesse sido o assunto tratado com o respeito que merecia.

Em parte, a *Società Príncipe di Napoli* tinha suas razões para não aceitar a proposta da fusão, porque, dentre aquelas de não extinguir aquele princípio de admitir pessoas da mesma origem, idioma, costumes, etc., tinha conhecimento de que o interesse da união era de apenas um pequeno grupo de sócios da Sociedade Beneficente Internacional que em condições normais não conseguiria se filiar a ela.

Essa tentativa não foi a única na vida das duas sociedades, idéia sempre rejeitada pela *Società Príncipe di Napoli*. A união das duas sociedades nunca poderia dar certo por que os ideais políticos delas eram antagônicos, condição que a História encarregou-se de provar.

Presentemente, apesar de dificultar

a admissão de novos sócios, a Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano é atuante, beneficiando um reduzido número de associados e suas famílias.

Notas:

1. **Subúrbio**, José de Souza Martins, Editora Hucitec, 1992.
2. Atas da *Società di Mútuo Soccorso Principe di Napoli - San Gaetano*.
3. Atas da Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano.

(*) *Henry Veronesi é advogado, administrador de empresas, ex-radialista do programa ABC em Marcha, ex-presidente da Ordem dos Advogados (Sub-seção de São Caetano do Sul), ex-diretor da Caixa de Pensões dos Funcionários Municipais de Santo André, ex-presidente das Comissões de Licitações e da Comissão de Reforma Administrativa (Corad) da Prefeitura Municipal de Santo André, ex-diretor do Departamento da Fazenda e do de Administração da Prefeitura Municipal de Santo André, ex-presidente do Conselho do Colégio Alcina Dantas Feijão, ex-diretor do Departamento de Administração da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, ex-conselheiro da Fundação Pró-Memória*

A Revolução de 32: o ataque ao capão de mato e o rapaz de São Caetano

Arnaldo TREBILCOCK(*)

A revolução constitucionalista de São Paulo, em 1932, foi algo tipicamente brasileiro: uma gritante coleção de contrastes.

Ao lado de um movimento cívico maravilhoso, quando mais de 70 mil jovens - de 19 a 25 anos - se apresentaram para a luta; ao lado do ardor, entusiasmo e vontade indômita da comunidade paulista, da Capital ao mais recôndito lugarejo do interior ao litoral; ao lado a vibração patriótica que dominou o Estado inteiro; ao lado a firme determinação dos voluntários em varrer a praga que contaminava a vida sadia do País..., contrastando com a beleza moral, o impulso cívico - emergiu a vaidade idiota de um *generalzinho*, comandante em chefe do exército paulista assessorado por um punhado de oficiais de alta patente veteranos ou recém-nomeados, que decidiram armar, planejar, estruturar a revolução que já sabiam derrotada.

A revolução, no dia 9 de Julho, teve dois chefes militares, um general, veterano em pronunciamentos, queria uma arrancada geral rumo ao Rio de Janeiro, jogando toda tropa paulista num ataque direto pelo vale do Paraíba, pelo território mineiro e pela costa... Outro general, militar de carreira, adepto do manual do Exército Brasileiro, cópia do manual do exército da França, preferia a luta de posições com fortalecimento das fronteiras, trincheiras e casamatas; queria isto o *generalzinho*, empolgado pela vibrante massa de manobra, os mais

de 70 mil voluntários monitorados por grupos do Exército e os bons quadros da Força Pública de São Paulo que iniciaram a revolução. Convenceu, usando todo o peso de seus galões os manhosos chefes políticos que sonhavam reconquistar o poder administrativo do País. E assim foi: o primeiro general foi relegado a um posto burocrático e o general fogoso tornou-se dono da revolução!

CENÁRIO - A primeira metade de julho apresentava este cenário: Setor Norte o mais ativo: os paulistas tinham avançado rumo ao Rio e

ocupavam posições próximas a Resende, já no Estado do Rio; setor Oeste: a coluna Romão Gomes penetrava território mineiro até quase Poços de Caldas; o Setor Sul abria trincheiras em Itararé, formando uma linha de defesa, com tropa de Infantaria despreparada, mal armada, com pouca munição, escassa artilharia e um incerto destacamento de cavalarias; quanto ao litoral pouco existia: o porto de Santos bloqueado pela esquadra legalista numa ação limitada, sem desembarque de fuzileiros a ocupar o porto e território além.



Acervo: Arnaldo Trebilcock



Voltando de um reconhecimento, Julho de 1932

Ao assumir sozinho o comando o tal general determinou um recuo nos setores Norte, Oeste e Sul e o estabelecimento de linhas de defesa nas fronteiras. No Sul, Faxina - (hoje Itapeva) foi ocupada e dias depois evacuada, recuando os paulistas até Itapetininga.

SACRIFÍCIO - É a revolução paulista que os políticos que a planejaram e o *generalzinho* que

o comandou sabiam já na metade de julho fadada à derrota, seguiu sua rota por mais quase três meses... queimando recursos e desperdiçando a vida de milhares de jovens que continuaram sofrendo frio nas matas do Sul, pisando barro nas trincheiras do Oeste e sacrificando-se ao Norte, no tão famoso túnel.

Generais vaidosos e políticos

Acervo: Arnaldo Trebilcock



O autor, um aviador, dois soldados de outros batalhões e uma enfermeira-chefe (com o noivo). Itapetininga, Agosto de 1932

safados planejaram manter a luta por mais 60 dias, quando poderiam apelar para o *estado de beligerância* permitindo aos revolucionários buscar alianças fora do País. Emisários foram enviados sem sucesso algum. Em meados de setembro iniciaram negociações tentando um armistício. Nada conseguiram e em fins de setembro, no dia 26 capitularam amargando a rendição sem condições!!!

Algumas centenas de jovens deram suas vidas, morrendo inutilmente por uma causa perdida. Mas, o *generalzinho* encheu seu peito flácido de orgulho ao demonstrar o quanto era profissional e como sabia manobrar seu exército, avançando ou cedendo terreno passo a passo, sempre lutando e bradando aos céus seu valor bélico, reluzindo ao sol medalhas que valiam tanto quanto algumas tampinhas de cerveja *Caracú*.

ODISSÉIA - De 9 de junho a 28 de setembro os voluntários e os contingentes da Força Pública, junto a alguns pelotões do Exército que aderiram no primeiro dia, além de grupos de cavalaria de Mato Grosso, escreveram uma odisséia de ardor-cívico, espírito de luta e vontade sem jaças em todo o Estado - de Itararé a Mogi-Mirim, de Queimada às praias santistas.

Na metade de setembro tomei parte numa escaramuça, no setor Sul, num episódio chamado ataque ao capão de mato. Transcrevo aqui com toda frieza e sem a menor empolgação, o relato de quem comandou a ação:

“Em 12 de setembro, separado de meu batalhão por um desencontro de informações, me vi repentinamente agregado a outro destacamento que preparava a conquista de um capão de mato qualquer no topo de uma pequena colina ocupa-

da pelo inimigo. O coronel que planejara a ação conversou comigo e vendo em mim um jovem tenente que estava em campanha há mais de dois meses, incorporou-me a seu destacamento, promovendo-me no ato a capitão. Participei das reuniões de oficiais que debatiam e aprimoravam o ataque marcado para a madrugada de 16 de setembro. Logo após minha promoção fiz alguns giros de inspeção, buscando principalmente conhecer os rapazes que ocupavam o flanco esquerdo e que foram descritos como verdes isto é recém-chegados ao campo de luta, com pouca ou nenhuma experiência de campanha. Conversei com muitos: todos joviais e alegres, entusiasmados pelo próximo batismo de fogo! Um entre todos chamou minha atenção:

jovem, aparentando não mais do que 19 ou 20 anos, não deu seu nome, dizendo apenas ser o rapaz de São Caetano, apodo que os companheiros impuseram e que ao correr dos dias encolheu num simples, ei Caetano!. Bem falante, alegre, extrovertido o ei Caetano tornara-se popular entre seus companheiros e centro de alegres brincadeiras.

AUTONOMIA - O ei Caetano estava eufórico pois, dizia, iria cumprir seu dever por, finalmente entrar em ação! Esfuziante, alegre, ardoroso, falou muito, esquematizando o que ele considerava um ataque vitorioso! Várias vezes repetiu um conceito: lutaria por São Paulo, pela Constituição, pela derrocada da ditadura infame e, principalmente para que seu torrão natal pudesse, pelo valor de seus voluntários, conquistar seu lugar ao sol, deixando de ser um distrito, tornando-se autônomo. Conhecedor íntimo de São Caetano, enumerava as fases de crescimento do distrito, suas indústrias, seu co-

mércio e, sobretudo, o elevado grau de cultura de sua juventude. Deblaterava as manobras de políticos ambiciosos que durante décadas conseguiram manter São Caetano em patamar administrativo inferior. Quanto à Revolução enaltecia a luta, convencido que São Paulo alcançaria a vitória pela competência(sic!) de seus oficiais e pela bravura indômita de seus soldados... antevia as marchas da vitória pelas ruas das cidades, em primeiro lugar seu amado distrito São Caetano - as aclamações, os aplausos dos mandatários, os mil beijos das garotas... e tudo mais! Enfim, demonstrou ser, como seus companheiros... verde... totalmente verdes, absolutamente verdes... Seu entusiasmo, sua vontade de lutar de verdade, seu apego a uma férrea disciplina, fariam dele certamente um verdadeiro guerreiro, se seu sargento e seus tenentes soubessem canalizar o entusiasmo do rapaz e dos demais que compunham o destacamento, não todos

sancaetanenses, instruindo-os sobre as agruras e euforia dos combatentes; mas tanto sargentos como tenentes sabiam pouco, quase nada, por serem também voluntários, graduados por serem ex-alunos dos Tiros de Guerra, mas relativamente verdes também... Conversei muito com o ei Caetano tentando por um pouco de ordem no entusiasmo do rapaz. Senti a mágoa de não tê-lo sob meu comando direto, pois sabia que teria ele sido um companheiro leal e confiável que saberia, conforme o momento ser audaz e cauteloso. Conversamos muito, expusemos nossos ideais e nossos sonhos. Trocamos, como velhos amigos, o lenço que levávamos ao pescoço, iguais em tecido e tamanho. Despedi-me marcando um novo encontro quando poderíamos conversar mais longamente e livres da tensão que, embora tentássemos ambos esconder, dominava nossos espíritos.

ATAQUE - Altas horas da noite do dia 15 houve uma reunião fi-



Reunião dos soldados de vários batalhões, Sorocaba - Setembro de 1932

nal do comando para, mais uma vez esquematizar o que cada corpo Infantaria e Cavalaria faria ao iniciar o tão esperado assalto ao capão de mato... Não houve o tradicional cinematográfico acerto dos relógios mesmo porque poucos eram os que tinham um relógio, algo ainda um tanto escasso em pulso de estudantes e comerciários, sem sobra de mesada e ordenado para comprar algo, então ainda um luxo...

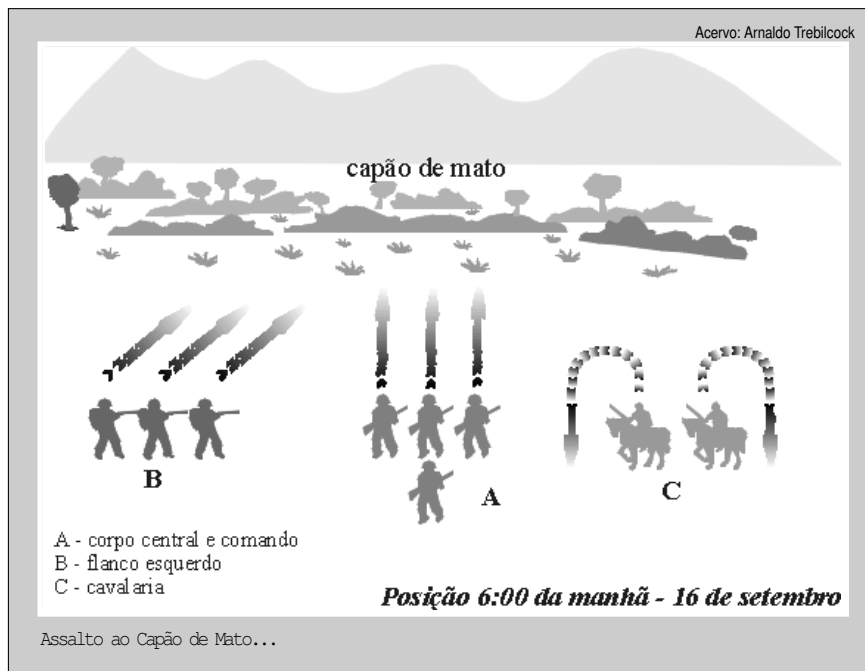
Às quatro horas da madrugada do dia 16, o coronel que armara toda a ação, chegou para supervisionar e dirigir tudo! A primeira surpresa: o major que comandaria em campo a batalha... sumira!!! No meio da noite um sentinela solitário tinha visto o ínclito oficial cavalgar tranquilamente rumo à cidade mais próxima, pondo em prática a famosa máxima: melhor um fujão vivo do que um herói morto!! Largou nas mãos do coronel um saboroso abacaxi. Alguns oficiais, eu com maior insistência, aconselhamos o cancelamento da ação ou o adiamento por alguns dias. Mas o coronel, oficial não de carreira, mas um simples FNC como todos os graduados ao redor queria efetuar a ação. Ponderou que o general comandante do setor havia aprovado e elogiado o plano o que não lhe dava meios para cancelar ou adiar. Solucionou rapidamente o problema: buscou o capitão mais veterano e com maior experiência, no caso eu - fez-me major dando-me o comando de campo! O desgraçado passava o abacaxi a outras mãos, conservando sua posição de comandante em chefe, bem amparado na retaguarda segura! Minha recusa era impossível: ao redor três ou quatro capitães e um punhado de tenentes aplaudiram a nomeação...

E assim, às cinco horas da manhã do dia 16 de setembro, começou

o ataque. Havia um determinado número de infantas distribuídos em dois corpos e um pelotão de cavalaria.

Com a maior cautela, evitando ao máximo ruídos de deslocamento, a infantaria avançou: em poucos minutos desceu ao vale e iniciou a subida da colina, rumo ao topo e ao tão cobiçado capão de mato. Ao alvorecer a cavalaria deslocou-se rapidamente chegando à orla do mato, em missão de reconhecimento, fustigação e cobertura do flanco direito. À esquerda o destacamento dos verdes avançava aos poucos e tomava posição. O destacamento principal, ao centro, formado por tropa veterana incluindo o comando, tomava posição pouco além da metade da colina. Às 6h30, teve início o assalto. A cavalaria avançou, fustigou e voltou à posição de respaldo. Ambos os destacamentos de infantaria abriram fogo, gastando uma parte de sua munição. A reação do inimigo foi rápida e pesada: sem sair do mato, sem se expor e sem revelar sua força nem

seu armamento pesado desferiu várias rajadas de metralhadoras pesadas, concentrando sua metralha sobre o destacamento à esquerda... Os rapazes do flanco esquerdo, surpreendidos pela intensidade da metralha, mal dirigidos por seu capitão e seus tenentes totalmente ignorar na arte da guerra, estacaram por alguns minutos; interpretando o movimento da cavalaria com uma retirada, galopante, sem uma voz firme de comando, sentiram-se abandonados e recuaram. Pararam, talvez à ordem de algum oficial mais sensato. Deitaram sobre a grama, o capim abundante na região, o barba-de-bode empunharam seus Mausers e descarregaram boa parte de sua munição contra o capão de mato, sem saber que o alcance dos Mausers era de 200 metros e eles estavam a mais de 300 metros do mato! Levantaram e reiniciaram a retirada: nova metralha partiu do capão de mato; alguns caíram nunca soube se mortos ou feridos. Apavorados com as seguintes ra-



jadas, vendo a Cavalaria descer a galope a colina; a Infantaria do centro imóvel, entrou em pânico. A debandada foi geral, viu-se soldados correndo para todo o lado, buscando abrigo atrás de raras árvores, correndo sem parar; em poucos minutos sumiram...

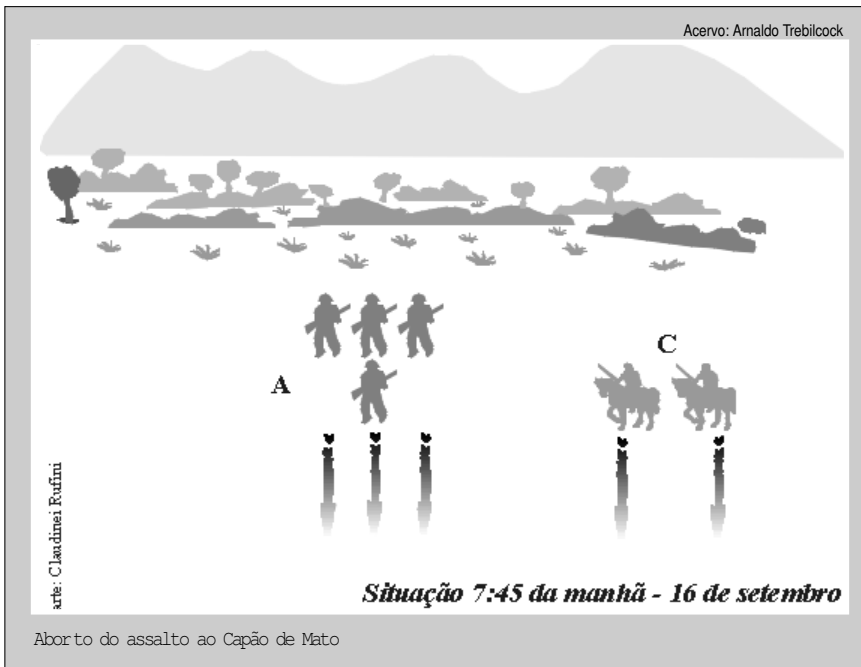
DECISÃO - Chegou a hora mais crucial em minha vida ainda curta. Como comandante de campo tive que tomar uma decisão rápida: continuar o assalto ou abortá-lo. Avaliei em segundos a situação da tropa sob meu comando e que poder de fogo restava: o destacamento do centro tinha ainda, calculei, dois dos três pentes iniciais, o que significava 10 tiros para cada homem; as duas metralhadoras leves - F.M. - tinham duas faixas num total de 50 tiros. A Cavalaria tinha quase toda a munição inicial. Pouca munição. Se quisesse reagrupar e continuar o assalto, deveria desdobrar a linha central, tornando-a tremendamente dispersiva e vulnerável. Percebendo a situação o comando da Cavalaria, oficiais e tro-



Grupo de combate, descansando após a batalha! Setembro de 1932

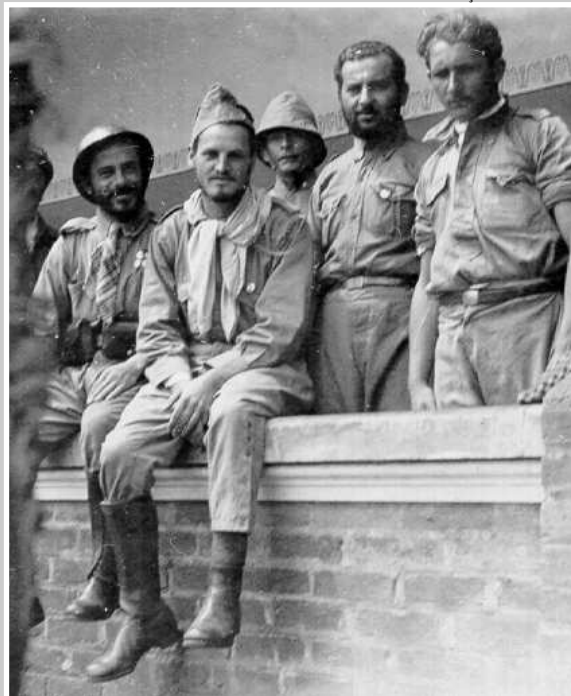
pa muito bem treinada, lançou numa carga rápida um cordão protetor. Avaliando o nosso poder de fogo, o número de homens ainda ativos e o que poderia acontecer a eles uma vez esgotados os poucos tiros, resolvi: determinei a retirada geral. Os infantes do centro, todos veteranos souberam efetuar a retirada de forma organizada e orde-

ra: corriam alguns metros, paravam e fingiam descarregar seus fuzis. Em uma hora tudo estava terminado: os rapazes de volta à trincheira, a Cavalaria de volta às suas posições, todos tentando se refazer do pesadelo vivido. Procurei saber onde estavam meus amigos verdes, especialmente o rapaz de São Caetano. Ninguém soube dizer algo a respeito. Os coitados, provavelmente guiados e incitados pelos oficiais tinham literalmente sumido além morro além vale, além rio, além horizonte. Nunca mais tive notícias daqueles voluntários e nunca soube se o ei Caetano morrera, fora aprisionado ou retornara à sua cidade... Ficou-me apenas a lembrança de um jovem cheio de vida, que amava sobre todas as coisas o seu distrito. Sei que muitos eram os sancaetanenses como ele, que formaram a legião que souberam lutar, não com Mausers de outras paragens, mas com canetas e votos (as únicas armas que os homens civilizados deveriam usar) e constituíram o núcleo base do hoje progressista município, o F da região...



Situação 7:45 da manhã - 16 de setembro

Aborto do assalto ao Capão de Mato



O autor sentado na mureta do hospital montado num convento - Itapetininga, 22 de Setembro de 1932

A retirada completou-se na melhor ordem; a infantaria voltou às posições com todas suas armas - fuzis e metralhadoras leves. A munição escassa, não mais, cada homem tinha três pentes - 15 tiros - mas menos de um pente - quatro ou três tiros.

Tudo isto relatei ao irado coronel que esbravejava contra a decisão de abortar o seu ataque. Não faltaram ao coronel palavras idiotas como covardes, poltrões e uma frase idiota, sem nexo: o senhor, major, é responsável pelo fracasso do assalto, uma verdadeira fuga perante o inimigo o que o levará a uma Corte Marcial.

Dois dias depois parti buscando retornar a meu batalhão; mas repentinamente uma dor aguda em meu tornozelo esquerdo acusou um ferimento a bala, brinde dos legalistas durante a ação. Em pouco mais de uma semana, pe-rambulei de um hospital de sangue montado na igreja de Grama-

dinho a outro hospital montado num convento em Itapetininga e finalmente à Santa Casa de Sorocaba. Aí está o relato completo de quem comandou a infeliz, desnecessária e espúria, ação do assalto ao capão de mato.

No dia 3 de outubro, terminou a saída dos voluntários do setor Sul. Por decisão do comando do setor, nenhum voluntário foi entregue ao inimigo: todos regressaram a suas casas.

IRRESPONSABILIDADE - O assalto ao capão de mato - desenrolado no dia 16 de setembro foi um dos tantos feitos, supostamente épicos, de autoria de generais, coronéis e outros que pontilharam o final da Revolução. Comandantes que, embora soubessem estar o movimento em seus últimos dias, foram suficientemente idiotas e ambiciosos ou vaidosos para tentar estampar suas marcas e dar-lhes talvez alguma medalha a mais que ostenta-

riam, pelos anos afora, em paradas comemorativas. Bem protegidos, ao amparo seguro da retaguarda, não hesitaram em arriscar a vida de milhares de jovens.

A eles dediquei e dedico meu maior desprezo. Que sigam, os ainda vivos, desfilando suas tampinhas de cerveja *Caracú*, lembrando sem uma ponta de remorso o dia em que um punhado de jovens acreditaram neles, oficiais de fancies - brilhantes guerreiros que ousaram enfrentar - em total segurança e por binóculos de longo alcance - o exército de Vargas.

Meu respeito e minhas lembranças aos que, correndo a formar batalhões e partindo para a luta sem saber que estavam sendo usados por homens de escassa valia que queriam unicamente satisfazer seu amor próprio ou sua ambição de poder. Fui um dos 70 mil voluntários. Não me arrependo do que fiz. Posso hoje viver de cabeça erguida, sem temer que surja alguém que me despreze.

() Arnaldo Trebilcock, estudou na Europa e terminou os seus cursos numa universidade italiana. Foi redator-chefe da Tribuna das Estâncias e redigiu artigos de fundo da Tribuna Latina. Doutor em Ciências Comerciais, atua como agente-geral para o Brasil de empresas fabricantes de maquinário e equipamentos para indústrias petrolíferas, petroquímicas e farmacêuticas*

A arquitetura religiosa no Núcleo Colonial de São Caetano

Nívio TESSITORE(*)

No início do século XIX, à época da chegada da Côrte ao Rio de Janeiro, a população escrava da cidade era de aproximadamente 12 mil cativos, representando 20% do total de habitantes. De acordo com o censo de 1821, a população negra da cidade era relevante e indicadora do papel que os escravos e libertos desempenhavam na sua economia (1). Como parâmetro para reflexão, com toda a certeza, esta passa a ser uma informação importante quando consideramos a questão do Núcleo Colonial de São Caetano.

A população negra, escravizada, constituiu o elemento básico da vida econômica e social do Brasil durante quase quatro séculos e em São Caetano a participação desse segmento marcou a produção das olarias na época da fundação da cidade. Estabeleceu-se com certa naturalidade a relação escravos x olarias. Não poderia, naquele momento, ser diferente considerando a forte influência beneditina na região que organizava o uso das terras, fluxo de mão-de-obra negra e consequente produção das primeiras manufaturas de tijolos, telhas e lajotas para as edificações. Essa influência caracterizava-se como a única força motora e aglutinadora do potencial de trabalho escravo original e centralizado e que ficava diferenciado dos ofícios desenvolvidos pelos cativos da cidade do Rio de Janeiro, tais como: sapateiros, costureiras, alfaiates, ferreiros, marceneiros, padeiros e barbeiros; eram aqueles, no entanto, os oleiros escravos da Fazenda de São Caeta-



A antiga Igreja Matriz de São Caetano, no Bairro da Fundação, em 1908

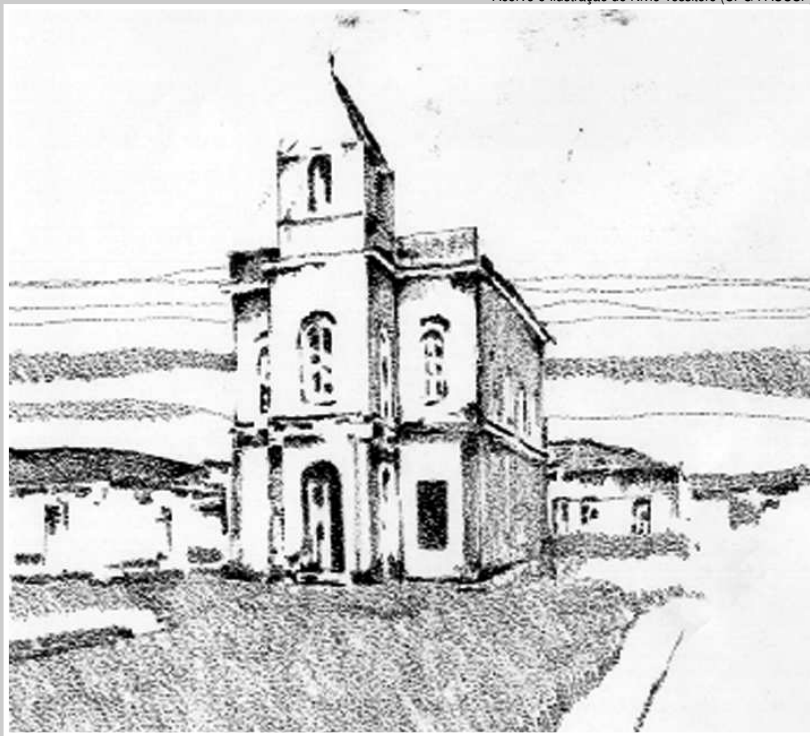
no. Mantinha-se a prática comum às sociedades escravistas de que todo trabalho manual ficava a cargo dos cativos.

O crescimento da escravidão negra está diretamente associado ao desenvolvimento da indústria cerâmica no interior da Fazenda de São Caetano, atividade essa que durou mais de 130 anos(2).

MATRIZ VELHA – Com a demolição da Igreja colonial (1717-1720), em 1883, construiu-se a Matriz Velha de tijolos com travamento estrutural, cobertura de telhas meia calha, vão livre interno sem apoio central e torre frontal com campanário. A cornija de concepção simples envolvia o corpo da edificação em dois níveis, sendo o segundo na altura do forro. Em 1908, na Festa de Santo Antonio, a torre

ainda não estava acabada, nem o revestimento externo previsto, apresentando todos os detalhes construtivos aparentes como por exemplo os arcos nos vedos superiores e inferiores, assim como as aberturas por onde as vigas transpassavam as paredes e apoiavam os andaimes.

Poderíamos visualizar como acontecia gradualmente a evolução da paisagem urbana. Desde os primórdios do surgimento do Núcleo até a abertura da rua 28 de julho, com o entorno apresentando alinhamento do casario conforme o lote urbano colonial até a substituição definitiva da terra nas ruas por pedras e valas das sarjetas aos moldes do traçado urbano estabelecidos pela edificação de São Paulo a partir de 1765, o tijolo, elemento modular do século



A velha Igreja Matriz de São Caetano do Sul, ainda com a antiga cúpula nos anos 20

XIX, viabilizou com sua produção nas terras administradas pelos beneditinos, a feitura lenta, mas contínua, de inúmeras edificações entre o Córrego dos Meninos e o rio Tamandua-teí. A Matriz Velha representava a principal realização daqueles colonos, quer do ponto de vista social e religioso, quer quanto ao aspecto construtivo da edificação. A Matriz Velha representa a arquitetura religiosa do final do século XIX, em São Caetano.

TIJOLO – Utilizado ao longo de toda a história, no século XIX o tijolo começa a ter importância própria, porque resume em si mesmo todo um processo de industrialização característico da época. Antes a arquitetura havia utilizado o tijolo como um material cumulativo (empilhado), que conformaria uma parede por meio do processo de travamento. No século XIX deu-se prioridade ao material como uma ca-

racterística determinante de uma arquitetura. Nesses casos o emprego do tijolo se fez com tal racionalidade que confere a esta arquitetura uma estrutura singular, tanto do ponto de vista técnico como formal.

Durante todo o século XIX, devido precisamente ao fato de o tijolo ter adquirido proporções fixas, o assentamento das peças com travamentos relativamente irregulares cede lugar a um processo construtivo racionalizado, prevalecendo os aparelhos. Essa nova forma de dispor os tijolos é uma técnica combinatória que fez com que o processo de adição fosse substituído por uma série de leis lógicas, propiciando às paredes características formais próprias e resistência mais definida. No final do século XIX, toma-se consciência de que a denominação genérica de aparelho do tijolo, referida à adequada disposição dos tijolos na alvena-

ria, adquire um valor específico em cada caso concreto, determinado pelas diversas maneiras possíveis de se dispor e travar as peças na parede.

Com isso, começam a surgir em toda a Europa publicações especificando algumas dessas leis combinatórias, que em suas origens são identificadas simplesmente com números. Como era comum, de região para região, a adoção de formas específicas de assentamento dos tijolos, passou-se a associar a denominação do arranjo com o nome do lugar. Daí, os aparelhos inglês, flamengo, holandês e belga.

Além das formas habituais de assentamento dos tijolos na alvenaria, em posição horizontal ou vertical, combinando comprimento e largura, existe também a possibilidade de assentá-los em posição oblíqua. O aspecto plástico da alvenaria aparente pode ser potencializado ainda com o aprofundamento, nivelamento ou ressalte das fiadas em relação à superfície da fachada, o que acrescenta atrativos matizes de luz e sombra. O aspecto cromático pode enfatizar-se utilizando, nas disposições anteriores, tijolos de tonalidades diferentes.

A arquitetura de tijolos do século XIX pode ser considerada uma resposta popular à arquitetura culta clássica. Nela, os mestres artesãos e os pedreiros modelavam sua liberdade, ajustando-se às simples leis da disposição decorativa, e concebiam sua arquitetura carregando-a de valores morais e locais.

A arquitetura de tijolos é normalmente concebida com estruturas de paredes portantes, qualquer que seja a tipologia do edifício, desde uma igreja ou um museu até uma casa modesta.

A arquitetura do século XIX propõe a homogeneização da alvenaria, com uma progressiva redução de sua espessura, graças à regularização de suas peças e juntas, o que permite

aprimorar suas características de resistência à compressão. A característica estrutural da parede de carga novecentista vai influenciar o projeto geral da edificação e, em nível de fachadas, vai repercutir diretamente na sua composição.

Na arquitetura de tijolos, o processo construtivo é aproveitado para explorar a expressividade do material, em um discurso técnico-formal baseado na forma de execução. Pode-se ver como razões formais, seguindo tendências estilísticas arquitetônicas, se impõem principalmente para determinar a forma dos arcos, explorando-se sempre a resistência à compressão dos tijolos.

Mais tarde, a arquitetura abandonaria o repertório formal da parede portante e do arco, que cedem lugar a novas técnicas e materiais. O arco é substituído pela verga, com sua capacidade de trabalho a flexão (3).

Na análise da Matriz Velha de São Caetano (1908) observaremos os seguintes detalhes construtivos:

a) na fachada principal abertura central e laterais com arco romano.

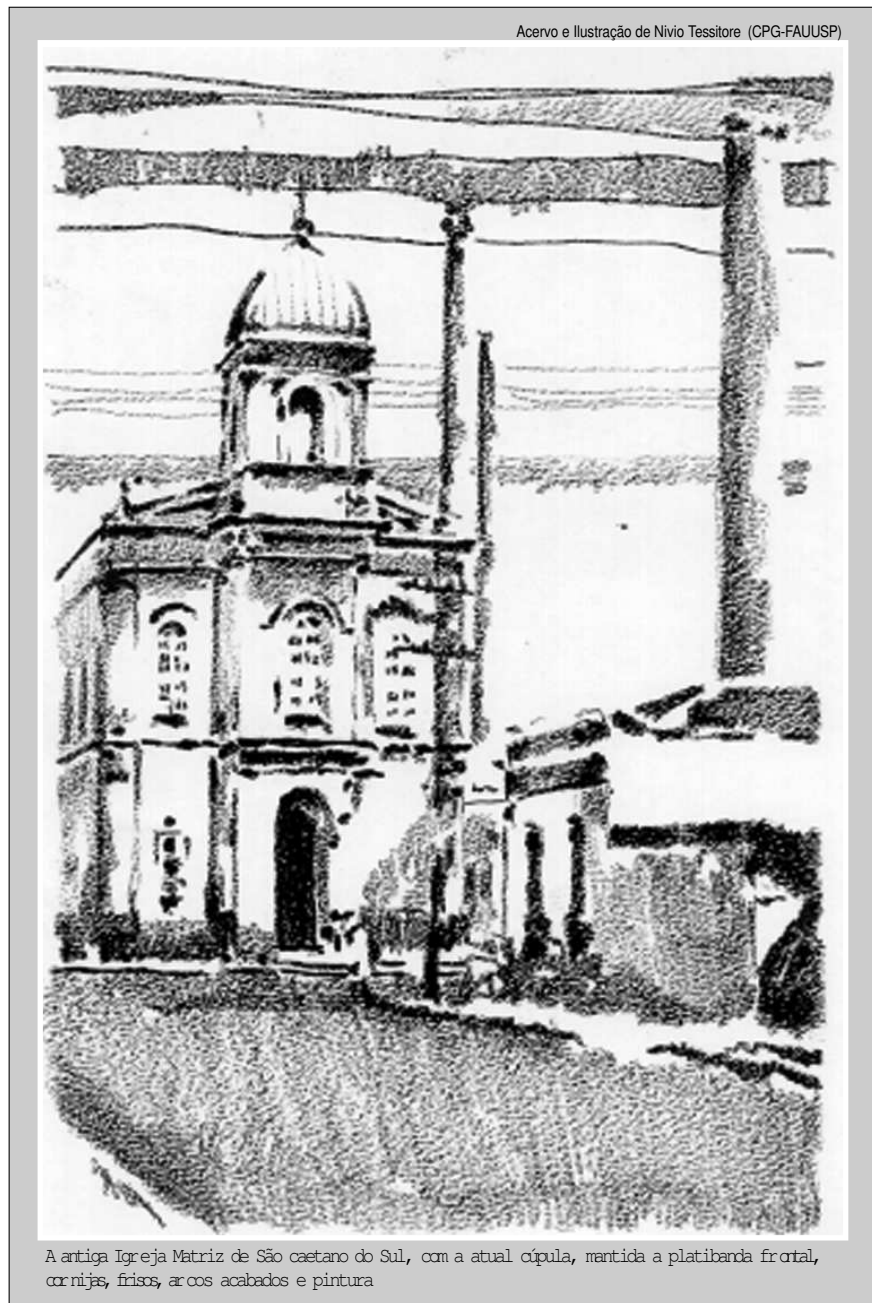
b) na fachada principal três aberturas superiores com arco romano, dotadas de esquadrias de madeira com vidros transparentes fixos.

c) na fachada principal campanário incompleto com cornija de fiada corrida na altura, simples, sem projeção, no alinhamento da parede.

d) nos quatro cantos, baixo relevo de alvenaria compondo com friso um emolduramento na parede.

e) em cada fachada lateral conjunto de quatro janelas, com arco romano, dotadas de esquadrias de madeira com vidros transparentes fixos.

f) cornijas com dois modelos diferentes pelas quatro vistas. A primeira cornija, dupla, fiada tipo corrida na largura, simples, correspondendo ao térreo completa o emolduramento com o baixo relevo; a segunda, tipo



beiral, saliente, fiada tipo corrida na altura acompanha o flexal de travamento, orna o superior da edificação com fechamento e cobertura.

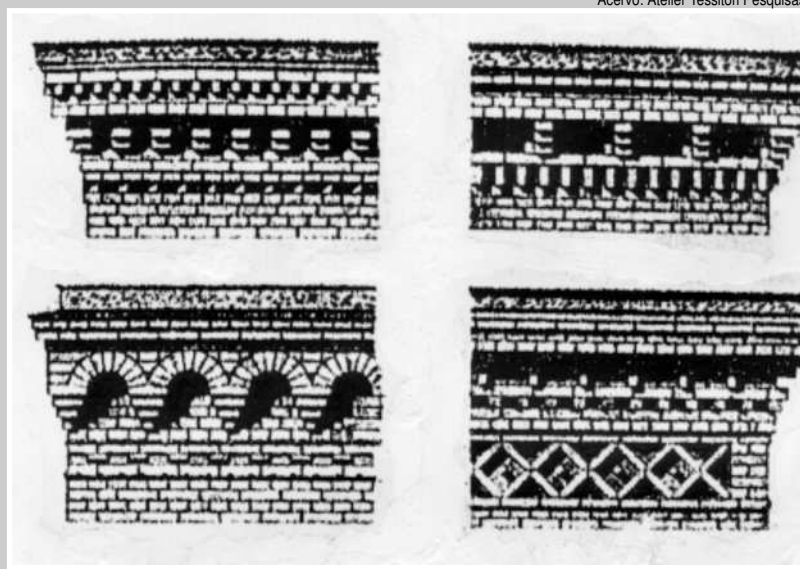
g) as duas fachadas laterais são desprovidas de aberturas de acesso ao público.

h) detalhe construtivo: orifícios equidistantes que serviam para transportar na parede os caibros suportes de andaimes. Na imagem, os caibros

que permanecem são aqueles do campanário, com certeza por ainda estar em fase final de execução.

i) ao lado direito da edificação, pequena construção de uma água de cobertura, abrigo do canteiro de obras utilizado para guardar ferramentas e acessórios pelos oleiros-construtores.

j) os arcos romanos das aberturas



Cornijas em elevação

de acesso e janelas superiores são emoldurados por fiada corrida na largura e sobrepostos ao pano de alvenaria acabado não fazendo parte do conjunto estrutural

l) espécie de platibanda compõe o conjunto superior acima do nível da cobertura,

m) à guisa de comparação segue conjunto de quatro cornijas com modelos executados na Europa na época da construção da Matriz Velha. A complexidade do feito demonstra o grau de desenvolvimento técnico e domínio do material daqueles artesãos-construtores comparados aos colonos que viviam em São Caetano. A técnica empregada apesar de ser a mesma não era usada em sua plenitude em virtude da carência de incentivos por parte dos artesãos da colônia, bastando simplesmente o necessário, o básico para se construir um igreja de uso da comunidade.

No entanto, São Caetano foi justamente um dos lugares escolhidos pelas elites de então para ensaiar a introdução do trabalho livre na província de São Paulo e tam-

bém do Brasil. E com ele uma supostamente nova concepção de trabalho despojada da negritude que trazia consigo a mácula do cativoiro. Eram fantasias, mas foi nessas fantasias que se moveram ricos e pobres, patrões e empregados.

Os colonos italianos trazidos para São Caetano, no entender das elites, deviam personificar uma nova concepção de trabalho. Em princípio, concepção de trabalho agrícola, introdução a um pensamento abrangente, de massa, de comunidade (mais tarde, específico, artesanal, personificado, onde o usuário fosse reconhecido como único consumidor do produto).

Sua primeira forma de organização, que expressava o que ele era, foi corporativa e religiosa. Teve, portanto, uma forma claramente pré-capitalista; não foi diretamente sindical (4).

CONCEITOS – A Igreja Matriz se completa em termos conceituais pela integração de espaço, forma e matéria. Como espaço entendemos sendo a relação entre o usuário e o ambiente; forma, a intenção de habitar e

matéria, a adequação ao meio natural. A relação entre o usuário e o ambiente se evidencia pela análise funcional da qual resulta o espaço qualificado. Trata-se da forma necessária, a resposta às funções exigidas e representa a concepção das condições orgânicas da igreja. Para um melhor detalhamento da análise da Igreja Matriz poderemos colocar alguns pontos para reflexão, tais como implantação, estabilidade, proteção zênital, vedação, circulação, comunicação e conforto ambiental.

Bibliografia

- (1) Algrantí, Leila Mezan, História Econômica do Período Colonial, Ed. Hucitec/FAPESP, São Paulo, 1996.
- (2) Martins, José de Souza, A Escravidão em São Caetano, (1598-187), Associação Cultural e Esportiva Luís Gama, CEDI, Centenário da Abolição, 1988.
- (3) Argilés, Josep Ma. Adel, arquiteto e professor do Departamento de Construcción y Tecnologia Arquitectónicas da Escuela de Arquitectura- Universidade Politécnica de Madrid, Espanha.
- (4) Martins, José de Souza, Subúrbio, Ed. Hucitec/ Pref. São Caetano, 1992.

(*) Nívio Tessitore é arquiteto com graduação e pós-graduação, em nível de Mestrado na área de concentração Estruturas Ambientais Urbanas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). O texto publicado A Arquitetura Religiosa no Núcleo Colonial é parte integrante da tese de Doutorado A Evolução da Paisagem Urbana em São Caetano, na área de concentração Estruturas Ambientais Urbanas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP)

Na década de 70, o Município já teve parquímetros nas principais vias

Domingo Glenir SANTARNECCHI(*)

Desde a sua Autonomia, São Caetano vem crescendo e progredindo em ritmo acelerado, transformando-se de uma pequena cidade de 50 mil habitantes, em 1950, para os 150 mil habitantes de hoje. Isso, numa área exígua de apenas 15,185 km², apresentando uma densidade demográfica de 9.878 habitantes por quilômetro quadrado.

Assim, o problema de trânsito que se acentuou a partir da década de 70, motivou um maior planejamento do fluxo de veículos, e também o disciplinamento do estacionamento nas vias públicas.

São Caetano cresceu muito, tendo desenvolvimento acentuado a partir da década de 50, e como Município independente, houve necessidade de um trabalho muito grande através dos prefeitos. Ao longo do tempo, promoveram grandes realizações nos setores de infra-estrutura, escolas, prédios públicos, saúde, pavimentação, arborização, iluminação pública, telefonia, esportes e lazer, água e esgoto e tantas outras.

Resultado desse progresso, São Caetano recebeu vários *slogans* como *O Príncipe dos Novos Municípios Paulistas*, *Cidade Nova*, *Onde Escola não é Problema*, *Cruzada de Amor à Cidade*, *Projeto Vida*, *Cidade de Primeiro Mundo*, *Rumo ao ano 2.000*.

PARQUÍMETROS – Em 1977, quando se agravou o problema de estacionamento, a cidade adotou o Sistema de Parquímetros, durante o governo do prefeito Raimundo da Cunha Leite e do vice João Dal'Mas.

O parquímetro é um aparelho de origem norte-americana, colocado em cima de um pequeno poste metálico contendo um visor e um ponteiro que indi-

Era inaugurado o Sistema de Parquímetro defronte à agência do Banco Itaú da rua Manoel Coelho, pelo prefeito Raimundo da Cunha Leite. Ao seu lado, da esquerda para direita: Michel Haber, presidente da Aciscs; Mustaphá Abduni, diretor da Aciscs; Naur Ferraz de Mattos, diretor da Fazenda (terno branco e camisa preta); Jayme Melsohn, diretor da Duncan (com a capanga debaixo do braço); Aloísio de Oliveira Ribeiro, diretor da Duncan e Raimundo Wandir Della Negra, chefe do SMT (de camisa preta listrada)



Acervo: Domingos Glenir Santarneccchi

ca o período que o veículo poderia estacionar na vaga demarcada no leito da rua. Possui uma abertura para a introdução da ficha, vendida no comércio em geral, e um pequeno cofre onde são depositadas as fichas até o seu recolhimento.

A implantação ocorreu no dia 24 de outubro de 1977, através da Lei n.º 2.428, de 23 de junho de 1977, e regulamentada pelo Decreto n.º 4.377 de 28 de junho de 1977. A firma concessionária era a Duncan - Comércio e Indústria Ltda., que controlava e operava os parquímetros.

A área parqueada possibilitava o estacionamento em 500 vagas para veículos, distribuídas pelo centro da cidade nas ruas: Santa Catarina, João Pessoa, Conde Francisco Matarazzo, Pará, Rio Grande do Sul, Praça Cardeal Arco Verde, Baraldi, Manoel Coelho, Praça 1º Centenário (defronte à estação), rua Serafim Constantino, etc.

Da renda auferida pelos parquí-

metros, 60% destinava-se à firma concessionária que tinha a obrigação de operar o sistema, isto é, realizava a fiscalização, venda de fichas, manutenção dos aparelhos e aplicação de multas aos infratores. Os 40% restantes da renda eram entregues à Prefeitura Municipal que repassava ao Conselho Municipal de Serviço Social (Cosec), dirigido pela primeira-dama do Município, para utilização nas obras assistenciais.

A tarifa paga pelos usuários era de Cr\$ 6,00 (seis cruzeiros) para um tempo máximo de duas horas. O estacionamento podia ser de menor tempo, passando a tarifa para Cr\$ 3,00 por uma hora; Cr\$ 1,00 por 20 minutos, ou ainda Cr\$ 0,50 por 10 minutos.

MULTAS – Os infratores que estacionassem e não carregassem o aparelho com fichas eram multados pelos 10 fiscais que percorriam todas as ruas parqueadas. Eles eram encarregados também de verificar o estado de funciona-



No dia de instalação do Sistema de Parquímetros, um usuário acionou o aparelho observado por populares. Destacam-se o prefeito Raimundo da Cunha Leite e o diretor da Duncan, Jayme Melsohn

mento dos aparelhos, avisando a concessionária se havia algum quebrado. Uma vez detectado o problema, o parquímetro era consertado; se surgissem multas oriundas daqueles aparelhos, elas eram canceladas.

As multas lavradas eram encaminhadas à Prefeitura, onde seriam analisadas por uma junta formada por quatro pessoas. Para os casos indeferidos, o nome do infrator era publicado no jornal oficial de Prefeitura e notificado a recolher a multa de Cr\$ 203,00. Caso contrário seria inscrito na Dívida Ativa do Município. Se fosse veículo da cidade não poderia ser licenciado.

O sistema de parquímetro funcionava bem, pois mantinha 500 vagas disponíveis, cuja rotatividade permitia o uso por 4.000 veículos diariamente, evitando assim que os comerciantes estacionassem defronte ao seu estabelecimento, deixando-os durante o dia todo.

Na Praça Cardeal Arcoverde, local mais procurado pelos motoristas, devido à existência de diversos estabelecimentos bancários, tornou-se possível estacionar a qualquer momento, pois sempre havia uma vaga disponível.

JAREM – O órgão encarregado da análise dos recursos impetrados pelos infratores era a Junta Administrativa de

Recursos Municipais (Jarem), nomeada pelo prefeito e estava assim composta: Presidente, Domingo Glenir Santarnecchi; Procurador da Prefeitura, Roberto Leandrini - presidente da Câmara; Aloisio de Oliveira Ribeiro,- diretor da concessionária Duncan; e Raimundo Wandir Della Negra - chefe do Serviço Municipal de Trânsito (SMT).

A Jarem reunia-se periodicamente, no Gabinete do Prefeito para apreciar e deliberar sobre os recursos apresentados. A primeira reunião aconteceu em 16 de novembro de 1977, às 14 horas, ocasião em que foram analisados 120 processos. Para ingressar com recursos, os infratores deveriam dirigir-se ao Protocolo da Prefeitura, no 1º andar do Paço, preencher um formulário próprio contendo as alegações, juntar a multa ou a cópia xerox e pagar a taxa de Cr\$ 8,40. O prazo de recurso era de 15 dias após a data da multa.

No início, o movimento diário de recursos apontava 25 processos, para 125 multas aplicadas diariamente. No mês de dezembro, período que antecedia as festas de fim de ano, o número de autuações era bem maior. Esse sistema não acarretava gastos para a Prefeitura e ainda recebia 40% da renda destinada às obras assistenciais do Cossec.

No período de outubro de 1977 a dezembro de 1978, foram aplicadas cerca de 70 mil multas, com uma média mensal de 4.666 autuações. O Jarem apreciou e julgou nesse mesmo período 538 processos de recursos, indeferindo 381 e deferindo 157.

CURIOSIDADES – O diretor da Duncan, Jayme Melsohn, na época declarava que não havia vandalismo contra os parquímetros. As depredações eram raras. O que havia realmente era um número alto de atos inconsequentes, na maioria das vezes atribuídos a jovens adolescentes. Assim, muitas vezes, num parquímetro eram encontrados grampos, clips, palitos de sorvete, etc. Esses objetos enfiados na fechadura não chegavam a quebrar o aparelho, mas bloqueavam o funcionamento, resultando em reparos técnicos.

Entre os infratores dessa época estavam diversos vereadores, que aprovaram a lei que instituiu o sistema, e depois não quiseram pagar as multas alegando inconstitucionalidade da lei que haviam aprovado. Alguns vereadores chegaram a ter mais de 100 multas, deixando de pagá-las.

Na época não existia isenção para ninguém. Os carros dos vereadores estavam obrigados a pagar pelo uso dos parquímetros, como faziam os demais usuários. Apenas estavam isentos os carros oficiais dos poderes públicos.

Antes de São Caetano, havia parquímetros apenas em Campinas e São José dos Campos, e posteriormente em São Bernardo do Campo.

(*) *Domingo Glenir Santarnecchi, é jornalista e pesquisador da cidade. Foi presidente da Jarem. É apresentador do Programa ABC Brasil da TV São Caetano - Canal 45*

ZF do Brasil, três décadas de atividade ininterrupta na cidade

Sergio Proto dos SANTOS (*)

O berço da ZF do Brasil S/A é a cidade alemã de Friedrichshafen situada no sul do país, às margens do Lago de Constança e próxima dos Alpes. Foi ali que o Conde Ferdinand von Zeppelin em 1908 fez alçar pela primeira vez seu dirigível voador, configurando assim o início de um empreendimento que culminaria com a criação, em 1915, da empresa Zahnradfabrik Friedrichshafen cujo desafio era desenvolver componentes para indústria aeronáutica.

Os problemas criados pela I Guerra Mundial levaram a ZF a encerrar a fabricação de dirigíveis, transferindo sua área de atividades para a indústria automobilística. Na década de 20, a então Zahnradfabrik Friedrichshafen AG passou a produzir caixas de câmbio e, na década de 30, direções.

Simbolicamente, a ZF chegou ao Brasil em 1930. Com o dirigível *Graf Zeppelin*, surgiu na escuridão da noite, apresentando-se à população da cidade do Recife, com a aparência de um enorme charuto iluminado, segundo o jornal *O Estado de São Paulo*, na época.

Em 1958, precisamente no dia 25 de setembro, é publicada no *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, Ata da Assembléia Geral Extraordinária realizada em 15 de agosto de 1958, constituindo a empresa ZF do Brasil S/A - Fábrica de Engrenagens, com sede à rua Senador Vergueiro, na cidade de São Caetano do Sul, Estado de São Paulo.

Mas foi em 13 de agosto de 1959 que a ZF instalou-se efetiva-



mente em São Caetano do Sul, comprando uma antiga fábrica de pregos, iniciando-se assim a trajetó-

ria da empresa no Brasil com uma área construída de 12.863 m². O Brasil foi o primeiro país, fora a própria Alemanha, a ter uma fábrica pertencente ao Grupo ZF.

INAUGURAÇÃO - Em 5 de julho de 1960, em cerimônia solene que contou com a presença de ilustres autoridades como o Almirante Lúcio Meira, responsável pelo projeto da indústria automobilística brasileira, e do então prefeito de São Caetano do Sul, Oswaldo Samuel Massei, são inauguradas as instalações que permitiram o progresso da ZF e da cidade que a abrigou durante quase quatro décadas.

Inicialmente a ZF produziu caixas de câmbio para o automóveis, mais especificamente para o DKW, na época produzidos pela Vemag, depois comprada pela Volkswagen, transferindo para o Brasil toda tecnologia, qualidade e precisão da indústria ale-



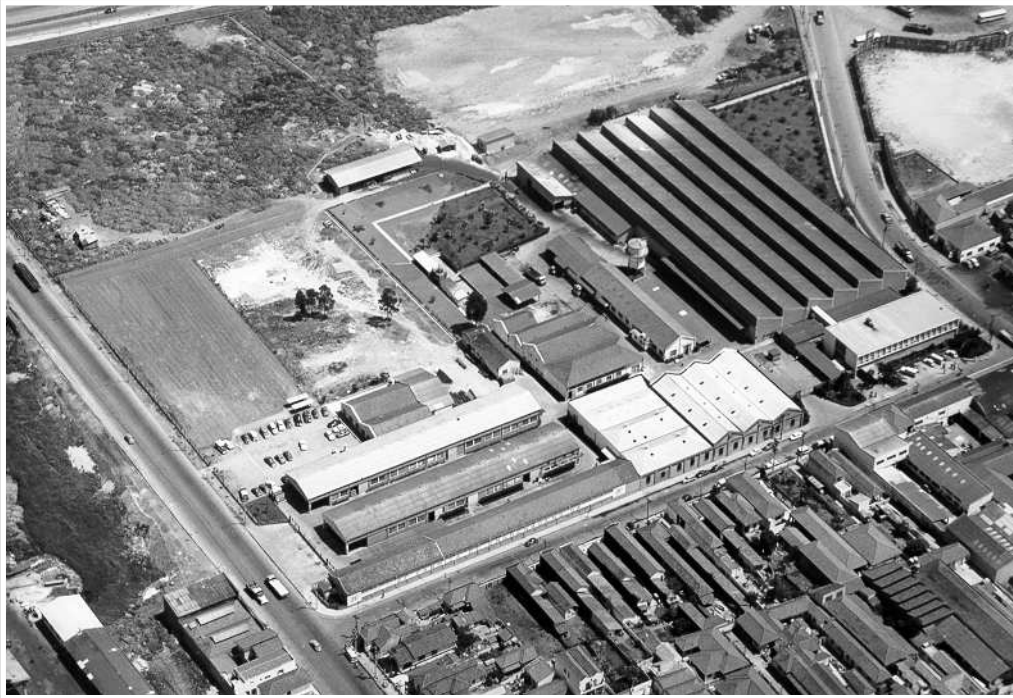


Foto aérea da ZF de São Caetano em 1968, área construída de 13.713m², aparecendo à esquerda a antiga rua Margarido Eres, que se transformou na década de 70, em uma das pistas da av. Goiás, no trecho entre a av. Senador Roberto Simonsen, e a marginal do Rio dos Meninos, atual av. Guido Aliberti

mã, colaborando, assim, para a eficiência da indústria automobilística brasileira.

Quando a Volkswagen decidiu parar a produção do automóvel DKW no Brasil em 1967, a ZF para ocupar as modernas máquinas que possuía nas instalações já reformadas da sua fábrica em São Caetano do Sul, e especializada que era na produção de engrenagens, começou a fornecer componentes para outras montadoras nacionais, substituindo as importações e colaborando para atingir os índices de nacionalização exigidos na produção de veículos, que foram impostos naquela ocasião.

Ainda na década de 60, passou a produzir transmissões (caixas de câmbio) para os caminhões Mercedes-Benz e FNM (posteriormente denominados FIAT). Passou também a produzir, de forma pioneira, direções hidráulicas de esferas recirculantes e bombas de óleo para cami-

nhões, ônibus, picapes e automóveis, poupando assim divisas para o País, as quais antes eram gastas com essas importações.

ESPECIALIZAÇÃO - A ZF, com o objetivo de colaborar na formação de um maior número de mão-de-obra especializada, firmou convênio com o Senai. Assim, organizou uma escola interna de aprendizagem, onde eram transmitidas diariamente aos alunos formação e treinamento básicos para um melhor desempenho profissional

O automóvel Opala da General Motors, em 1969, foi o primeiro veículo nacional a utilizar um sistema de direção hidráulica produzido no Brasil, pois até então só era possível através de importação. A partir daquela data, a ZF não parou de crescer.

A área construída somava 13.713 m² em 1970, com conclusão da primeira etapa do projeto, passando a produzir também os reversores marítimos para barcos de pesca e recreio. Foram acrescentadas tam-

bém as coroas e pinhões para o mercado de caminhões e engrenagens de distribuição para motores.

Em 1973, nova expansão programada na segunda etapa, elevou a área construída para 17.007 m². Um ano depois, teve início a produção de direções mecânicas, que viriam a equipar os veículos Passat da VW e Chevette da General Motors.

Já em 1975 com a construção do novo restaurante e expansão do almoxarifado, a área construída passou a 25.479 m², e, em 1976, somava 27.070 m². Passados dois anos, em 1977, já com 2.257 colaboradores, a ZF adquiriu terreno em São Caetano do Sul medindo 14.340m² para construir a sede do ZF-Clube.

Em 1977 a empresa adquiriu terreno em São Caetano do Sul medindo 14.340m² para deslocar parte da fábrica e construir a nova sede social do ZF-Clube o que ocorreu em 1980. **EVOLUÇÃO** - No final da década de 70, a ZF do Brasil S/A, contando

com 2.556 empregados, em uma área construída de 33.456m², dispunha de uma área total em São Caetano do Sul de 76.640 m² para investir e acompanhar a evolução da indústria.

Fornecendo seus produtos para a maioria das empresas dos setores automobilístico, agrícola, naval, máquinas e rodoviárias, bem como o mercado de reposição, a ZF do Brasil S/A em São Caetano do Sul, contava com os seguintes produtos em sua linha: direções mecânicas e hidráulicas, bombas de óleo, caixas de câmbio, direções hidrostáticas, reversores marítimos, *power shift*, caixa de transferência, coroa & pinhão, motores hidráulicos, engrenagens e eixos de transmissões.

Entre os principais clientes já figuravam Chrysler, FIAT-Diesel, General Motors, Massey-Ferguson, Mercedes-Benz, MWM, Scania, Valmet e Volkswagen.

Já neste período, a ZF fabricando uma linha de produtos de alta tecnologia e segurança, contibui de maneira significativa com a evolução da indústria automobilística brasileira. Nessa mesma época



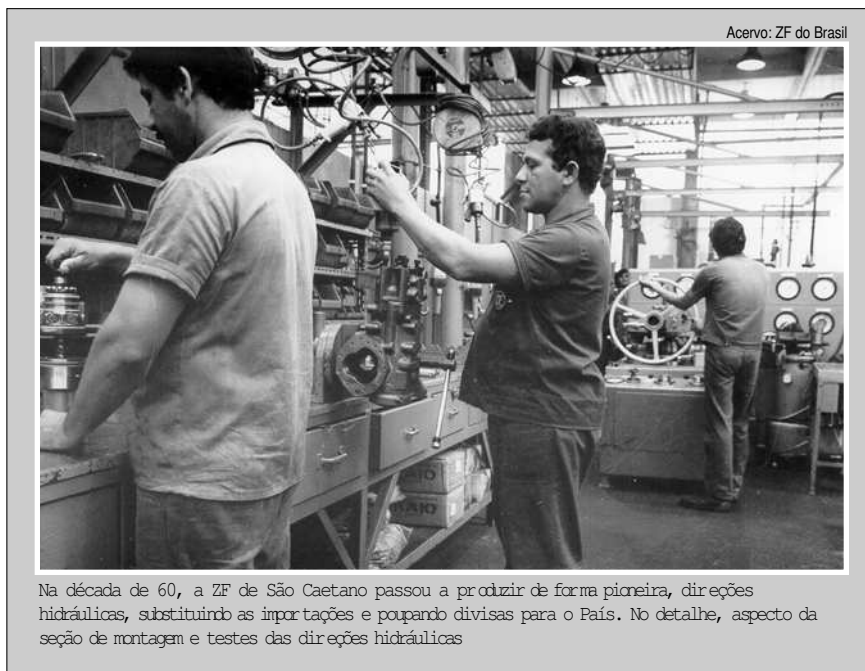
começa a exportar seus produtos para países da Europa, África e América Latina.

SOROCABA - Em 1979, a empresa adquiriu uma área de 692.000m², localizada no município de Sorocaba, São Pau-

lo, com área construída de 13.660m² para ampliar a linha de produtos e atender outros segmentos da indústria.

Cerca de um ano depois, a ZF do Brasil S/A produziu em São Caetano do Sul 244.800 mecanismos de direções e 102.600 bombas de óleo, produtos esses com índice de nacionalização acima de 92%, equipando automóveis, picapes e a maioria dos caminhões e ônibus produzidos no Brasil. Em dezembro de 1980, a área construída da empresa já atingia 38.502 m², enquanto em Sorocaba era de 13.660 m² com um contingente total de 3.038 colaboradores, sendo a maioria em São Caetano do Sul. Nesse ano, foram efetuadas exportações de US\$ 5,8 milhões sendo 96% destinadas ao mercado argentino.

Sempre atualizando seus produtos com a incorporação de avançadas tecnologias de sistemas de transmissões e direções, a ZF inaugurou em 1981 a unidade industrial na cidade de Sorocaba para produ-





Década de 50 –Foto da terraplenagem para a construção da fábrica da ZF. Ao fundo, a Avenida Delamare em direção ao bairro do Ipiranga

zir transmissões e eixos direcionais para máquinas agrícolas, reservando as instalações de São Caetano do Sul para ampliação da produção de sistemas de direções que englobava a caixa de direção, a bomba de óleo e o reservatório de óleo.

Com a inauguração da fábrica em Sorocaba, transmissões e outros componentes passaram a ser produzidas naquela localidade, abrindo-se, assim, espaço para ampliação da produção em São Caetano do Sul.

Em dezembro, 1982 a área construída da ZF do Brasil S/A em São Caetano do Sul já atingia 41.052m² enquanto em Sorocaba era de 19.727m². Três anos depois, a fábrica lançou as Direções Hidráulicas de Cremalheira e bomba de óleo 7671 para equipar os veículos da linha Santana, da VW e Del Rey, da Ford. Enquanto isso, na fábrica de Sorocaba eram introduzidos na produção os eixos direcionais tracionados para máquinas agrícolas, ampliando o leque de produtos no Brasil.

Sete anos depois, a ZF empregava

mais de quatro mil pessoas nas duas unidades. Em São Caetano do Sul contava com 2.248 colaboradores em área construída que somava 42.000 m² dentro dos mesmos 76.640 m² de área total da década anterior. Nesse ano o faturamento total da empresa (São Caetano mais Sorocaba) somou

US\$ 267,0 milhões. A capacidade produtiva em São Caetano ascendeu a 250.000 mecanismos de direções e 310.000 bombas de óleo.

No ano de 1990 a empresa inicia a produção da ZF-Servotronic, uma direção hidráulica com comando eletrônico que passaria a equipar as picapes D-20 da General Motors.

Por outro lado, no período entre 1990 e 1992 a ZF apresentou um faturamento médio na casa dos US\$ 200 milhões de dólares no conjunto das duas fábricas brasileiras, figurando entre as maiores autopeças do País. Esse faturamento foi direcionado, em média, 77% para o ramo automobilístico, 16% para máquinas agrícolas e os 7% restantes para os setores de embarcações, máquinas rodoviárias, etc.

Em 1991 foram lançadas as modernas direções hidráulicas da família Servocom que vieram a equipar a maioria dos caminhões e ônibus do Brasil e Argentina, e também caminhões da General Motors nos Estados Unidos. Um ano depois, foram apresentadas no mercado as bombas FP4 em alumínio, de aplicação exclusi-



Em 1985, a ZF passou a produzir em São Caetano direções hidráulicas de cremalheira, usando mão-de-obra feminina na produção



Antiga entrada das Indústrias Sant'Anna, na rua Vergueiro, demolida para a construção da ZF, em São Caetano

vas em direções de automóveis.

Após três anos desses lançamentos, a ZF contava em São Caetano do Sul com 1.345 empregados e com área construída de 49.130 m² dentro dos mesmos 76.640 m² de área total. Já em Sorocaba, os 1.877 empregados trabalhavam numa área construída de 73.656 m². Nesse ano o faturamento global da empresa foi de US\$ 258 milhões.

ISO 9001 - Foi também em 1994 que a ZF do Brasil S/A obteve da DNV-*Det Norske Veritas* a certificação de qualidade ISO-9001 num claro reconhecimento dos padrões internacionais praticados na empresa brasileira.

No final desse ano, a empresa apresentou ao mercado sua nova família de bombas de óleo denominadas de FN4 e FN 3.1 produzida em São Caetano do Sul, cuja principal característica estava na substituição das carcaças em ferro fundido por alumínio, mais compacta, com menor número de componentes, o que resultou em uma redução de peso de aproximadamente 40%, comprovando sempre a preocupação com o

avanço tecnológico de seus produtos.

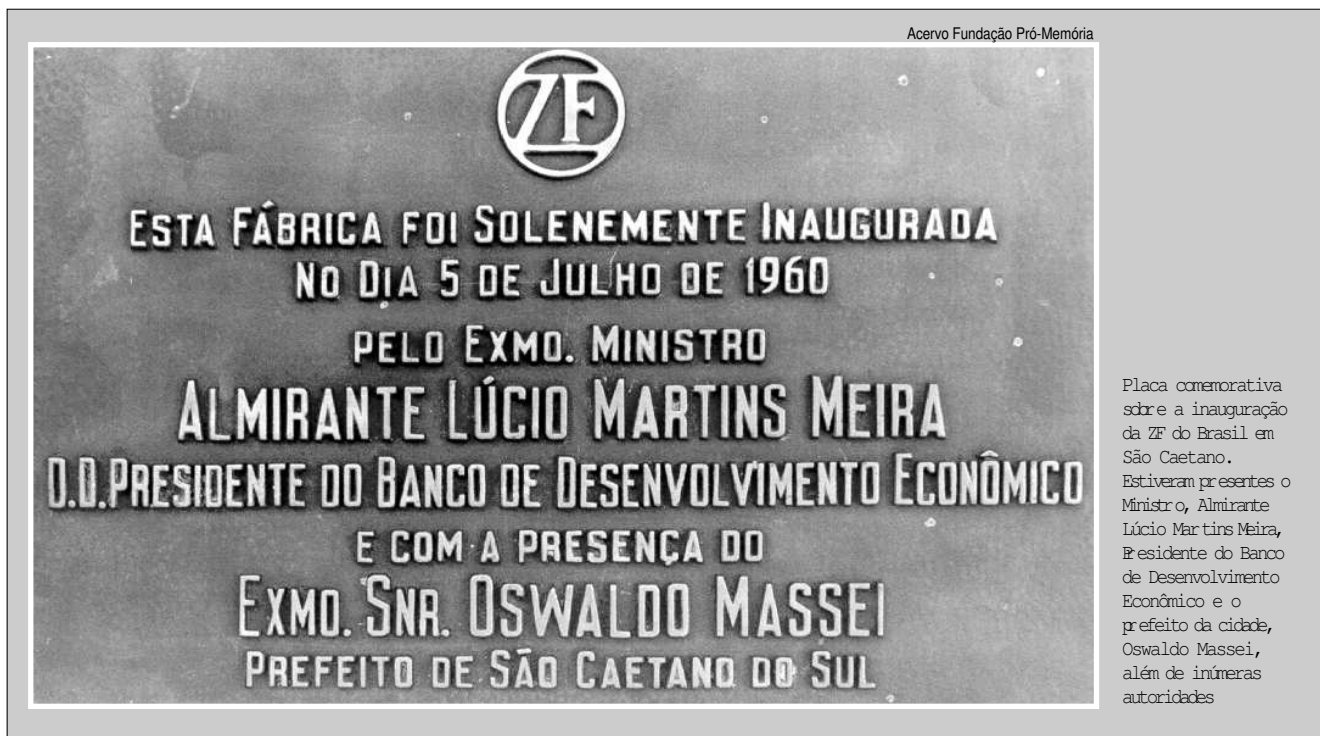
No ano de 1995, a empresa obteve um faturamento de US\$ 317 milhões terminando dezembro com 1.299 empregados em São Caetano do Sul (área construída de 50.688 m²) e 1.748 em Sorocaba (área

construída de 74.300 m²).

GLOBALIZAÇÃO - Quando a ZF contava com 2.694 empregados, dos quais somente 1.165 em São Caetano do Sul (isso em 30 de abril de 1996), assumiu a presidência da ZF do Brasil S/A Norberto Farina, com



Fachada da ZF em São Caetano no início dos anos 60, quando começou a produção de auto-peças



a incumbência de racionalizar as operações fabris e com a finalidade de adequar a empresa as novas regras do mercado internacional regi-

do pela locomotiva da globalização.

A unidade de Sorocaba foi escolhida como a nova sede no Brasil pelo fato de permitir futuras expansões

uma vez que a área ocupada representava apenas 10% de toda área disponível.

Em agosto de 1996 tem início o processo de transferência da produção de São Caetano do Sul para Sorocaba que durou cerca de 10 meses.

A partir de junho de 1997 toda operação da ZF do Brasil S/A foi consolidada em Sorocaba. Assim, o local onde a ZF esteve instalada em São Caetano do Sul por vários anos, hoje abriga o Hipermercado Extra.



() Sergio Proto dos Santos é gerente de Marketing na ZF do Brasil, responsável por Brasil e Argentina. Engenheiro Mecânico formado pela USP, com especialização em Administração Industrial, também pela USP*

O Rotaract Club é uma entidade que busca servir toda a comunidade

Erica RIERA (*)

Parte de um empenho global para trazer paz e compreensão internacional ao mundo, um Rotaract Club é mais do que um clube de serviços à comunidade. Assim, este trabalho começa em nível comunitário, mas desconhece limites quanto ao seu alcance.

É um clube que reúne rapazes e moças dinâmicos, energéticos, já que a palavra Rotaract vem do inglês *Rotary* mais *Action* (Rotary em ação). São jovens de cultura e interesses similares, que podem ajudar a resolver os problemas da comunidade, tornar-se líderes da mesma, e trabalhar para fazer a comunidade uma aliada no desenvolvimento de um mundo melhor.

Assim a organização de um Rotaract Club pode ser uma das atividades mais fascinantes para os jovens participantes, ou seja, a comunidade onde ele será fundado e o Rotary Club local.

FORMAÇÃO - E foi esta experiência que São Caetano do Sul viveu há cinco anos, quando em 1993 ocorreram os primeiros passos para a formação do Rotaract Club São Caetano do Sul

A iniciativa concretizou-se quando o então presidente do Rotary Club São Caetano do Sul - Oeste, Rafael Jimenez Lopez e o presidente da comissão pró-juventude deste clube, Eduardo Teani, reuniram o que seria o embrião do clube, com aproximadamente 20 jovens sob a liderança de Marcelo Rahal Coutinho.

Assim, após seis meses de reuniões, este se tornou o seu clube patrocinador, na presidência de Luiz Antonio Riera, que junto à jovem presidente Ailin Aleixo fundou em 27 de junho de 1994 o Rotaract Clube São Caetano do Sul, pertencente ao Distrito 4420 do Rotary International.

O conselho diretor fundador do clube era composto por Ailin Aleixo, Aylton José Figueira Júnior, Renata Messtriner, Washington da Silva Bianchi, Érica Riera, Úrsula Flores, Luiz Ângelo Lima Benedetti, Sérgio Uliana Júnior e Silvia Cristina Miranda e os sócios Fabíola Marques Amaral, Alexandre Gonçalves e Silvio César Moraes.

Inicialmente, os jovens companheiros se reuniam na biblioteca da extinta Unifec, atual Uniabc, sempre aos sábados às 18 horas, pois a maior parte de seus sócios estudavam nesta universidade.

Na primeira gestão do clube, desenvolveram-se vários trabalhos, na sua maioria de assistência à entidades do Município, com doação de pacotes de leite em pó, alimentos, roupas e reparos nas instalações das entidades. Foram os primeiros contatos do clube com os municípios, entidades e a Prefeitura Municipal.

REPRESENTAÇÃO - Porém, nem só de trabalho vivem os sócios de um Rotaract, e em maio deste mesmo ano, an-



Acervo: Erica Riera
Campanha Agita São Paulo: da esquerda para a direita: Wellington Lopes Gasman, Erica Riera, Carlos Fernando Riera Carmona, dr. José Carlos Guedes secretário de Saúde do Estado de São Paulo, Luiz Antonio Riera do Rotary Club de São Caetano do Sul, Danilo José Vilar, Juliano José Vilar, Gabriela Costa e Ailton Riera

tes mesmo de sua fundação, o município de São Caetano já era representado por seus jovens na Conferência Distrital de Águas de Lindoia, ocasião na qual o Governador do Distrito, Sebastião Marques Zanforlin fez questão de iniciar os trabalhos da Casa da Juventude usando a camiseta do clube, prestigiando a entidade acabara de nascer.

E pouco mais tarde, no mês de julho, São Caetano seria representado no Encontro Paulista realizado em São José do Rio Preto, por todos os sócios.

Dentre os trabalhos realizados, alguns foram feitos com o intuito de angariar verbas para os projetos de assistência. Um deles foi o Baile Brega, uma grande festa para rotaractianos, interactianos e convidados, realizado no Esporte Clube São Caetano. Este baile se repetiu na gestão seguinte, na Casa da Amizade de São Caetano do Sul.

Em 8 de julho de 1995, Ailin Aleixo passa a presidência para Erica Riera em reunião festiva, realizada em conjunto com os Rotaract Clubs de Santo André, São Bernardo e Diadema, reforçando ainda mais os laços de amiza-



Acervo: Erica Riera
Erica Riera apresenta o presidente de Rotary International, Herbert Brown com o distintivo do I Festival de Teatro. Ao fundo o governador do Distrito 4420, gestão 1995/1996, Ramzi Sadik Khouri e o diretor brasileiro de Rotary International, José Alfredo Pretetti.

de e companheirismo dos clubes, idéia tomada pelo Representante de Rotaract Clubs Nelson da Silva Júnior.

FESTIVAL - Erica Riera teve como primeira missão organizar o que seria o maior evento realizado por um Rotaract Club no seu Distrito em termos orçamentários, de divulgação em todo ABC, junto aos municípios e à Prefeitura Municipal. Foi idealizado o I Festival de Teatro Estudantil.

Com o intuito de não fazer do Rotaract um clube assistencial, o Festival veio suprir a falta de projetos que levassem uma mensagem positiva aos jovens, de trabalho e responsabilidade, onde o adolescente se empenharia para conseguir algo além de estar nas ruas.

Foi um sucesso! Realizado no mês de outubro no Teatro Santos Dumont, com o apoio da Prefeitura Municipal e do então governador do distrito, Ramzi Sadik Khouri, contou com a participação de oito escolas, municipais e particulares, de primeiro e segundo graus. Foram julgadas 13 categorias e no dia 8 de outubro aconteceu a entrega dos troféus aos jovens vencedores.

Entretanto, o mérito deste trabalho não parou nesta data. Em visita oficial ao Brasil, o presidente do Rotary International da gestão 1995/1996, Herbert Brown fez questão de conhecer o trabalho dos jovens sancaetanenses e levá-lo para exposição aos Estados Unidos, juntamente com seu símbolo, um broche com as *personas* teatrais e o



emblema rotaractiano, objeto que pode ser achado em jovens de todo o Brasil.

Ainda nesta gestão, o Rotaract Club São Caetano do Sul, levou seu nome à conferências nacionais e internacionais como a XXII Conarc - Conferência Nacional de Rotaract Club e a Clari - Conferência Latino Americana de Rotaract e Interact, realizada em Curitiba, Paraná, além das regionais.

Neste momento o clube já podia considerar-se consolidado, pois havia demonstrado que São Caetano era capaz de realizar grandes eventos e destacar-se perante os clubes com mais anos de existência.

A terceira gestão foi presidida por Luiz Ângelo Lima Benedetti, cuja principal missão foi a de crescer e perpetuar o clube, mantendo-o na posição destacada que ocupava e ainda ampliar o número de sócios.

Mas como os sócios de um Rotaract são, na sua maioria universitários, e suas obrigações como estudantes e para com as suas famílias são prioridade, após seis meses do seu mandato, o companheiro Luiz Ângelo foi obrigado a afastar-se do cargo de presidente, deixando a presidência para Juliano José Vilar que continuou representado o clube na gestão seguinte com os atuais componentes do Conselho Diretor gestão 1997/1998: Fabíola Marques Amaral, Danilo José Vilar, Carlos Fernando Riera Carmona, Eliana Gabriela, Wellington Lopes Gusman, Gabriela Costa, Monika Nakamura e Ailton Riera.

O clube segue cumprindo suas metas e pelo excelente trabalho realizado, em meados de julho foi agraciado com o certificado de mérito de Rotary International, conferido pelo presidente do Rotary International, Luís Vicente Giay e recebido das mãos do presidente do Rotary Club patrocinador, Juvenal Francisco Cianfarani.

Outras campanhas vieram e cada vez mais o Rotaract Club São Caetano do Sul, demonstrou a sua capacidade



em auxiliar o próximo e através deste trabalho idealizar, organizar e administrar projetos, formando líderes entre seus sócios.

Na gestão atual, duas grandes campanhas foram realizadas: um desfile beneficente em prol de entidades do município, e a Campanha Agita São Paulo realizada juntamente com a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, Celafiscs e SESC São Caetano, sem prazo para terminar. Esta campanha teve uma grande apresentação de abertura no Espaço Verde Chico Mendes em outubro de 1997 com várias atrações para o público, sendo prestigiada pelo dr. José Carlos Guedes, secretário de Saúde do Estado.

E em outras conferências e encontros o nome do Município foi levado, pois era missão de cada sócio, mostrar que a cidade e o Rotary Club São Caetano apoiam os jovens.

E como demonstração máxima da credibilidade dada aos jovens rotaractianos, após quatro anos de existência do clube, o presidente do Rotary Club São Caetano do Sul, João Eduardo Galvão Leal, gestão 1997/1998, empossou o primeiro rotaractiano como sócio deste Rotary e tendo como madrinha a primeira mulher rotaractiana do ABC, Aracy Luso Namur.

(*) Erica Riera, engenheira civil do Grupo Odebrecht. É membro do Rotary Club de São Caetano do Sul

Imigrantes lituanos, açorianos e libaneses participam da História sancaetanense

Yolanda ASCENCIO (*)



Certa feita, o historiador Sérgio Buarque de Hollanda disse com bastante propriedade que a população brasileira é um cadinho, onde povos de outras nacionalidades fundiram seus costumes, línguas e tradições, resultando num mosaico colorido, possuidor de propriedades ímpares. Em São caetano, essa miscigenação também se fez sentir com a presença de imigrantes de várias nações que aqui aportaram em busca de sonhos perdidos e realizações acalentadas na terra em que nasceram. Desta feita, lituanos, açorianos e libaneses trazem à luz experiências através de relatos pessoais, enriquecendo ainda mais a História do Município.

Ágata Palivanas nasceu na Lituânia, no dia 4 de Abril de 1916. Seus pais, Filimonas Ivanóvitch e Irene, eram Ucrânicos e já casados foram para a Lituânia, em 1908. Na Lituânia, o casal, que vivia em um pequeno sítio, teve sete filhos: Grigório, Simon, Kazis, Aleksandras, Agáfia (Ágata), Ana e Jonas.

Segundo Ágata, Ivanóvitch, apesar de agricultor, era um grande estudioso e falava cinco idiomas que ensinava à filha: ucraniano, lituano, polonês, alemão e grego. Além dos ensinamentos do pai, Ágata frequenta-

va o colégio, onde aprendeu trabalhos manuais, especializando-se em costuras.

Em 1927, o chefe da família imigrou para o Brasil, instalando-se na capital de São Paulo, onde passou a trabalhar na construção civil.

REENCONTRO – Oito anos depois, em 1935, Ágata, já com 19 anos, também imigrou para o Brasil, encontrando-se com o pai, que a deixou na casa de uma senhora lituana na Vila Zelina, em São Paulo. A jovem imigrante, porém, queria aprender português e pretendia trabalhar para trazer a mãe e os irmãos.

Com a permissão do pai, foi trabalhar na casa de uma família de imigrantes portugueses, no bairro de Água Branca, como empregada doméstica. Fazia todo o serviço da casa, bordava e costurava.

Já conseguindo se expressar em português, começou a trabalhar numa confecção, no bairro do Bom Retiro. Ela e o pai, agora morando juntos numa pequena casa de aluguel, lutavam pelo mesmo objetivo: trazer a família que ficara na Lituânia.

TRISTEZA – Sempre buscando progredir, Ágata passou a trabalhar, como costureira, na *Teper-*



Agata e Antonio Renato



Fotos: Acervo Ágata Palivanas

Antonio Renato na rua Flórida, em 1952



Família Palivanas em 1952 na rua Flórida. Da esquerda para a direita: dona Ágata com Antonio Renato no colo, Ana e Antanas Palivanas



Foto da família, da esquerda para a direita: Ágata, Ana com o bebê Antonio Renato e Antanas Palivanas



Antanas Palivanas com o filho Antonio Renato



Dona Ágata, dona Amélia e Kazis

man, na Rua Celso Garcia. Por volta de 1938, pai e filha reuniram uma quantia de 12 contos de réis, suficiente para as passagens. Felizes, enviaram o dinheiro que traria a mãe e os três filhos solteiros para o Brasil. No entanto, eclodiu a segunda guerra mundial. Ágata e o pai perderam o dinheiro e jamais conseguiram rever a família.

Em 1939, Ágata Ivanóvitch casou-se com Antanas Palivanas, também imigrante lituano, nascido no dia 1º de agosto de 1913. Antanas viera para o Brasil, em 1927, para substituir o braço escravo nas fazendas de café.

Mais tarde, passou a trabalhar em sua profissão, ou seja, técnico em estrutura metálica. Prestava serviço aos navios italianos no Porto de Santos. Porém, com a guerra, tais navios foram impedidos de aportar no Brasil e Antanas perdeu o emprego.

MUDANÇA – Por isso, o casal mudou-se para São Caetano, em 1941, instalando-se, por al-

gum tempo, em casa dos pais de Antanas, Ana e Kazis Palivanas, na rua João Pessoa.

Em 1942, Antanas e Ágata já se mudaram para casa própria, na rua Flórida bairro Barcelona. Enquanto ele trabalhava na Aços Villares, ela era costureira autônoma, vestindo as famílias mais tradicionais da cidade.

Seis anos depois, nasceu o único filho do casal: Antonio Renato Palivanas que criado e educado em São Caetano.

Deixando a empresa, em que trabalhava até então, Antanas, como chefe-geral de obras, foi contratado para a construção da ponte sobre o Rio São Francisco, razão pela qual, a família morou por algum tempo, na Bahia, ficando a casa da rua Flórida alugada.

Atualmente, Antonio Renato, casado com Inês, filha de italianos, reside em Goiás, onde exerce sua profissão de engenheiro agrônomo. A senhora Ágata Palivanas, agora viúva,

já com 84 anos de idade, continua no Município no apartamento, na rua Goitacazes.

Ao recordar tantos desafios, a senhora Ágata declara, com entusiasmo emocionado, ter vivido seus melhores anos em São Caetano.

Açorianos – José Jacinto de Medeiros nasceu em Portugal, Açores, no dia 3 de Junho 1886. Aos 20 anos de idade, enamorou-se de Maria Jacinta, também nascida nos Açores, no dia 12 de Março de 1889. Como a família da jovem não aceitava o namoro, José Jacinto foi para os Estados Unidos, onde morava sua irmã. No entanto, por incrível coincidência, os pais de Maria Jacinta também a mandaram para os Estados Unidos, a fim de que esquecesse o namorado. Assim, os dois jovens viajaram no mesmo navio, sem se encontrarem, porém.

Após três anos de permanência nos Estados Unidos, Maria Jacinta foi trabalhar numa fábrica de tecidos, cuja a empresária era justamente a irmã de José Jacinto.

Foi assim, que os jovens se reencontraram e casaram, em 1910.

Enquanto ela continuava na fábrica de tecidos, ele trabalhava com gado. Cinco anos depois, no dia 16 de Outubro de 1915, nasceu a única filha do casal: Olívia. Quando Olívia tinha oito anos, em 1923, a família Medeiros voltou a Portugal para rever os parentes. Ali permaneceram por três anos, quando José Jacinto decidiu trazer a família para o Brasil.

Assim, em 1926, chegaram a São Paulo, morando, por algum tempo, no Bairro da Casa Verde. Dois anos depois, mudaram-se, em definitivo, para São Caetano.

Instalado na noca cidade, José Jacinto alugou, então, uma chácara, cujo o proprietário era o Rafael Ficondi. Essa chácara estava situada, onde hoje se localizam o Clube da General Motors e a Eepsg Idalina Macedo da Costa Sodré.

José Jacinto deu à chácara o nome de Granja Bom Pastor.

Comprou 12 vacas e fornecia leite para toda cidade. O leite chegava às casas pela carrocinha de José Jacinto que se tornou muito conhecido como leiteiro.

A esposa, Maria Jacinta, costurava para ajudar nas despesas da casa, enquanto Olívia estudava no Grupo Escolar Senador Flaquer. Terminando o curso primário, Olivia passou a ajudar a mãe nas costuras.

José Jacinto ficou com a Granja Bom Pastor por mais de 12 anos, passando depois disso, a viver de rendimentos até o dia 13 de agosto de 1973, quando faleceu. Maria Jacinta faleceu logo depois no dia 13 de julho de 1975.

Quanto à filha do casal, que manteve a cidadania norte-americana, casou-se, em 25 de janeiro de 1940, com Manoel Cordeiro Amaral, português dos Açores, nascido em 1907. No Brasil, sempre exerceu a profissão de ferroviário.

Olívia e Manoel tiveram duas

filhas: Maria de Lourdes, casada com Dr. Luiz Berton; e Maria do Carmo, solteira.

Hoje, Olivia Medeiros Amaral, viúva, reside com sua filha Maria do Carmo, na av. Goiás, 2628. Ela faz questão de registrar que mora na mesma casa há 59 anos, lembrando que a avenida Goiás foi conhecida, anteriormente, como rua Regina e avenida Souza Ramos.

Libaneses – Michel Abras nasceu no Líbano. Imigrou para o Brasil, em 1927, com documento falso, porque era ainda menor. Assim, depois de residir em Santa Catarina e em Belo Horizonte, mudou-se para São Paulo, instalando-se no Bairro do Ipiranga, como comerciante, em 1940. Aí, casou-se com Adelia Curi, brasileira, descendente de Sírios. O casal teve quatro filhas: Sonia, Marli, Ivani e Sueli.

Em 1947, a família mudou-se para São Caetano do Sul, onde Michel Abras montou sua loja de roupas e tecidos, à qual deno-



José Jacinto de Medeiros e Maria Jacinta de Medeiros, pais de Olívia



Manoel Cordeiro Amaral e Olívia de Medeiros Amaral (data ?)



Manoel Cordeiro Amaral e Olívia de Medeiros Amaral (data?)

Fotos: Acervo Olivia de Medeiros Amaral

Fotos: Acervo Sonia A. M. Dayyout



Recordação da *Casa Sonia*, da esquerda para a direita: (?), Sonia Abras, Adelia Curi Abras e Michel Abras



Família Abras, na primeira fileira em cima: Marli, Ivani e Sonia, na segunda fileira, Adelia e Michel, abaixo a caçula Sueli



Michel Abras em frente à *Casa Sonia* na rua Conde Francisco Matarazzo

minou *Casa Sonia*, nome da filha mais velha.

A *Casa Sonia* teve grande importância para a vida comercial da cidade, não só por ser uma das primeiras lojas aqui instaladas, mas também pelo tempo de serviços prestados.

Durante sua existência, de 1947 a 1984, funcionou em dois endereços: av. Conde Francisco Matarazzo e rua Manoel Coelho.

Embora atuando como comerciante, Michel Abras sonhava ser também industrial, o que o levou a várias tentativas no ramo, sempre frustradas. Assim, o empresário chegou a trabalhar com caulim, sabonetes, fechos de bolsas, cordas, confecções etc. Os prejuízos causados por essas empresas eram cobertos pela *Casa Sonia*. Michel Abras faleceu em 1986, enquanto a esposa, morreu em 1988.

A filha mais nova da família Abras, Sueli, nascida em São Caetano, casou-se com Mouta-

nious Dayyoub, imigrante Sírio, que chegou ao Brasil em 1969. Em seu país de origem, Moutanious ou Toni (como é chamado) era professor. Chegando ao Brasil, porém, trabalhou na feira, antes de tornar-se comerciante.

Acervo Abdalla Mourad



Abdalla Mourad juntamente com a esposa Wagiha Mourad, e o bebê Ahmad Mourad

Em 1972, Moutanious instalou-se em São Caetano, onde tem, até hoje, a *Casa Toni* na rua Conde Francisco Matarazzo, 466.

Enquanto a esposa Sueli dirige a matriz em São Caetano, o marido tem uma filial em Santo André. O casal tem dois filhos: Samir e Ibrahim, ambos estudantes universitários, mas que também gostam de se dedicar ao comércio ajudando os pais nas lojas.

Mourad – Por outro lado, Abdalla Mourad nasceu no Líbano, no dia 1º de janeiro de 1936. Em 1953, fugindo aos maus tratos do pai, imigrou para o Brasil, desembarcando em Santos. Foi para a Freguesia do Ó, morar com o irmão que viera para o Brasil alguns anos antes.

Em 1954, Abdalla Mourad veio para São Caetano, onde passou a vender tecidos a domicílio. Em 1963, teve uma loja de móveis.

No ano 1967, casou-se com Wagiha, (Alzira), também imigrante do Líbano. Desse casamento, nasceram quatro filhos: Ahmad, Laila, Himad e Ziad.

Em 1990, Abdalla voltou para o Líbano para visitar a mãe ainda viva, com 84 anos de idade.

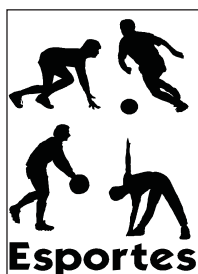
Atualmente enquanto a esposa trabalha na loja, Abdalla continua a vender roupas de cama e banho a domicílio.

Mourad, faz questão de declarar-se árabe muçulmano, reside na rua Monte Alegre, 184, em São Caetano.

(*)Yolanda Ascencio, professora aposentada, advogada, membro da Academia de Letras da Grande São Paulo

Jabaquara: um clube com mais de meio século de tradições e glórias

Alberto do Carmo ARAÚJO(*)



Conhecido popularmente como o *Leão da Vila Prosperidade* o atual União Jabaquara fundada em 1944. Sua criação foi

resultado do desentendimento ocorrido entre alguns associados da SBER Vila Prosperidade, em reunião na sede do clube. Na época, o presidente Cláudio Alcon, enfatizou: “A partir da meia-noite de hoje o Vila Prosperidade não tem mais nenhum sócio”.

Foi a gota d'água que muitos esperavam e não demorou para marcarem uma reunião de emergência no Bar dos Pereiras. Compareceram esportistas do bairro, como Guilherme Maiotto, o *Gambinha*, Ellio Benedetti, Mário Rodrigues, Pedro Izquierdo Vadillo, conhecido como *Perico*, Zé Pirulão, Pedro Loureiro, Daniel Loureiro, Eduardo Loureiro, Braguinha, Zé Fofo, Elísio Arnesi, Nenê Arnesi, Hermelindo Beraldo, Francisco Testa, Eduardo Amaral, Luis Mori, Mário Mori, Aldo Mori, Isaac, Oswaldo Polastre, José de Carvalho, Garrincha, Tarcísio, Cupim Segato, Álvaro (cunhado do Cupim), José Marchiori, Octávio Marchiori, José Bernardi, Genarino Aguzzi e muitos outros.

JABAQUARA – Devido a cisão com o Vila Prosperidade ficou decidida a formação de outro



Dinho (em pé), Daniel e Pedro, todos da família Loureiro, em 1948

clube, cujo nome deveria ser de um time dos chamados pequenos e que tivesse como mérito principal o fato de ter vencido um dos chamados grandes do Campeonato Paulista de Profissionais, como o Corinthians, Palmeiras e São Paulo, o chamado *Trio de Ferro* do futebol profissional do Estado. Coincidência ou não a proeza aconteceu com uma goleada histórica do Jabaquara Atlético Clube, ex-Hespanha, sobre o São Paulo FC, pela contagem de 4x1, concretizando assim no dia 20 de julho de 1944, o nascimento do União Jabaquara Futebol Clube, que viria posteriormente cumprir uma trajetória de conquistas no futebol amador da cidade de Santo André.

SALVAÇÃO – Como o Jabaquara que não tinha local para suas reuniões, foi graças ao arrojo e desprendimento daqueles que o

fundaram, que com a *cara e coragem*, começaram a construção da tão sonhada sede social, quando aconteceu um fato interessante e inédito.

O saudoso animador e apresentador de televisão, Manoel de Nóbrega, participou de uma reunião, em 1945, realizada em cima de caibros e montes de entulho, quando o mesmo solicitou apoio a um candidato ao Senado Federal e doou Cr\$.20.000,00 (vinte mil cruzeiros), importância destinada ao pagamento do telhado da sede. Isso para sorte e alívio de Pedro Izquierdo Vadillo, o *Perico*, que havia emprestado sua indenização recebida da Usina São José, e já não tinha esperanças de reaver aquela importância.

Assim, em muito pouco tempo, o Jabaquara tornou-se um dos clubes de maior número de torcedores em toda região do ABC, com uma trajetória marcada por grandes realizações e conquistas, culminando com a obtenção de vários títulos de campeão amador de Santo André, nas diversas categorias, desde mirim até o adulto (ex-esporte).

SÃO CAETANO DO SUL – Em 1966 o União Jabaquara passou a disputar os campeonatos promovidos pela Liga Sancaetanense de Futebol (LSF), ex-Liga de Esportes de São Caetano do Sul (Lescs), pois, com o plebiscito de 1963, o Bairro Prosperidade passou a pertencer à cidade de São Caetano do Sul, onde continuou sua marcha vitoriosa de conquistas.



Equipe principal do Jabaquara, em 1948

tas inesquecíveis, firmando-se, seguramente, como o clube de uma das maiores torcidas da cidade, fato que se perpetua até hoje.

Em 20 de dezembro de 1972 o clube teve sua denominação mudada para Centro Recreativo e Esportivo União dos Amigos do Bairro Prosperidade (Creua), fruto das fusões determinadas pelas autoridades municipais da época. Com isso o União Jabaquara foi extinto na fusão com a SERB Vila Prosperidade e com a Sociedade Amigos de Bairro, fato veementemente contestado pelos antigos jabaquarenses, inconformados com a extinção do nome de três agremiações, todas com raízes no cenário esportivo e político da região do ABC. Ficou determinado pelos poderes constituídos que os clubes que não tivessem aderido às fusões, estavam impossibilitados de disputar campeonatos ou torneios oficiais promovidos pela Liga Sancaetanaense de Futebol.

RETORNO – Em junho de 1981,

os verdadeiros jabaquarenses resolveram fundar novamente o União Jabaquara Futebol Clube. Mal orientados, foram informados da impossibilidade do clube ter o mesmo nome, em virtude de sua extinção, quando da fusão ocorrida em 1972, quando na

verdade somente a data de fundação não poderia ser repetida, mas o nome não existia mais e, portanto, estava liberado.

Assim, no dia 5 de junho de 1981, a Sociedade Esportiva Recreativa União Jabaquara, foi fundada, nome que não agradava aos torcedores mas, pelo menos, seria o nome Jabaquara que estaria disputando pelo Bairro Prosperidade.

Esta entidade, também teve expressiva campanha de conquistas de títulos, contando com a mesma animada e às vezes, fanática torcida, que permanece até hoje levando alegria aos estádios onde a equipe se apresenta.

Chegamos ao dia 4 de dezembro de 1989, ano em que a SERU Jabaquara sagrou-se campeã nas categorias Principal, Veteranos e Juniores. Na oportunidade comentava-se sobre a possibilidade da fundação de uma equipe profissional na cidade e, numa iniciativa do prefeito Luiz Olinto Tortorello, com o apoio de centenas de esportistas e de toda co-



Em 1951, o Jabaquara sagrou-se campeão em Santo André, onde disputou o campeonato amador da categoria principal

munidade, o Jabaquara, através da sua diretoria comandada pelo saudoso Roberto Righeto, o *Turú*, concordou e mudou sua denominação para Associação Desportiva São Caetano, entidade que até hoje representa o Município no cenário esportivo profissional do Estado de São Paulo. Tal acontecimento se deu por causa de exigência estatutária imposta pela Federação Paulista de Futebol (FPF), para a disputa da 3ª Divisão de Profissionais, já que para filiar-se, a entidade deveria ter disputado os três últimos campeonatos amadores da sua cidade e estar filiado à Liga Sancaetanense de Futebol (LSF).

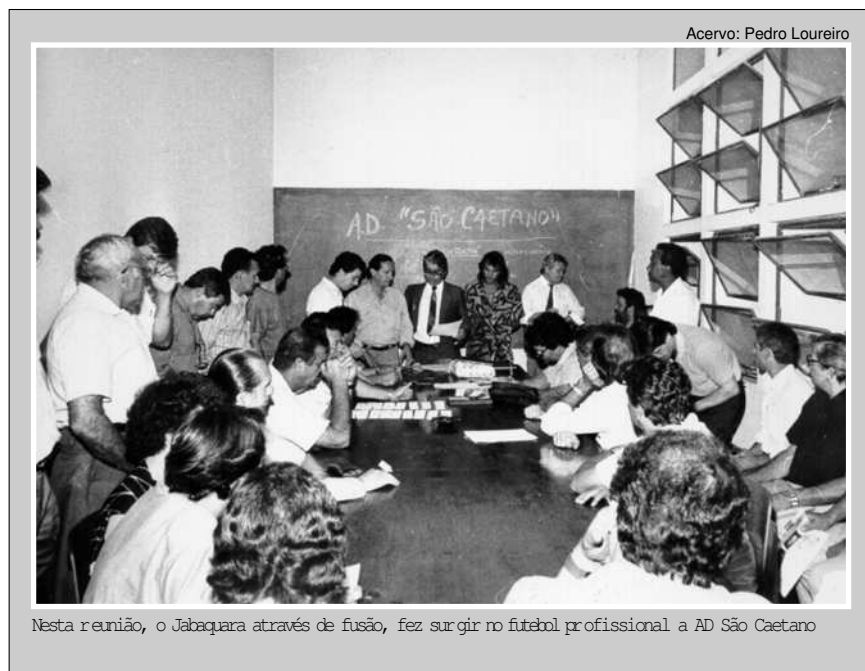
Quando foi dado o parecer do presidente do Conselho Deliberativo da entidade, Carlos Roberto de Jesús Polastro, o *Carlão*, a data que semantém viva é 20 de julho de 1944! Assim, já que não é possível recuperá-la legalmente, tanto faz a de 5 de junho de 1981, como qualquer outra data, até a de 29 de dezembro de 1989. Assim, o Conselho Deliberativo, por unanimidade dos seus membros, aprovou o nascimento da Associação Desportiva São Caetano. Mas o nome Jabaquara continuou e continua vivo na memória de todos!!!

RENASCIMENTO – A determinação de uma plêiade de esportistas e o grande amor que sempre dedicaram ao Leão da Vila Prosperidade, como é carinhosamente conhecido por causa da garra e espírito de luta dos seus torcedores, fez renascer o clube querido.

Assim é que, no dia 29 de dezembro de 1989, foi fundada a Sociedade Esportiva Recreativa União Jabaquara, retornando com força total ao cenário esportivo regional, que hoje, depois de muitas



Dois anos após sua fundação, o Jabaquara iniciava sua trajetória vitoriosa (1946)



Nesta reunião, o Jabaquara através de fusão, fez surgir no futebol profissional a AD São Caetano

lutas e tentativas junto ao poder público municipal, finalmente recebeu das mãos do prefeito Luiz Tortorello o tão sonhado estádio distrital, dotado de arquibancadas, amplos vestiários, cantina, sala para guarda de material, etc.

HOMENAGEM - Numa justa ho-

menagem a um dos seus mais ilustres colaboradores, o local recebeu o nome de Centro Esportivo Recreativo Roberto Righeto, conhecido como *Turú*. Mas algo estava faltando para completar a alegria desses abnegados, o retorno do antigo e tradicional no-



O prefeito Luiz Olinto Tortorello ladeado por João Tessarini, o sambista Tizú e o atual presidente Bernardino



Último título de campeão da categoria principal conquistado pelo União Jabaquara, em 1990

me que foi homologado pela Liga Sancaetanense de Futebol (LSF) e Federação Paulista de Futebol (FPF): União Jabaquara Futebol Clube, grandeza e orgulho do futebol amador de São Caetano do Sul.

PRESIDENTES – Desde a fundação até hoje, dezenas de nomes ilustres e abnegados passaram pela presidência do hoje União

Jabaquara FC (alguns dos quais sem registro). Foram destacados alguns nomes até 1972, data em que foram realizadas as fusões em São Caetano do Sul: Guilherme Maiotto, o *Gambinha*, Luis Mori, Mário Rodrigues, Ellio Benedetti, Eduardo Amaral, Aparecido Cabral, Milton(?) e Benedito Polastro. Depois vieram: Manoel Maximiano David

(77/78), Irineu Bernardo Serafim (79/80), Silvio Fernandes (81/82), Abraão de Souza Mello (83/84), Edmilson Zambone (84/85), Carlos Roberto de Jesus Polastro (86/87), Roberto Righetto (88/89), Roberto Righetto e Bernardino José dos Santos (90/91), Bernardino José dos Santos (92/93), Bernardino José dos Santos (94/95), cujo mandato foi prorrogado até 1996 e ainda cumprindo mandato no período (97/98).

TÍTULOS – O Jabaquara conquistou no período em que disputou torneios e campeonatos em Santo André, vários títulos importantes e, após 1966, deu início à marcha vitoriosa em São Caetano do Sul, sendo Super-Campeão da Divisão Especial em 1971; Campeão Municipal Amador em 1979, 1985, 1989 e 1990. Vice-Campeão em 1986, 1995 e 1996; 3º lugar em 1992, 1993 e 1994; 4º lugar em 1988; 5º lugar em 1991 e 11º lugar em 1997. Na categoria Juniores, após 1977 o Jabaquara foi campeão em 1984, 1986 e 1997. Nos Veteranos foi campeão em 1984, 1989, 1992 e 1996.

Sem sobra de dúvidas um *curriculum* invejável de uma agremiação que honra e dignifica o futebol amador de São Caetano do Sul, orgulho de uma comunidade alegre e feliz, sempre unida nos maus e bons momentos.

(*) *Alberto do Carmo Araújo é radialista e jornalista. Trabalha na Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul*

Futebol varzeano da cidade teve época marcante nos anos 40

Narciso FERRARI(*)

No começo da década de quarenta, quando a cidade pertencia a Santo André, disputava-se aqui o campeonato de futebol, na época chamado de Campeonato Varzeano, dirigido então pela Liga Santoandreense de Futebol, com sub-liga localizada em São Caetano.

Este campeonato era disputado por 14 equipes, com primeiros e segundos quadros, sempre aos domingos à tarde, em campos de futebol bastante precários. Isso, porque eles não possuíam alambrado, tampouco qualquer demarcação de cal que representasse as áreas e a linha divisória do meio-campo, nem mesmo havia redes nos gols.

Assim, os clubes que possuíam maior torcida, geralmente



1946 - C.E.Lazio. Da esquerda para direita, em pé: Antonio Catalan, Emidio Perrella, Pedro Ceschin, Humberto Lodi, Eduardo e Armando Braido. Agachados: João Nogueira, Pedro Tognoli (Pinguim), Antonio Brazi (Bobeira), Alexandre Codelo (Xandrin) e Oscar Boava

venciam os adversários, pois elas influenciavam na decisão do árbitro, que era escolhido pe-

la Liga. Clubes mais bem organizados contavam também com equipes juvenis e entre estas, o quadro principal e um extra.

PRESSÃO - A torcida ficava atrás do gol adversário, e caso a partida estivesse empatada, a pressão era tanta que, se o jogador caísse na área (que não havia demarcação), era o suficiente para o árbitro marcar penalidade máxima

Os clubes mantinham-se pela abnegação dos diretores e das pequenas contribuições dos poucos associados, ou pela organização de festivais no campo do São Caetano Esporte Clube, com cobrança de ingressos e que valiam taças aos vencedores, estas oferecidas pelo comércio local.

Nas disputas dos campeona-



1946 - Corinthinha. Da esquerda para a direita, em pé: Sapoca(técnico), Gilson, Gijo, Lodi, Aristides, Carlão e Braido. Agachados: Henrique (massagista), Peres, Galisé, Peleco, Briguella Natalino



1948 - E.C. Vila Bela, da esquerda para a direita, em pé: Nino (técnico), Ico, Tusica, Airton Braido, Tavico, Geraldo e Pezinho. Agachados: Rondaca, Dico, Belone, Valdevino e Mexerica

tos e nos amistosos ninguém possuía carro e o transporte era de caminhão, ou a pé mesmo.

As torcidas, invariavelmente, ao final dos jogos quase sempre ofendiam-se e, geralmente tudo acabava em pancadaria generalizada.

Segundo a tradição, para a realização dos jogos amistosos, fazia-se o convite por intermédio de ofício manuscrito ou impresso que era entregue pelo diretor esportivo de cada clube.

Já os árbitros, para estas partidas, eram escolhidos de comum acordo na hora do jogo e quando não agradavam uma das equipes, sua senhoria, como se dizia na época era *gentilmente* convidado a entregar o apito.

PREFERÊNCIA - Cada clube tinha seu árbitro preferido, assim, o *Corinthinha* tinha o Pilatus; *Cruzeiro*, Antonio Benitti; *Tamoio*, Antonio Chitero Xavier; *Cruzada*, Geraldo Tavares; *Vila Alpina*, Luiz Vitiello Gijão; *Comercial*, Stefan Guer-

bali Stiopa; *Olinda*, Osvaldo Ferraz, conhecido também como *Besouro*; *Lazio*, Antonio Paolilli; *Monte Alegre*, Angelo Riera Valete, e o *Vila Bela*, contava com o *Boava*.

A sub-liga e posteriormente

a Liga Sancaetanense de Futebol era dirigida por Humberto Ceccato e Luiz Mantovani, incansáveis batalhadores do esporte varzeano. A sede localizava-se na rua João Pessoa, em cima da antiga *Loja Copagel*. Era difícil naquela época encontrar quem soubesse datilografia, e assim sendo, quando aparecida alguém com prática era convidado a colaborar como secretário, tarefa que, geralmente era destinada para Alberto Habib, Nickfor Terpan, Paulo Berilo Barbosa e Narciso Ferrari.

Os clubes, na maioria das vezes, representavam seu bairro, não tinham sede própria e o ponto de reunião era o bar onde, geralmente proprietário era presidente do clube ou dirigente. Isso, porque tinham o interesse natural em ter em seus estabelecimentos, a frequência garantida pelos torcedores e simpatizantes.

LOCALIZAÇÃO - Com o passar



1948 - C.A. Ipiranguinha. Da esquerda para a direita, em pé: Joãozinho, Veronesi, Edgard, Spirelli, Ribeirão, Alenão. Agachados: José, Longo, Vazinho, Ditinho e João



C.A. Vila Alpina, da esquerda para a direita, em pé: Joaquim, Gino, Alcides, Lico, Tim, Gijão, Aurélio (técnico). Agachados: Douglas, Jé, Alerão, Zinho, Bicheiro

do tempo, esses campos de futebol desapareceram, no entanto, vale descrever onde localizavam-se, juntamente com os respectivos pontos de encontro.

Cruzada Esporte: o campo situava-se onde hoje localiza-se a *Primarca Veículos*, e as reuniões eram no bar de Emílio Guarato, presidente da entidade, localizado à rua João Pessoa.

Corinthinha: ponto de encontro no Bar Piola, rua Alagoas, até hoje existente. O campo ficava na rua José do Patrocínio com a rua Pernambuco.

Monte Alegre: o campo localizava-se onde hoje existe a praça São Caetano di Thiene, na rua Oswaldo Cruz, e o ponto era no Bar dos Compadres, propriedade de Emílio Bonesso na rua Amazonas.

Teuto: o campo era atrás da *Chocolates Pan* e as reuniões aconteciam no armazém dos ir-

mãos Beringher, Pavel e Nicolaye.

Lazio: tinha o campo onde existe hoje o campo da Fundação e o bar era do Momi de Girolamo Ceschin, presidente do clube.

Vila Alpina: o campo localizava-se na rua Barão de Tramandaí com Marquês de Santo Amaro, e o bar do Aurélio era o ponto de encontro.

Vila Bela: tinha o campo situado no começo da rua Bahia Grande, e o bar era do Luiz Pavan Nino.

Vila Prosperidade: o campo ficava na Avenida Prosperidade com rua dos Cristais, e o bar era do Natale Segatto, também dirigente.

Jabaquara: da mesma vila, tinha o campo situado na sede social, tendo como presidente Gino Novi.

Clube Atlético Rio Branco: ex-Lazio, mandava os jogos no campo do Lazio, e o bar frequentado era da família, à rua 28 de Julho.

Paulistano: tinha o campo onde hoje se localiza a sede social do São Caetano Esporte Clube.

Piratininga: o campo era na rua Benjamim Constant com Piratininga, e o bar localizava-se na Avenida Goiás, ao lado da agência filial do Banco de São Caetano do Sul.

Clube Atlético Flor do Mar: possuía um campo na rua São Paulo com rua São Jorge, defronte à *Indústrias Braido*. As reuniões aconteciam na *Padaria Internacional*, dos Irmãos Leone, e o presidente era Eliseu Leone.

Os papões dos campeonatos eram o Corinthinha, Lazio, Vila Alpina, Mecânica, Vila Bela e União Jabaquara, clubes de maior torcida.

Com a emancipação de São Caetano, este campeonato foi extinto e a nova liga organizou campeonatos matinais divididos em várias séries, e que funcio-

navam nos mesmos campos, só que com melhor organização.

Cruzeiro: tinha o campo na Major Carlo del Prete com rua São Paulo, com reuniões no bar dos irmãos Capella.

Niterói: possuía campo na mesma rua onde hoje localiza-se o Senai e o armazém do dirigente Eros Nonato era o ponto de encontro.

Ipiranguinha: o campo localizava-se na rua Lemos Monteiro com Avenida Tijucuçu e a Barbearia do Orlando Signori, o ponto de encontro.

Bonsucesso: tinha o campo onde era o Clube Atlético Flor do Mar, defronte à *Indústria Braido* e a padaria Monte Alegre, e onde hoje é a padaria Boa Sorte, ficava o ponto de encontro.

América do Norte: que mantinha como goleiros dois irmãos, Guido e Zinho Vecchi, mandava os jogos no campo do Teuto, antigo Hespanha e o armazém-bar era na rua Tapuias, hoje Nossa Senhora de Fátima, de propriedade do Garcia.

Comercial: mandava os jogos no campo do Cruzeiro e do Bonsucesso. O ponto de reunião ficava no bar do João Uzum na Avenida Senador Roberto Simonsen.

Paiol: mandava os jogos no campo do Itamarati, e o bar era do presidente Joaquim Carlos, na rua João Pessoa, esquina da rua Amazonas.

Itamarati: presidido por Rubens Fagundes, tinha o campo onde é hoje a Brasinca e o bar era na rua José Paolone com Niterói, propriedade de Domingos de Felice.

São Cristovão: usava o antigo campo do Lazio à rua Colog-

ni e o bar do Canzi & Nichele na rua 28 de Julho.

América do Sul: tinha o campo onde está instalado o estacionamento do SCEC, e a Padaria Perrella o ponto de encontro.

Clube Atlético Tamoio: tinha seu campo onde hoje é a caixa d'água situada na rua Oswaldo Cruz e o bar era do Antonio Crisquete, à rua Oswaldo Cruz com rua São Paulo, posteriormente o bar do Álvaro na rua Amazonas.

Olinda: mandava os jogos no campo do Cruzeiro, e o local de encontro era bar do João Nabarrete, estabelecido na rua Olinda.

Swing: equipe formada pelos dançarinos do SCEC, mandava os jogos no campo do São Cristovão e a barbearia de Nelson Bonito, no Centro, era o ponto de reunião.

As equipes revelaram alguns jogadores que foram atuar em clubes da Capital. Só no Clube

Atlético Ipiranga foram: Reinaldo Zamai, José Riera, Sergio Lorenzini do Cruzada Esporte, Gonçalves do Vila Prosperidade, Antonio Brazi, mais conhecido como Bobeira do Lazio; para o Clube Atlético Juventus foram o Dionízio Sturaro e Nordeman Ascêncio, ambos do Cruzada. No SPR, atualmente Nacional, foi o Mario de Sordi, conhecido como *Chipiu do Lazio*. Também do General Motors saiu Valentino Chies, famoso goleiro do Clube Atlético Ipiranga; e na Portuguesa, a revelação do Vila Alpina, Natalino Borsari.

(*)Narciso Ferrari, contador, ex-presidente do São Caetano Esporte Clube



Ano de 1952, São Cristovão F.C. Em pé, da esquerda para a direita: Tião, Marinho, Gigio, Onofre, Ielê, Rodolfo. Agachados: Vitor, Joãozinho, Tardini (Jibóia), Caetanin, Vasklavas

Albino Martorelli: um herói romântico dos velhos tempos do futebol

Claudinei RUFINI(*)

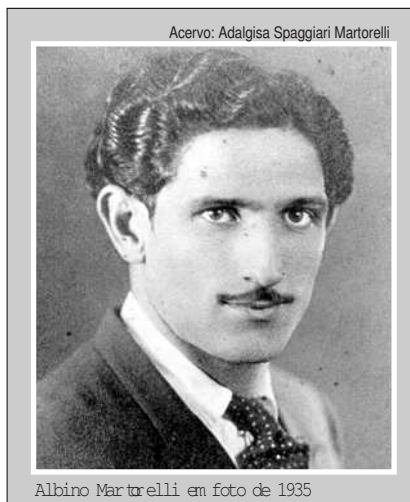
Ele foi um dos primeiros atletas de São Caetano a experimentar os passos iniciais do profissionalismo no futebol. Era um tempo totalmente diferente, cheio de romantismo e boêmia, onde os jogadores eram estigmatizados, considerados vagabundos ou, no mínimo, pouco confiáveis; pessoas de quem as moças de família deviam manter distância. Mas não era bem assim!

Havia neles um quê de heroísmo, assim como hoje, de ousadia, de valentia e destemor. Verdadeiros gladiadores que expunham seus corpos, mais do que hoje, em defesa das cores sagradas de suas esquadras. Mas não era bem assim!

Por trás de tudo, haviam pessoas apaixonadas, que se entregavam àquilo que gostavam por puro prazer. Talvez fosse isso que passava pela cabeça do Albino naquelas manhãs frias e enevoadas, quase madrugada ainda, enrolado no cachecol preto e branco, as cores do seu São Caetano, à espera do trem que o levava para o trabalho na Light. Eram poucos os jogadores que conseguiam viver do futebol; esse era um privilégio concedido somente aos mais famosos.

Albino era estimado por todos e admirado pela garotada, tanto pelo desempenho esportivo, como pelo companheirismo que demonstrava, seja nas peladas dos campinhos da várzea ou nos meandros do Tamanduateí, onde ensinava a gurizada a nadar. Entre as mocinhas do então Bairro da Ponte, hoje Fundação, era conhecido como o *Cai-cai da Barra Funda*, simpático e bonitão.

Escoteiro em 1922, realizou uma vigília cívica defronte o Monumento à Independência, no Ipiranga, no dia 7 de setembro para comemorar o centenário da Independência do Brasil. Com orgulho dizia a



Albino Martorelli em foto de 1935

todos que ali também estavam os tijolos fabricados pelo pai, na olaria da família.

Começou a praticar o futebol no extinto Juvenil Brasil Futebol Clube, do Bairro da Fundação, aos 16 anos, por volta de 1928. Dois anos depois integrava as fileiras do São Caetano Esporte Clube, equipe que defendeu até 1933. *Center Half* (centro médio, posição equivalente ao quarto-zagueiro de hoje) técnico e vigoroso, transferiu-se naquele ano para a Portuguesa de Desportos.

Em 1935, com a cisão no futebol que marcou o advento do profissionalismo e o aparecimento de duas entidades representativas, a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) e a FPF (Federação Paulista de Futebol), voltou ao São Caetano mas por pouco tempo; no ano seguinte, embarcava para Pernambuco junto com dois companheiros, Heitor Manille (de São Caetano) e Luna, que também eram da Portuguesa, para jogar pelo América de Recife, sendo os primeiros jogadores do Sul a integrar equipes pernambucanas. Albino fez sucesso e integrou a seleção pernambucana em 37. No final daquele ano voltou para São Caetano, e ingressou na Light, casando-se, em 29 de julho de 1939, com Adalgisa Spaggiari.

Com o retorno à cidade, veio o convite para jogar no C.A. Ypiranga. Porém, depois de uma grande partida jogada contra o Corinthians, foi convidado a retornar à Portuguesa de Desportos, onde ficou até 1941, sendo considerado um dos melhores jogadores do time e do futebol paulista, integrando a seleção vice-campeã do campeonato



Seleção Paulista de Amadores, vice-campeã brasileira de 1940. O goleiro era Barbosa, que seria o titular da seleção brasileira 10 anos depois, na Copa do Mundo disputada no Brasil

brasileiro de seleções, em 1940. Em 42 e 43 jogou novamente pelo São Caetano E.C., na disputa do Campeonato do Interior. Em 44 foi para a Ponte Preta, de Campinas, onde sagrou-se campeão desse mesmo torneio. Em 45 retornou novamente ao São Caetano, onde encerrou a brilhante carreira futebolística. Porém, não ficou longe do esporte, continuou batendo bola no Rio Branco, equipe de várzea do Bairro da Fundação. Jogava, também, pela seleção da Light, da qual era capitão, formando um time quase imbatível e lembrado por muitos ex-funcionários da empresa (1). Posteriormente, foi o técnico da equipe por vários anos.

Foi ele que introduziu o tênis de mesa em São Caetano, conhecido e experimentado no navio quando viajou para Recife. Marceneiro por profissão, construiu as primeiras mesas para a prática do esporte na cidade sendo, por muito tempo, praticamente imbatível nas raquetes. A bocha foi sua outra paixão, à qual dedicou-se como praticante e dirigente, até o fim de seus dias. Por mais de 30 anos integrou as equipes do São Caetano E.C. e da SAB Fundação, conquistando inúmeros títulos. Foi dele, inclusive, o projeto e o acompanhamento da construção das canchas de bocha do São Caetano E.C. que, com justiça, levam

seu nome. Albino era diretor da SAB Fundação quando da reivindicação, junto à Prefeitura, para a construção das primeiras canchas de bochas públicas, inauguradas em 1968 pelo então prefeito Walter Braido, na Rua Ceará, que receberam o nome de Luiz Martorelli. Em 1976, essas canchas passaram a integrar o CRE Fundação.

PAIXÃO— Albino Martorelli fazia parte de uma família muito ligada ao esporte. Seu pai, Luiz Martorelli, o *Gigio*, praticante de bocha e de bolão, foi diretor, conselheiro e, por três vezes, presidente do São Caetano E.C., em 1918, 24 e 32. Mais do que um dirigente, *Gigio* era um torcedor apaixonado pelo clube; uma paixão que beirava o fanatismo, compartilhada com tantos outros moradores do Bairro da Ponte. Só pode ser essa a explicação para uma história várias vezes contada por Albino e a irmã, Esperança, de como o pai, e a família inteira, viraram torcedores corinthianos: nos anos 20, o São Caetano recebia o Palestra Itália (atual Palmeiras) numa partida decisiva, válida por um campeonato (eles não se recordavam qual), no antigo estádio da rua 28 de julho; a torcida local era muito receptiva (2), e tinha um carinho especial pelo time da Capital, afinal, ambas eram esquadras da colônia italiana. Depois da festa, um jogo disputado, que teimava em conti-

nuar empatado, até que o juiz apitou um pênalti contra o alvinegro. A festa virou tumulto, e o juiz teve que fugir, correndo pelos trilhos da estrada-de-ferro, que passavam nos fundos do campo, com uma turba furiosa atrás de si e de seus auxiliares. A revolta não parou por aí; desolados, muitos torcedores locais decidiram vingar-se, passando a torcer pelo maior rival do adversário, justamente o Sport Club Corinthians Paulista, clube fundado por italianos e espanhóis no Bom Retiro, e que ostentava as mesmas cores do São Caetano. Mas a paixão do pai pelo esporte convivia com outra, a música (3), transmitidas para os filhos.

Amante da música, Albino estava sempre atualizado sobre novos lançamentos, principalmente de música clássica, sua preferida, compartilhando seus discos com os amigos. Um dos seus mais preciosos troféus era um disco de Beniamigno Gigli, autografado quando da visita do famoso tenor italiano à cidade, em 1951. Herdou do pai, também, o companheirismo e o espírito comunitário, sempre preocupado com as coisas da cidade. Durante a Revolução Constitucionalista de 32, foi um dos primeiros a doar sete medalhas de prata que ganhara até então, em favor da causa paulista (4). E esse espírito ele guardou até o fim da vida. Albino faleceu em agosto de 1996, aos 83 anos.

Acervo: Adalgisa Spaggiari Martorelli



Albino é o primeiro à direita. Por ter sido escoteiro, era o único do time que sabia comandar a ordem unida

Notas

1- Médice, Ademir - O craque Martorelli - in *Diário do Grande ABC*, Coluna Memória, 28 de agosto de 1997.

2 - Novaes, Manoel Claudio - Um comboio distante da memória passeia pelo campo de futebol - in *Raízes* nº 14, julho de 1996

3 - Rufini, Claudinei - O povo e sua voz - in *Raízes* nº 5, julho de 1991

4- Garbelotto, Oscar - Revolução de 32 e o E.C. São Caetano, in *Raízes* nº 16, dezembro de 1997

(*) Claudinei Rufini é jornalista e secretário-executivo da Fundação Pró-Memória

A.A. São Bento: o futebol no Morro dos Ventos Uivantes (1954-1957)

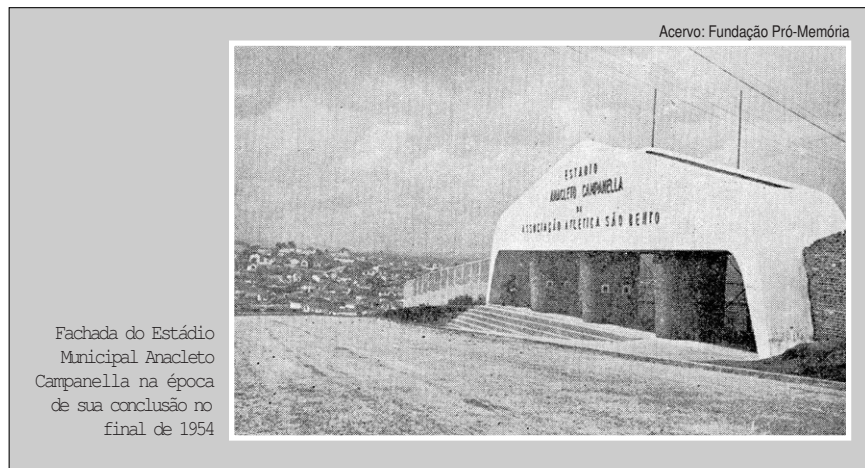
José Roberto GIANELLO(*)

Era assim mesmo: Morro dos Ventos Uivantes, o nome com o qual a crônica esportiva de São Paulo denominava o estádio municipal Anacleto Campanella, copian-do o título em português do roman-ce de Emily Bronte(1), quando a Associação Atlética São Bento dis-putou, por São Caetano do Sul, o campeonato de futebol da primeira divisão de profissionais da Federa-ção Paulista de Futebol.

A breve história da A.A.São Bento é polêmica e contraditória e até hoje provoca mágoas na velha guarda dos associados do São Caetano Esporte Clube. Ao mesmo tempo traz saudades aos antigos moradores do bairro Olímpico (antes, Monte Alegre Novo) principalmente para os garotos, que na época, moravam em torno do estádio Anacleto Cam-panella.

A Associação Atlética São Ben-to, fundada em 13 de Fevereiro de 1954, nasceu da fusão do São Caeta-no Esporte Clube e do Comercial Futebol Clube, da cidade de São Paulo, em um contexto político e es-portivo característico de um municí-pio recém criado e em rápido pro-cesso de urbanização, onde os cami-nhos da política e do esporte se cru-zaram com um único objetivo: viabi-lizar a presença de um clube de fute-bol representando a cidade de São Caetano do Sul, no torneio estadual da Federação Paulista de Futebol.

Em se tratando da história do fu-tebol em nossa cidade, há muito que o São Caetano Esporte Clube (fun-



Fachada do Estádio Municipal Anacleto Campanella na época de sua conclusão no final de 1954

Acervo: Fundação Pró-Memória



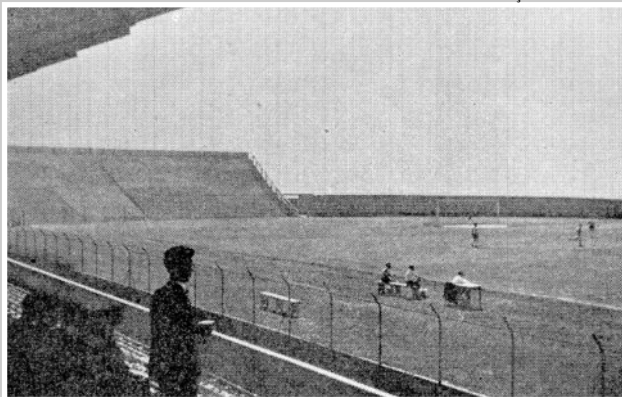
Vista da arquibancada de madeira coberta e da arquibancada descoberta ao fundo, construída em cimento

Acervo: Fundação Pró-Memória

dado em 1º de Maio de 1914) plei-teava seu ingresso na divisão supe-rior do campeonato paulista. Seu histórico de clube de futebol, com 40 anos de vida o credenciava para este objetivo, pois sempre se constituiu de um grupo de abnegados esportis-tas que procuraram congregar as fi-guras mais representativas do espor-te local, afim de proporcionar à São Caetano um lugar de destaque no ce-nário futebolístico estadual. Foi des-sa maneira que crescendo sempre,

chegou ao ano de 1928, quando con-seguiu seu mais expressivo êxito no campo esportivo com a brilhante vi-tória no campeonato do interior, der-rotando o Botafogo Futebol Clube de Ribeirão Preto, por dois a zero, em torneio patrocinado pela APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos).

Nos anos de 1935 e 1936, o São Caetano Esporte Clube disputou o campeonato paulista ainda pela APEA, enquanto os grandes clubes



Vista parcial do campo, vindo-se ao fundo a arquibancada descoberta de cimento

da capital disputavam pela LAF (Liga de Amadores Paulistas) fundada em 10 de Janeiro de 1926. Em 1935 ficou em quarto lugar e em 1936 em terceiro lugar, abaixo da Portuguesa de Desportos - campeã e do Clube Atlético Ypiranga - vice-campeão. Depois desta fase, o São Caetano Esporte Clube passou a disputar apenas o campeonato municipal dos anos de 1939, 1940 e 1941. Abriu-se posteriormente um outro hiato em suas atividades normais do futebol, que perdurou até 1948, quando foi obtida a inscrição do torneio de profissionais da segunda divisão. Nesta primeira jornada cumprida no campo de profissionalismo, foi excelente a performance do São Caetano E. C. que terminou na primeira colocação de sua série, empatando com o Rio Pardo F. C.. Não permitiu a sorte porém que o São Caetano Esporte Clube ingressasse na primeira divisão, pois perdeu a decisão por cinco a três em jogo realizado com o próprio Rio Pardo, na cidade de Limeira, em um evento transmitido por várias emissoras de rádio do interior de São Paulo.

Houve ainda a tentativa de subir à primeira divisão em 1949 e 1950, sem contudo lograr êxito que garantisse o acesso, mas demonstrando de maneira incontestável o mérito so-

bretudo esportivo que havia em ocupar um lugar entre os clubes principais do futebol profissional do Estado de São Paulo.

Em relação ao Comercial Futebol Clube, da cidade de São Paulo, cuja sede localizava-se na extinta praça Clovis Bevilacqua, ao lado da praça da Sé, tratava-se de um clube fundador da atual Federação Paulista de Futebol que havia disputado 14 campeonatos de 1939 a 1953, com a melhor colocação obtida nos campeonatos de 1944 e 1946, ficando em sétimo lugar.

Na época da fusão destes dois clubes, em 1954, São Caetano ainda vivia a euforia da autonomia política conseguida em 1948. No campo esportivo, houve a autonomia esportiva com a criação da Li-

ga de Esportes de São Caetano do Sul, extinguindo-se a sub-liga de Futebol Getúlio Vargas, subordinada à Liga Santoandreense de futebol. Como consequência destas mudanças, o clima de efervescência do futebol tomou conta da cidade, e foi preciso organizar três campeonatos de futebol: divisão principal, primeira divisão e divisão matinal e já sonhava-se com a criação de um estádio municipal, já que a escassez de campos varzeanos ameaçava a vida do futebol amador na cidade, além do que, o estádio do São Caetano Esporte Clube, na rua Paraíba não possuía alambrado e o campo era apenas cercado por ripas.

No mesmo ano, em que Anacleto Campanella assumia a prefeitura pela primeira vez, em 4 de Abril de 1953, o São Caetano Esporte Clube dava adeus à esperança de subir à primeira divisão. Em partida realizada contra a S.E. Sanjoanense, de São João da Boa Vista, o São Caetano perdeu por dois a zero, só restando a necessidade de ganhar o último jogo contra o Linense, mas o jogo terminou empatado por um a um, e o time foi desclassificado.

No ano de 1953, a idéia do estádio municipal ganhou força na cidade. Era o desejo dos dirigentes de todos os clubes esportivos.

Com a crise que se abateu sobre



Carteirinha de sócio contribuinte da Associação Atlética São Bento, que pertenceu a Bruno Gianello

o São Caetano E. C., com a mudança da diretoria, e do conselho consultivo, a população de São Caetano ficou surpresa com os boatos sobre a fusão do clube com o Comercial F. C.. A comissão encarregada da fusão era formada pelos srs. Anacleto Campanella, Hermógenes Walter Braido e Angelo Aladino Grechi, e o conselho deliberativo do clube votaria em reunião marcada para o dia 9 de Fevereiro de 1954, a determinação da mudança do nome do clube. Em nota publicada no Jornal de São Caetano, a deliberação da ordem do dia, do conselho, dirigido por Adriano Duarte, foi assim redigido: (2)

1. Alteração estatutária da parte que concerne ao nome do clube e suas coisas; 2. Autorização da fusão Comercial-São Caetano nomeando-se em caso positivo uma comissão especial de três membros conselheiros ou não, com poderes extraordinários para concluir o ato. Assinado: José Mombelli, secretário do conselho.

Assim nascia a 13 de Fevereiro de 1954, a Associação Atlética São Bento, que sobreviveria até 18 de Dezembro de 1957, quando a cisão faria ressurgir das cinzas, qual o vôo do Fenix o antigo e tradicional São Caetano Esporte Clube. Nos quatro anos em que o São Bento disputou a



primeira divisão da Federação Paulista de Futebol, percebe-se pela análise dos resultados, que o saldo neste tempo foi negativo, se não vejamos: pelo ranking dos times inativos da Federação Paulista de Futebol, o São Bento ocupa a 29ª colocação, com a seguinte retrospectiva: (3) Pontos ganhos: 49, Jogos: 70, Vitórias: 16, Empates: 17, Derrotas: 37.

Para efeito de comparação, neste mesmo ranking o São Caetano E.C. ocupa a sexta colocação e o SAAD Esporte Clube a 23ª colocação. Em relação aos times em atividade (dados de 1997) a Associação Desportiva São Caetano ocupa a 24ª colocação.

Enfim, a bola começou a rolar nos pés da Associação Atlética São Bento, no estádio do São Caetano Esporte Clube da rua Paraíba, já que

o estádio dos Morros Uivantes só seria inaugurado em janeiro de 1955.

CLASSIFICAÇÃO DO CAMPEONATO PAULISTA DE 1954(3) – (Reprodução de tabela 1) – O regulamento do Campeonato de 1954 previa jogos de todos contra todos, em dois turnos com pontos corridos. O São Bento terminou em 10ª lugar. O campeão naquele ano foi o Corinthians que em jogo realizado em 6 de Fevereiro de 1955 empatou em um a um com o Palmeiras, tornando-se campeão do 4º Centenário da cidade de São Paulo.

A sensação do São Bento neste campeonato foi a contratação do goleiro Narciso, ex-jogador do Corinthians. No amistoso que antecedeu ao início do campeonato o São Bento ganhou do Corinthians por dois a um, jogando com o seguinte quadro: Narciso, Pascoal e Lamparina, Alfredo, Savério e Alan, Alcino, Zé Carlos, Bota, Vermelho e Nelsinho. Quadro do Corinthians: Cabeção, Homero e Diogo, Olavo, Julião e Roberto, Claudio, Luizinho, Gatão, Nono e Simão.

CLASSIFICAÇÃO DO CAMPEONATO PAULISTA DE 1955(3) – (Reprodução da tabela 2) – Em janeiro de 1955, o campeonato paulista de 54 começava o segundo turno, quando o Estádio Municipal Anacleto

Acervo: Fundação Pró-Memória

CLASSIFICAÇÃO									
Time	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG	
1 Corinthians	42	26	18	6	2	55	25	30	
2 Palmeiras	37	26	17	3	6	84	38	46	
3 São Paulo	35	26	15	5	6	46	29	17	
4 Santos	34	26	16	2	8	70	43	27	
5 Port. Desportos	28	26	13	2	11	51	44	7	
6 Ponte Preta	25	26	11	3	12	45	48	-3	
XV Jáu	25	26	10	5	11	49	59	-10	
8 Guarani	24	26	10	4	12	37	44	-7	
9 Linense	21	26	8	5	13	38	53	-15	
10 São Bento-SCS	20	26	8	4	14	33	50	-17	
Noroeste	20	26	5	10	11	38	56	-18	
XV Piracicaba	20	26	6	8	12	35	56	-21	
13 Juventus	19	26	7	5	14	45	53	-8	
14 Ypiranga	14	26	4	6	16	26	54	-28	

Tabela 1

Acervo: Fundação Pró-Memória

CLASSIFICAÇÃO									
Time	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG	
1 Santos	40	26	19	2	5	71	40	31	
2 Corinthians	39	26	18	3	5	54	32	22	
3 São Paulo	38	26	16	6	4	72	37	35	
4 Palmeiras	35	26	15	5	6	60	43	17	
5 Port. Desportos	29	26	13	3	10	61	47	14	
6 Guarani	27	26	11	5	10	48	44	4	
7 XV Jáu	22	26	6	10	10	45	49	-4	
8 Taubaté	21	26	7	7	12	48	50	-2	
Ponte Preta	21	26	7	7	12	44	52	-8	
XV Piracicaba	21	26	8	5	13	50	64	-14	
11 São Bento-SCS	20	26	7	6	13	37	58	-21	
12 Linense	19	26	5	9	12	37	59	-22	
13 Noroeste	17	26	4	9	13	39	57	-18	
14 Jabaquara	15	26	5	5	16	33	67	-34	

Tabela 2



Equipe da Associação Atlético São Bento no campeonato de 1956. Em pé da esquerda para a direita: Maurinho, Elpidio, (?), Aldo, Rubens de Almeida e Diogo. Agachados: Zé Carlos, Tantos, Bota, Dema e Varca

Campanella foi inaugurado. Na realidade houve duas inaugurações, a primeira no dia 2 de janeiro em jogo contra o XV de Piracicaba, com a vitória do São Bento por um a zero, a segunda no dia 13 de janeiro contra o Corinthians onde o São Bento perdeu por três a um. Quadros: São Bento: Narciso, Elpídio e Lamparina, Ruiz, Savério e Diogo, Sampaio, Zé Carlos, Bota, Dema e Nelsinho. Corinthians: Gilmar, Homero e Alan, Olavo, Goiano e Roberto, Claudio, Luizinho, Baltazar, Rafael e Nono.

CLASSIFICAÇÃO DO CAMPEONATO PAULISTA DE 1956(3) – (Reprodução de tabela 3) – No ano de

1956 o campeonato paulista, através do regulamento previa um torneio de classificação com dezoito equipes se enfrentando em um turno. Os dez primeiros colocados disputariam turno e retorno, com pontos corridos. O São Bento terminou em último lugar na fase final, mas no torneio de classificação ficou acima da Ponte Preta, Noroeste, Ferroviária, Guarani, Jabaquara, Portuguesa Santista, Linense e Nacional.

CLASSIFICAÇÃO DO CAMPEONATO PAULISTA DE 1957(3) – (Reprodução de tabela 4) – No ano de 1957, o São Bento não se classificou para a fase final, ficando de fora do

torneio de classificação que antecedeu o campeonato, terminando com dezoito pontos ganhos à frente do Juventus, Ferroviária, Taubaté, Guarani, XV de Jaú, Nacional, Ipiranga e Limense.

No dia 3 de Abril de 1957, Anacleto Campanella deixou o cargo de prefeito municipal e assume Oswaldo Samuel Massei. A época da existência da A. A. São Bento durou praticamente o mesmo tempo da administração Campanella. Em setembro de 1957, Anacleto Campanella dá uma entrevista ao Jornal de São Caetano rebatendo às críticas favoráveis à cisão do São Caetano-Comercial, defendendo a continuação do São Bento e elogiando o todo poderoso e polêmico Capitão Raphael Oberdã de Nicola, o verdadeiro vilão da história, e presidente da A. A. São Bento.

No dia 18 de Dezembro de 1957, em reunião do Conselho Deliberativo da A. A. São Bento foi decidida a cisão São Caetano-Comercial, por 26 votos contra 5, fazendo desaparecer do estádio do Morro dos Ventos Uivantes a camisa alvi-celeste do São Bento. Na ocasião ficou estabelecido que o estádio, assim como a sede do São Bento voltarão a pertencer ao São Caetano Esporte Clube, enquanto que o plantel de profissionais com exceção de Rubens de Almeida que pertencia ao São Caetano passaria

CLASSIFICAÇÃO

Time	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1 Santos	30	18	15	0	3	43	18	25
São Paulo	30	18	13	4	1	56	21	35
3 Corinthians	25	18	9	7	2	41	22	19
4 Palmeiras	22	18	9	4	5	39	34	5
5 Port. Desportos	15	18	5	5	8	23	29	-6
6 XV Jaú	14	18	6	2	10	23	43	-20
7 XV Piracicaba	13	18	4	5	9	36	46	-10
8 Juventus	11	18	4	3	11	24	39	-15
Taubaté	11	18	3	5	10	23	41	-18
10 São Bento-SCS	9	18	1	7	10	26	41	-15

Tabela 3

CLASSIFICAÇÃO

Time	TORNEIO FINAL								
	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG	
1 São Paulo	30	18	13	4	1	53	24	29	
2 Santos	29	18	13	3	2	63	30	33	
3 Corinthians	28	18	12	4	2	44	21	23	
4 Port. Desportos	20	18	7	6	5	38	30	8	
5 Botafogo	18	18	6	6	6	24	30	-6	
6 Port. Santista	15	18	4	7	7	31	43	-12	
7 Ponte Preta	13	18	6	1	11	22	42	-20	
8 Jabaquara	10	18	2	6	10	19	34	-15	
9 Palmeiras	9	18	2	5	11	28	36	-8	
10 XV Piracicaba	8	18	3	2	13	25	57	-32	

Tabela 4

a jogar com a camisa do Comercial.

O estádio do Morro dos Ventos Uivantes entraria em ruínas até a volta do Campanella em sua Segunda administração a partir de 4 de Abril de 1961. O estádio foi totalmente reformado, surgiram as piscinas, o ginásio de esportes, quadras de basquete, vôlei, tênis, e tudo ficou pronto para a realização do 29º Jogos Abertos do Interior, em Outubro de 1964. Neste ano, morre Lauro Gomes, e em homenagem à este político do ABC, Campella batiza o estádio de Lauro Gomes de Almeida. Ainda na década de 60, outros clubes tentam voltar à divisão especial de futebol paulista, sem sucesso: Cerâmica Futebol Clube, Clube Atlético Monte Alegre, General Motors Esporte Clube, Transauto Futebol Clube e Atlético Vila Alpina.

Na década de 70, o SAAD Esporte Clube disputa os campeonatos de 1974 e 1975, participando por convite especial da Federação Paulista de Futebol.

Na década de 80, surge em 4 de



dezembro de 1989 a Associação Desportiva São Caetano, fazendo ecoar no Morro dos Ventos Uivantes, um novo grito de gol do povo sancaetanense.

Notas:

- (1) Emily Bronte (1818-1848), inglesa, autora do romance *O Morro dos Ventos Uivantes* (Wuthering Heights).
- (2) Jornal de São Caetano, coleção de

1954.

(3) Storti, Valmir. A história do campeonato Paulista: 1902-1996, Valmir Starti e André Fontenelle - São Paulo: Publifolha, 1997, 208 pg., ilustrado.

(*) José Roberto Gianello, é sociólogo e assessor da Divisão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Centro Esportivo Lauro Gomes que inclui atualmente o Estádio Anacleto Campanella, de 1968

Sábado de Aleluia, 1934. Eram comuns estas comemorações no São Caetano Esporte Clube. 1-Albano Moraes, 2-Frugli Lorenzini, 3-Antonio Genga, 4-Ettore Manille, 5-Dino D'Agostini, 6-Julio Marucci, 7-Batista Mantovani, 8-José Samiotto, 9-Vicente Genga, 10-?, 11-? Santarelli, 12-Antonio Naranjo, 13-Francisco Adelino Fiorotti, 14-Antonio Garcia, 15-João Dal'Mas, 16-Reinaldo Lodi, 17-? Colletta (noiva, vestido de noiva era morador do Ipiranga), 18-Américo Perrella, 19-?, 20-Mario Bortolotto, 21-Adelino Galo, 22-Eduardo Paolillo, 23-Victorio Dal'Mas, 24-? Spaggiari, 25-Linda Molinari, 26-Carmela Capuano, 27-Eliza Lorenzini, 28-Italo Dal'Mas,

29-Norma Marcuoc



Um Sábado de Aleluia no São Caetano Esporte Clube

Oscar GARBELOTTO(*)

Por volta do ano de 1934, no Bairro da Fundação, um grupo de 13 amigos que se autodenominaram Bloco dos Livres (porque nenhum deles tinha namorada), fizeram algumas reuniões na esquina das ruas 28 de Julho e Rio Branco. No grupo estavam o Vicente Genga, Antonio Naranjo, João Dal'Mas, Reinaldo Lodi, Adelino Galo e Francisco A. Fiorotti, entre outros. Numa dessas reuniões surgiu a idéia de um casamento no Baile de Aleluia do São Caetano Esporte Clube que se aproximava. Em segunda reunião realizada no mezanino do clube da rua Perrella, a idéia foi consolidada, ficando designado Reinaldo

Lodi para noivo, o Colletta para noiva, Naranjo e Galo os padrinhos e Linda Molinari e Carmela Capuano para madrinhas. Dal'Mas foi o padre e Fiorotti o coroinha.

Chegou o dia. Reunidos na venda de Eduardo Lorenzini, bem em frente à Matriz Velha, vestiram-se a caráter e, de lá, iniciaram o desfile pela rua 28 de Julho, Rio Branco, Perrella, até as porteiras da estrada de ferro. De lá retornaram e entraram no clube. No trajeto foram acompanhados por fogos e uma banda musical especialmente formada por pessoas que não sabiam tocar nenhum instrumento.

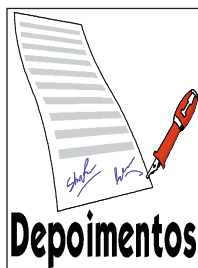
O Baile de Aleluia estava no início quando a comitiva entrou no salão e iniciou a ceri-

mônia, logo após as 20 horas, que os bailes iniciavam. O *padre* Dal'Mas fez o sermão, a bênção. Logo após a valsa dos noivos e a grande festa do São Caetano Esporte Clube prosseguiu animada.

A foto foi tirada antes do casamento. Era mais uma grande noite da antiga São Caetano. (Depoimento de Francisco A. Fiorotti a Oscar Garbelotto, em 2 de Outubro de 1996)

(*)Oscar Garbelotto é advogado e professor do IMES. É também Coordenador de Cultura do IMES. Ocupou na administração pública municipal, as funções de Diretor de Educação e Cultura, Diretor do IMES e Presidente da Fundação Pró-Memória. (Colaboração e revisão de Morisa Garbelotto Rodegher)

Chiea Indústria e Comércio S/A: cinquenta anos de serviços prestados



Ambrósio Chiea, nascido na Áustria, em 1860, e Maria Broch, também nascida na Áustria, em 1864, ainda adolescentes, imigraram para o Brasil, estabelecendo-se na cidade de Salto, estado de São Paulo, onde se conheceram e se casaram. Tiveram seis filhos: Catarina, Angelina, Rosa, Ana, Fortunato e Thiago, sendo este, conhecido como Jacomo, nasceu no dia 6 de janeiro de 1893.

Mais tarde, Thiago casou-se com Maria Anna Bataglia, também natural de Salto, nascida em 2 de fevereiro de 1895. Desse casamento nasceram seis filhos: José, Roberto, Alberto, Osvaldo, Sérgio e Rubens Ambrósio.

Em 1919, Roberto e Alberto, com pouco mais de um ano de idade morreram, em Salto, vítimas de meningite. Ainda hoje, o túmulo dessas crianças, em Salto, é muito visitado pelo povo que lhes atribui milagres.

Imigrantes de Verona, Itália, José Bataglia e Yolanda Varotti também se fixaram na cidade de Salto, Estado de São Paulo, onde se encontraram e constituíram família. Tiveram oito filhos: Pracídia, Paulina, Maria Anna, João, José, Antonio, Hugo e Frederico.

Maria Anna Bataglia e
Thiago Chiea
(Casamento em 28 de
novembro de
1914, em Salto,
São Paulo)



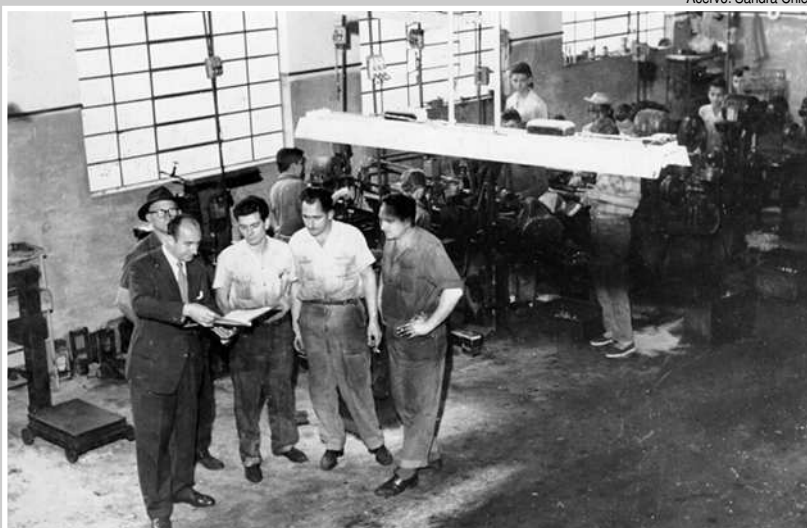
Acervo: Sandra Chiea

Acervo: Sandra Chiea



Thiago Chiea em Salto,
1912

Acervo: Sandra Chiea



Irmãos Chiea Ltda., 1961. José Chiea, Rubens Ambrósio Chiea, Sérgio Chiea, Osvaldo Chiea e na Segunda fila, Thiago Chiea

Mudança – A vida em Salto ia ficando cada vez mais difícil. Por isso, Thiago Chiea decidiu mudar-se, com a família, para a Capital de São Paulo, alugando, por algum tempo, uma pequena casa, no bairro de Santana.

Pouco tempo depois, a família Chiea passou a residir

na rua Cisplatina, n-º 502, bairro do Ipiranga. Todos trabalhavam, Rubens Ambrózio, o filho mais novo, com apenas oito anos, já vendia laranjas.

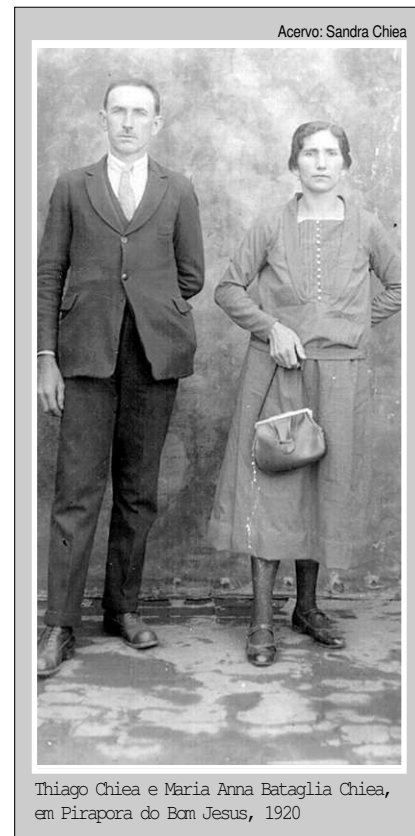
A família freqüentava a Paróquia São José, onde os meninos eram coroinhas.

Irmãos Chiea Ltda – No dia 20 de julho de 1948, os



Acervo: Sandra Chiea

Irmãos Chiea Ltda., 1961



Acervo: Sandra Chiea

Thiago Chiea e Maria Anna Bataglia Chiea, em Pirapora do Bom Jesus, 1920



Acervo: Sandra Chiea

Rubens Ambrózio Chiea em Monte Serirat, 13 de abril de 1947

três irmãos Chiea, Osvaldo, Sérgio e Rubens Ambrósio fundaram na própria casa a empresa Irmãos Chiea Ltda, com o nome fantasia Mecânica São José.

José, o filho mais velho, não quis ser sócio dos irmãos, preferindo participar da empresa como vendedor.

A empresa funcionava nos fundos da casa, onde Maria Anna cedeu sua sala de visitas para instalar o escritório da firma.

Nos primeiros tempos, os três irmãos tinham um emprego fixo durante o dia e, à noite, se dedicavam à empresa.

De início, produziam bombas para puxar água de poço. Com o advento da água encanada e o crescimento da indústria automobilística, a empresa Irmãos Chiea mudou de ramo, passando a fabricar peças para automóveis.

Ampliação – Em 1960, como a casa do Ipiranga tornou-se pequena para o crescimento

da empresa, os irmãos Chiea adquiriram um terreno, situado na alameda São Caetano, nº 2081, bairro Santa Maria, em São Caetano do Sul, onde se instalaram em definitivo.

Já casados, mudaram-se também com suas famílias, residindo nas proximidades da empresa. O primeiro a mudar-se para São Caetano do Sul foi Sérgio Chiea que adquiriu uma casa na alameda São Caetano, nº 1.059, em 1948. Rubens Ambrósio por sua vez, veio para a cidade em 1961, instalando-se na rua Tibaji a 30 metros de empresa. Por fim, Osvaldo Chiea também acompanhou os irmãos fixando residência na alameda São Caetano, nº 2.374.

Em 1983, Sérgio Chiea e seus filhos decidiram retirar-se da empresa. Cinco anos depois, a mesma decisão foi tomada por Rubens Ambrósio Chiea que deixou, porém, como seus representantes os filhos Sandra

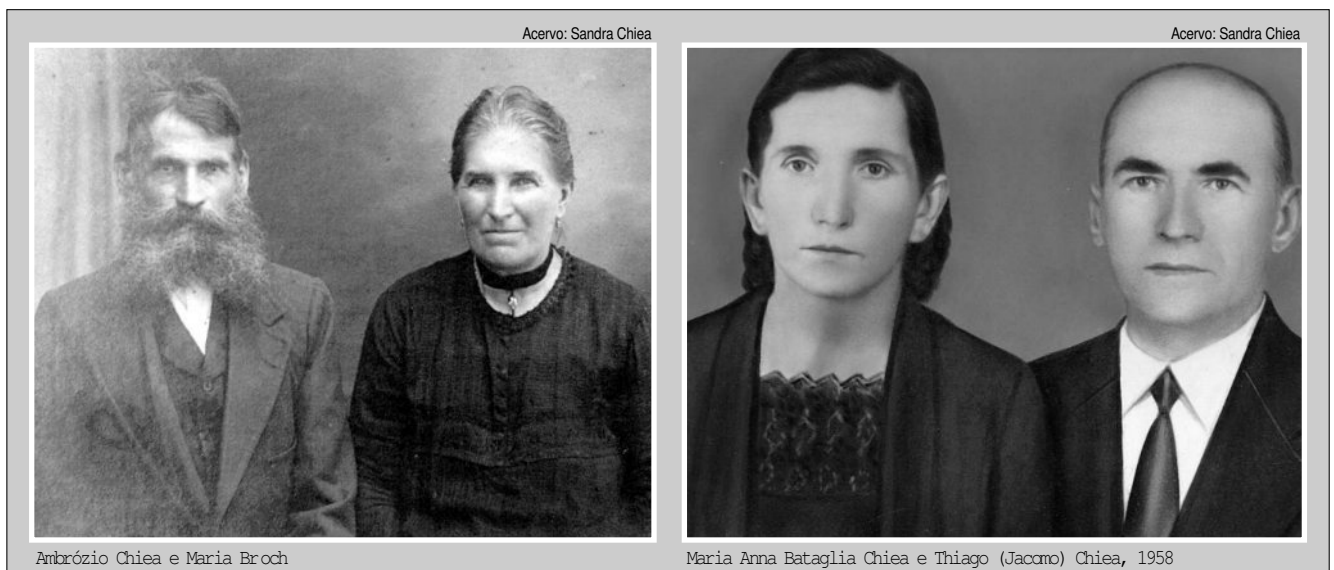
Chiea e Vladimir Chiea.

Transformação – A empresa que começou em 1948, como Irmãos Chiea Ltda ou Mecânica São José foi profissionalizada, transformando-se em Chiea Indústria e Comércio S/A.

Assim, 100 funcionários sob a direção de um grupo de profissionais competentes, contratados pela família Chiea, respondem pelo sucesso atual da empresa, já com 50 anos de serviços prestados.

Atualmente, representam a família Chiea, no Conselho de Administração da empresa, Osvaldo Chiea e seus filhos Carlos Alberto e José Roberto; Sandra Chiea e Vladimir Chiea, filhos de Rubens Ambrósio Chiea.

Segundo depoimento de Sandra Chiea, a transformação de Irmãos Chiea Ltda em Chiea Indústria e Comércio S/A teve, por objetivo, manter a empresa sempre mais moderna e atuante. *(Yolanda Ascencio)*



Conhecido por todos, Seu Juca era uma fonte de informação confiável

Gisberto GRIGOLETTO (*)

O senhor José Mariano Garcia Júnior, homem de boa aparência, alto, robusto, de tez morena, sempre bem trajado, conhecia e era conhecido pela maioria dos habitantes de São Caetano.

Grande parte desses habitantes era constituída de gente simples, operários das fábricas ou olarias, e o conheciam pura e simplesmente por *Seu Juca*.

Em época de eleição, ele visitava quase todos esses conhecidos em suas próprias residências, expondo as qualidades deste ou daquele candidato. Após essa visita, era quase certo de que o eleitor depositaria o voto no candidato por ele indicado.

Em contrapartida, essas pessoas humildes, entre elas meu pai, quando tinham alguma dúvida sobre escrituras, alvarás, impostos, etc., recorriam a ele ao invés de irem diretamente na Prefeitura, ou ao tabelião, conforme o caso. Decorridos alguns dias, o *Seu Juca* vinha com a solução, ou então orientava o interessado como deveria agir.

Era um cabo eleitoral sincero, honesto. Lembro-me de que certa feita, falando com meu pai, disse:

- “Não sei seu João, mas creio que ainda não será desta vez”.

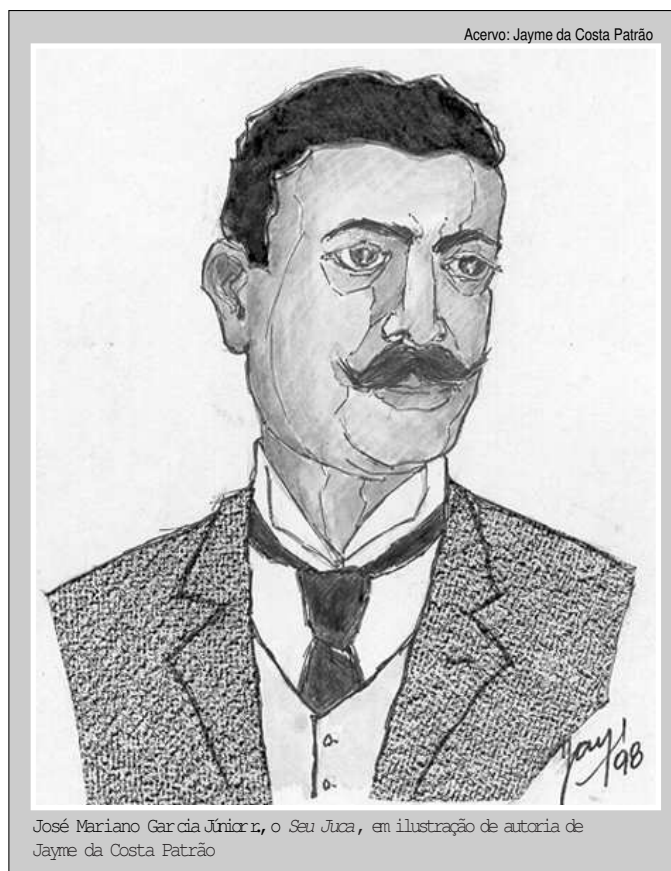
Essa resposta foi dada por ele quando meu pai perguntou se viria a luz elétrica para o bairro. Isto porque a situação, como na eleição anterior, espalhara ao longo das ruas Amazonas, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia, postes de ferro próprios para iluminação, dando esperanças aos moradores

do bairro da provável vinda da tão almejada rede de energia elétrica. Mas... *Seu Juca* disse-ra que não viria, e de fato não veio mesmo.

Algum tempo depois, os postes foram recolhidos para aguardar uma nova oportunidade de eleitoreira.

À noite desse dia, (meu pai era guarda-noturno) minha mãe disse aos meus irmãos João e Alberto; o *Seu Juca* esteve aqui em casa, e falando com seu pai e recomendou para vocês votarem em...

Naquela época, em São Caetano, dificilmente perdia as eleições o candidato apoiado por João Mariano Garcia Jr., conhecido como *Seu Juca*.



José Mariano Garcia Júnior, o *Seu Juca*, em ilustração de autoria de Jayme da Costa Patrão

(*) Gisberto Grigoletto nasceu em 1911, em Jaguari (atual Jaguariúna). Veio para São Caetano do Sul aos três anos de idade. Passou a residir em casa construída pelo pai, João Grigoletto, onde é hoje a rua Rio de Janeiro; foi a quarta construída no bairro Monte Alegre. Grigoletto foi secretário e duas vezes presidente do Clube Esportivo Lazio, entre 1932 e 1936. Ainda jovem, começou a trabalhar nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Unidade Água Branca, em 1925, como simples mensageiro, tendo se aposentado na mesma empresa, em abril de 1967.



Família Shafa, da esquerda para a direita: Mohiman (filho), Parvin (mãe), Taraneh (filha) e o pai Amanollah

As ricas lembranças de um pioneiro Bahá'i na cidade

Rodolfo Carlos BONVENTTI(*)

Mohiman Shafa tinha 12 anos quando chegou com os pais e a irmã mais nova ao Brasil em 1955. Eles faziam parte de uma das várias famílias que deixaram o Irã nesse período, dentro do programa Cruzada Mundial dos 10 Anos, com o objetivo de difundir nos cinco continentes a Doutrina Bahá'í.

Hoje admiro a coragem do meu pai, na época um advogado que gozava de relativo prestígio e status social no Irã, em mudar para

um país distante e de língua totalmente desconhecida. Mas, enfim, havia o plano da Cruzada Mundial e o Centro Mundial Bahá'í encorajava os bahá'ís a se espalharem e fixarem residência nos cinco continentes, e nessa época cerca de vinte famílias escolheram o Brasil. E mesmo por aqui, evitaram aglomerar-se e espalharam-se ao máximo, conta Mohiman.

Após alguns meses no Rio de Janeiro e na cidade de São Paulo, os Shafa - o pai Amanollah, a mãe Parvin, Mohiman e a irmã Taraneh, então com sete anos, fi-

xaram residência em São Caetano. A primeira impressão que tivemos aqui foi naturalmente a de um lugar maravilhoso em todos os aspectos. Muito nos impressionou a hospitalidade, a mansidão e o bom humor do povo, descontraído e amigo, afirma ele com muita saudade daqueles primeiros anos no Brasil.

TIMIDEZ - *Assim que chegamos em São Caetano meus pais me matricularam no Instituto de Ensino. Devido ao meu caráter tímido e retraído, e também por estar em uma turma dois anos mais jovem*

do que eu, já que no Irã o curso primário era de seis anos e aqui no Brasil de quatro, o que fez com que eu retrocedesse dois anos, tive muita dificuldade no início para me integrar e me identificar com a turma da época. Levei bem uns dois anos para começar a curtir, o que hoje com muita saudade recordo como os meus Anos Dourados, explica Mohiman.

Dos tempos no Instituto de Ensino, um fato curioso: o diretor era o professor Vicente, mas o jovem recém-chegado tinha muitos problemas para entender a pronúncia da língua portuguesa. E o professor Vicente, que os alunos chamavam de *seu Vicente*, virou para ele *Sr. Sovicente*. O senhor na frente do nome era imprescindível para o jovem iraniano, que indignado com a falta de reverência normalmente dedicada aos

professores no Irã, não admitia tratá-lo de outra maneira.

ANOS DOURADOS - E as ricas lembranças não param de surgir: os saudosos tempos do Grêmio Estudantil 28 de Julho, que ele serviu com brilhantismo, e dos grandes amigos e companheiros que com ele conviveram esses *Anos Dourados*: Enio Campoi, Pedro da Rós, Sidney Cavassani, Daniel Fiorotti e os irmãos Fuad e Ramis Sayar. E as sessões de cinema no Cine Vitória? Foi lá, que nos idos de 1962, já perfeitamente integrado à nova pátria que com a família ele tinha adotado, o jovem iraniano se impressionou com as cenas de ação e violência do agente secreto 007 em *Moscou Contra 007: Comparado com as cenas de violência que vemos diariamente hoje nas telas e ao vivo, o filme é uma sessão da tarde de tão ingênuo*, analisa ele.

Como um dos pioneiros bahá'ís no País, e, principalmente no Grande ABC, seu maior desafio era manter perante os colegas um padrão de conduta digna do nome bahá'í: *Eu tentava expor para eles as mudanças e as transformações que cada indivíduo, e por tabela, a nossa sociedade precisavam passar para que num futuro não muito distante desta era da incerteza, não tenhamos que ver as cenas de horror que hoje testemunhamos.*

MENSAGEM - A família Shafa tinha uma missão importante: estabelecer uma nova comunidade em São Caetano, e promover em toda a região os princípios do pensador religioso Bahá' u'lláh - de unidade na diversidade, amor universal e paz mundial. O tema central da mensagem da Fé Bahá'í, a mais jovem das religiões mundiais independentes, é o conceito de que a



Acervo: Mohiman Shafa

Maio de 1963, Colégio Coronel Bonifácio de Carvalho. Da esquerda para direita, em pé: Mohiman, ?, Vivaldi Fabratti, Mario Spinicci, Menon.

Agachados: Pedro da Rós, Flávio Lino, Enio Garletti, Celso Horvat, Vitor Mancuzo

humanidade representa uma única raça e que é chegado o dia de sua unificação em uma sociedade global. Para Bahá'ílláh a humanidade é uma única família global e, o planeta, a sua terra natal.

Entre um desafio e outro, entre um princípio e outro, a comunidade Bahá'í foi crescendo em toda a região, e o trabalho de Mohiman Shafa, um engenheiro mecânico formado pela FEI, e hoje residente em Foz do Iguaçu, foi elemento importante nesse crescimento: *A questão fundamental é que o bem-estar social, que engloba o econômico e o familiar, e que tem a sua origem no campo espiritual, não nasce a partir do nada. É necessário um adiantado esforço espiritual e intelectual. É*

preciso fazer renascer em cada indivíduo um agudo senso de justiça. Em caso contrário, as nossas consultas conduzem a um nada de real valor. Uma sociedade de ouro não pode ser formada por homens de chumbo. Por isso a Comunidade Bahá'í investe todos os seus recursos e energias na promoção da educação, pois um povo educado sabe se administrar e viver feliz, enquanto um povo ignorante será sempre explorado e viverá na miséria, acrescenta.

ECUMENISMO - Os Templos Bahá'ís são abertos a todos os povos; seus programas devocionais são simples, consistindo de orações, meditações e da leitura de seleções das Escrituras Sagradas

da Fé Bahá'í e de outras religiões mundiais. A Comunidade Bahá'í congrega hoje cerca de seis milhões de pessoas residentes em 166 nações independentes e 48 territórios, e abrange a maioria das raças, crenças e culturas, incluindo mais de dois mil diferentes grupos étnicos. No Brasil, onde está estabelecida desde fevereiro de 1921, a Comunidade Bahá'í é conhecida também por seus projetos de desenvolvimento econômico e social em diversas regiões do País.

() Rodolfo Carlos Bonventti, jornalista formado pela Metodista, em São Bernardo do Campo. Atualmente é assessor de imprensa junto a diversas empresas*





A diretoria do Grêmio Estudantil 28 de Julho, no Baile do Pinguim em 26 de Outubro de 1963. Da esquerda para a direita em pé: Mohiman, (?), (?), (?), Maria Luiza (Neguirha), (?), (?), Heitor, Pedro Da Ros, (?), Alex Dzule, Norival Menon, Sidney Cavassani (vice-presidente). Agachados: Caio e Gelson (diretor-social).



Reunião de autoridades, os dez mais e alguns diretores do Grêmio Estudantil 28 de Julho, em Outubro de 1963

Augusta Dalcin Botteon, um exemplo de fé, trabalho e muita perseverança

Mário BOTTEON(*)

Na distante data de 23 de julho de 1882, nascia na cidade de São Caetano do Sul, então Sítio de Tijucuçu, uma criança do sexo feminino que na pia batismal, receberia o nome de Augusta. Era fruto de um casamento realizado entre colonos italianos que aqui chegaram no ano de 1877.

Essa criança foi crescendo normalmente, com muita saúde, porém, o destino já lhe reservava desagradáveis surpresas. Quando tinha apenas oito anos de idade, época própria em que as crianças costumavam brincar com bonecas, (naquele tempo somente existiam as confeccionadas de pano) perde a sua querida mãe.

Assim, com tão pouca idade, teve que dividir o tempo entre bonecas e outros folguedos, próprios da idade, com os afazeres domésticos! Os anos foram transcorrendo normalmente e cada vez mais, assumindo maiores responsabilidades. Era obrigada a ajudar o pai nos afazeres domésticos, cuidando dos seus irmãos e inclusive, dos sobrinhos que haviam ficado na orfandade.

Cinco anos depois, com 13 anos, já havia assumido a responsabilidade de trabalhos

mais condizentes para adultos. E, diariamente podiam vê-la na boléia de uma carroça, com o irmão Antônio, na direção de outra carroça, com destino ao hoje Distrito de Utinga, município de Santo André, para o transporte de lenha, necessárias para alimentar os fogões e fornos caseiros. Também auxiliava na colheita de uvas, frutas outras hortaliças, embora nesse trabalho estafante, sonhava como sonham todas as moças casadouras.

Quando completou 22 anos de idade, viu-se como protago-



Foto de 1965, quando foi homenageada como a Mãe do Ano, pela Sociedade Amigos do Bairro Fundação. A medalha que ostenta foi o prêmio que recebeu

Acervo: Mário Botteon

nista de um evento marcante há tanto tempo almejado: o seu casamento com Antônio Botteon, no dia 10 de fevereiro de 1904, aqui em São Caetano.

ESPERANÇA - O novo lar fora instalado bem próximo à residência do pai de dona Augusta, hoje bairro da Fundação. Começava naquele instante, uma nova vida, cheia de esperanças por dia melhores. Todavia, os resultados não eram nada favoráveis. A vida era difícil, mas recebia com resignação essa situação porque amava o marido, e segundo as próprias palavras, era inteiramente correspondida no seu afeto.

Do casamento nasceram nove filhos, sendo oito vivos. Quando o fi-

lho caçula tinha apenas sete anos de idade, aconteceu mais um percalço. Antônio adoeceu e, após um prolongado tratamento médico, porém sem êxito, veio a falecer.

DIFICULDADES - Viúva, dona Augusta, tomou conhecimento das dificuldades que teria de vencer para poder criar a prole numerosa. Justamente nessa hora de incertezas, ela foi convidada a assinar algumas promissórias que garantissem as dívidas contraídas.

Embora convicta de ser uma

fortaleza, naquele momento estremeceu na base. Foi nesse instante que, reunindo todas as forças possíveis, balbuciando frases e com grande emoção, recusou-se a assinar os documentos. Porém, jurando solenemente, disse que haveria de pagar as dívidas até o último tostão, custasse o que custasse, não medindo sacrifícios, o que de fato fez.

Diariamente levantava-se às primeiras horas da manhã, para preparar os alimentos para os filhos que se dirigiam ao trabalho, indispensáveis na ajuda das despesas domésticas, pois mesmo cuidando da casa e dos filhos, arranjava tempo para lavar roupa para fora. Tratou de comprar uma máquina de costura, sendo a primeira uma máquina de costura que recebera de herança do sogro, aprendendo a confeccionar as roupas para os filhos.

Criava galinhas e patos e muitas vezes também um suíno e ainda tinha tempo para manter uma bem cuidada horta e tudo isso representava uma forma honesta de ganhar dinheiro.

Quando terminou de pagar as dívidas, esforçava-se em economizar e toda vez que conseguia algum dinheirinho, tratava de comprar materiais de construção para poder aumentar o patrimônio familiar! E, graças ao suor do rosto e muitas lágrimas, conseguiu construir algumas casas, modestas, porém, conseguidas com muito amor.

ABNEGAÇÃO - Não existem palavras que possam descrever com objetividade, com justiça, essa longa vida de sacrifícios em prol da família. Outros lares foram se formando com o casamento dos filhos e filhas, e todos, sem exceção, tiveram a

oportunidade de receber a ajuda dessa bondosa e santa mulher. Quantas e quantas vezes não fora chamada em plena madrugada para prestar socorro aos filhos e filhas, netos e parentes.

Nessa longa existência, sempre prestativa, também sentiu na própria carne as amarguras das ingratidões, das injustiças naturais das fraquezas humanas. Em 1959, conseguiu realizar aquilo que tanto almejava na vida, já com 77 anos de idade: dar uma pequena propriedade para cada filho. Ela nada quis reservar para si, senão a satisfação de ter toda a oportunidade de proporcionar agasalho aos seus.

ADMIRAÇÃO - Passado algum tempo, agora, já em idade avançada dona Augusta foi acometida de uma doença incurável. Todavia, mesmo alquebrada, conseguiu manter sempre uma lucidez notável, digna de admiração de todos que com que ela conviveram.

Mas, ignorando a gravidade da doença, percebia-se que tinha muitas esperanças de poder curar-se e levar, como sempre o faz, uma vida normal, própria da idade.

Quando descrevia episódios acontecidos há muito tempo, tal era a riqueza de detalhes que empregava na parte descritiva, que parecia terem acontecido em data recente. Religiosa convicta, não deixava nunca de cumprir com suas obrigações como católica praticante.

Uma de suas caras ambições, se assim podemos dizer, era a de ter a graça de poder participar das comemorações do 1º centenário da cidade, mesmo porque, chegara a participar do primeiro cinquentenário

de fundação de São Caetano quando tinha 45 anos de idade. Para sua alegria, conseguiu assistir o centenário de sua cidade natal quando já havia completado 95 anos de idade. Augusta Dalcin Botteon faleceu em 15 de setembro de 1977.

Ela amava com todas as forças do coração, este pedaço de chão sulsancaetanense. Terra que a viu nascer no ano de 1882.

Embora iletrada, demonstrou em sua longa existência, uma inteligência invejável, conhecedora profunda dos problemas humanos. E, sempre que houvesse qualquer pequena rusga envolvendo pessoas da família ou parente, todos socorriam-se nessa mulher de moral elevada que, ao dar os seus sábios conselhos, estes eram imediatamente acolhidos com muito respeito.

Sempre levou uma vida modesta, sem demonstrar qualquer ambição, contentando-se com tão pouco! Assim, quando presenciou ter chegado a hora de despedir-se da vida terrena, teve forças para pedir a presença de um sacerdote, padre Domingos da igreja Matriz Velha, para ministrar-lhe a extrema unção.

HOMENAGEM - Augusta Dalcin Botteon é nome de uma rua no bairro Olímpico, de acordo com o Decreto nº 4.649 de 23 de março de 1979.

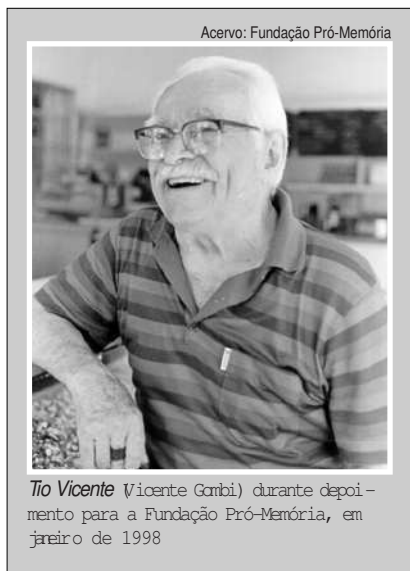
(*) *Mário Botteon, ator do antigo Teatro Operário do SESI, autor teatral e colunista de vários jornais locais*

Tio Vicente: recordações de um doceiro iugoslavo

O Edifício Vitória construído pela família Dal'Mas marcou época na vida cultural e política de São Caetano do Sul. Em junho de 1953, a prefeitura municipal de São Caetano do Sul mudou-se para lá formando junto com o Poder Legislativo e o Fórum, a sede dos três poderes na cidade. A construção deste prédio foi um marco das grandes edificações em São Caetano do Sul valorizando cada metro quadrado do Município. Com a inauguração do cine Vitória em 30 de Setembro de 1953, o próprio Edifício Vitória assim como o seu entorno tornou-se um dos principais pontos de encontro social da cidade. O cine Vitória passou a ostentar o título de *A jóia do triângulo paulista*.

Em função do prédio e do cinema, a esquinas das ruas Baraldi, Santo Antônio e Roberto Simonsen passaram a ser as mais frequentadas da cidade numa época em que o carro ainda era artigo de luxo e a televisão ainda dava seus primeiros passos. Naturalmente outras instituições passariam a gravitar em torno do Edifício Vitória, e até hoje permanecem no mesmo local como a banca de jornais do Nico - Antonio Luiz Scimini, e a *Doceira Jóia* do tio Vicente - Vicente Gombi. Ambos chegaram nesta esquina em 1953, e até hoje fazem parte da paisagem.

A *Doceira Jóia* tirou o próprio nome do slogan do Cine Vitória e passou a fazer parte do roteiro dos frequentadores de cinema, pois a maioria da população da época frequentava e consumia os famosos doces do tio Vicente. E é justamente sobre a simpática figura de Vicente Gombi, imigrante iugoslavo - que vamos conhecer a história da esquina mais doce de São



Caetano do Sul, através de depoimento oral gravado na Fundação Pró-Memória em 9 de janeiro de 1998:

- "*Nasci na cidade iugoslava de Rokouci, em 11 de janeiro de 1914. Meus pais Stiepan Gombi e Maria Gombi eram agricultores e também comerciavam com gado, quando previram o agravamento da situação econômica da Europa e resolveram imigrar para o Brasil. Formaram um grupo de 13 pessoas entre sogros, cunhados, e reunindo 13 grandes famílias embarcaram no porto de Vinkovci, atual Croácia, chegando em Santos no dia 3 de julho de 1927. Naquela época os imigrantes eram enviados diretamente para as fazendas do interior paulista, e com a minha família não foi diferente, e embarcamos para a fazenda Barbosa, na cidade de Pirajú para trabalhar na lavoura do café. O contrato que nos prendia ao trabalho na fazenda deveria durar dois anos, mas devido à dificuldades de adaptação, meu pai conseguiu a liberação diretamente com o*

dono da fazenda que permitiu nossa partida em dois meses.

Assim, devido ao contato com antigos conhecidos iugoslavos que residiam em São Caetano mudamos para a Vila Paula (atual Bairro Santa Paula), onde chegamos ainda em 1927. Fomos morar na rua Martim Francisco, onde só havia cinco casas, eu estava com 13 anos de idade e comecei aprender a ler em português sozinho, através de leituras de livros e revistas. Meu primeiro trabalho foi na Cerâmica São Caetano, em um serviço muito pesado de carregar barro para as prensas, prejudicial à saúde pois não havia filtros para proteção, ocasionando alto índice de tuberculose entre os operários braçais. Consciente do perigo que este trabalho representava para minha saúde fiquei quatorze meses na Cerâmica e pedi demissão, indo procurar novo emprego em São Paulo, onde candidatei-me para a função de lavador de pratos no bar e restaurante Rutly, pertencente ao Círculo Suíço de São Paulo.

Foi nesse local que comecei a tomar gosto pela arte culinária, sendo que o cardápio era ligado à gastronomia francesa. O percurso que eu fazia da Vila Paula até o centro de São Paulo naquela época era muito sacrificado, caminhava até a estação de São Caetano, e da estação da Luz até a rua Barão de Itapetininga, trabalhando das seis da manhã às nove da noite. Meu patrão, o senhor Weber gostava do meu trabalho e depois de seis meses passei à chefe de cozinha. O dia-a-dia do restaurante era muito corrido, o almoço era preparado para servir de 40 a 50 refeições diárias,



Fachada da Doceira Jóia, na década de 60, quando a avenida Senador Roberto Simonsen era calçada com paralelepípedos



Fachada atual da Doceira Jóia (1998), tendo Vicente Gombi à porta do estabelecimento comercial

além do serviço à la carte, pois a clientela formada por maioria de suíços e alemães era muito exigente. Neste restaurante conheci o inventor e aviador Santos Dumont e João de Barros do avião Jahú. Lembro-me que na Revolução Constitucionalista de 1932, o centro comercial de São Paulo ficou muito agitado com grande movimentação pública na rua Barão de Itapetininga e praça da República. Após a revolução, o Presidente da República Getúlio Vargas determinou uma taxa adicional nas contas dos restaurantes de 10%.

Neste emprego fiquei até 1935, adquirindo muita experiência, mas fui obrigado a voltar para São Caetano ajudar a meu pai administrar um pequeno armazém, onde fiquei até 1937, quando casei. No emprego do restaurante eu cozinhava numa área muito restrita e o fogão era alimentado à óleo cru, sendo que eu trocava de roupa duas vezes por dia, e era obrigado a morar num quartinho próximo ao emprego.

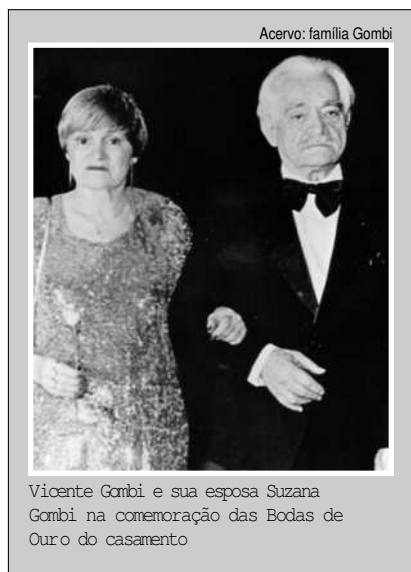
Em 1939, empreguei-me na Doceira Paulista, que funcionava no bairro Campos Elíseos, rua das Palmeiras. Nesta época começava a II Guerra Mundial e sentíamos a falta de matéria-prima para o trabalho, como açúcar e farinha. Em relação ao emprego anterior, eu confeccionava basicamente doces finos e ape-

nas atendia encomendas, sendo necessária pontualidade para agradar os fregueses, entre eles o Governador do estado, Adhemar de Barros, já que o palácio do governo situado na avenida Rio Branco era próximo da doceira, e tínhamos que levar os quindins para o palácio, doce favorito do governador. Junto com o emprego na Doceira Paulista, abri uma outra doceira na avenida Brigadeiro Luiz Antonio próxima à avenida Paulista, junto a Igreja Imaculada Conceição. Depois de um certo tempo a sociedade na doceira não deu certo, vendi o ponto e mudei totalmente o meu trabalho virando um

vendedor de material de escritório em sociedade com um amigo patricio.

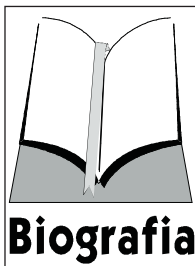
Este serviço também não deu certo, e foi aí que resolvi trabalhar definitivamente em São Caetano, no ramo de confeitaria. Em 16 de junho de 1953, inaugurei a Doceira Jóia, em frente ao Edifício Vitória. O cine Vitória seria inaugurado em setembro deste ano, e ali permaneci até 1994, quando me aposentei. A intenção inicial neste local era abrir um armazém, mas percebi que a concorrência com os outros estabelecimentos da cidade seria muito forte, então resolvi voltar aos doces e salgados. A partir de 1953, o último andar do Edifício Vitória era ocupado por salões de bailes do Clube Comercial e da Acascs-Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul, e foi justamente em função do movimento que estes bailes provocavam no comércio ao redor do Edifício Vitória, que a Doceira Jóia progrediu, e atingiu a popularidade que até hoje desfruta.

Hoje, Vicente Gombi é mestre coqueiro somente em sua casa. Deixou a Doceira para um ex-empregado e leva uma vida tranquila ao lado da esposa. Tem duas filhas, Neusa Gombi e Irma Gombi; três netos: Ronaldo, Suzana e Rejane de Freitas.



Vicente Gombi e sua esposa Suzana Gombi na comemoração das Bodas de Ouro do casamento

Luiz Alvarenga Meira e a criação do primeiro cartório da Comarca

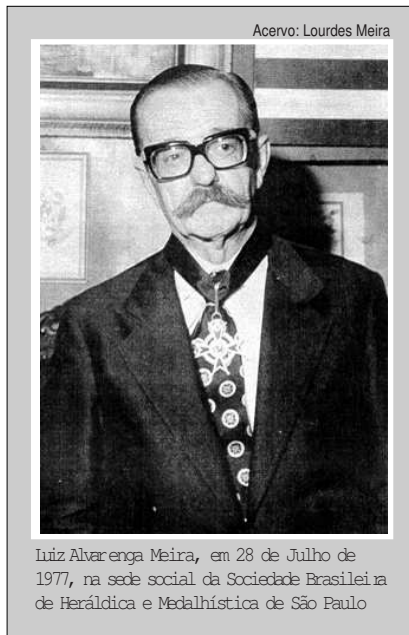


Sônia Maria Franco XAVIER(*)

Luiz Alvarenga Meira, filho de Ranulpho do Amaral Meira e Amélia Alvarenga

Meira, nasceu em Rincão - São Paulo, aos 23 de Abril de 1914. Fez seus estudos como interno, no Colégio Arquidiocesano em São Paulo, formando-se em Ciências Contábeis.

Terminando os estudos foi morar com sua família no interior de São Paulo na cidade de Birigüi, onde seu pai era Tabelião do 2º Cartório. Luiz Meira começou a trabalhar como ajudante do seu pai, depois prestou concurso para escrevente, mais tarde passou à Oficial Maior do Cartório. Com a Lei de Sucessão criada pelo então presidente Getúlio Vargas, seu pai então passou a sucessão do Cartório para o filho Luiz, tornando então Escrivão do 2º Tabelião. Nessa época, seu pai tinha mudado, para uma nova Comarca, a cidade de Valparaíso, vizinha de Birigüi.



Acervo: Lourdes Meira

Luiz Alvarenga Meira, em 28 de Julho de 1977, na sede social da Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhística de São Paulo



Acervo: Lourdes Meira

Luiz Alvarenga Meira, recebendo a Comenda do presidente Enzo Silveira em 11 de Fevereiro de 1977

Luiz Meira, casou-se com dona Olga Olzon Meira, com quem teve três filhos: Lourdes, Ruth e Luiz Antonio.

Em 1953, quando São Caetano do Sul tornou Comarca, Luiz Meira prestou concurso e escolheu essa cidade para instalar o 1º Cartório da nova Comarca - o Cartório do 2º Ofi-

cio, o Cartório do Meira como era conhecido por toda a cidade.

Em fevereiro de 1977, recebeu o título de Comendador pela Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhística de São Paulo, pelos 47 anos dedicados à causa da Justiça.

Luiz Alvarenga Meira faleceu aos 64 anos em São Caetano do Sul, em novembro de 1978.

A sucessão de pai para filho, terminou com a morte do seu titular, passando o Cartório a Concurso Público. A Lei de Sucessão foi revogada pelo próprio presidente Getúlio Vargas.



Acervo: Lourdes Meira

Diploma outorgando a Luiz Alvarenga Meira, láurea Cruz do Mérito Cívico e Cultural

(*) Sônia Maria Franco Xavier, professora de Filosofia e História, dirige o Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul, integra o grupo de Pesquisadores de Memória do ABC, é membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória.

Sessão especial da Câmara Municipal presta homenagem aos autonomistas



Registro

Em comemoração ao cinquentenário da autonomia do Município de São Caetano do Sul, a Câmara Municipal realizou na

noite de 24 de setembro, no Cine Vitória II, sessão especial e o seminário *Meio Século de História da Cidade*. Vereadores, diretores e assessores da administração, autonomistas vivos e familiares dos já falecidos, e o prefeito Luiz Tortorello, num total superior a 700 pessoas, lotaram o auditório. Após o Hino Nacional, o presidente da Câmara, Gerson Sartori enalteceu o movimento autonomista e seus participantes, desenhando o perfil do desenvolvimento do Município após a emancipação. Sartori insistiu na necessidade de resgatar a memória das lutas e conquistas da cidade para que, calcados nos valores e princípios de nossos libertadores, as gerações futuras recebam exemplos edificantes do civismo e exercício de cidadania.

Em seguida, o presidente da Fundação Pró-Memória, Aleksandar Jovanovic, descreveu os esforços realizados para reunir e editar o material mais completo possível a respeito da autonomia. Assim, fez o lançamento simbólico e solene da edição especial da revista *Raízes*, dedicada ao cinquentenário da autonomia e de dois livros integrantes do projeto editorial da Fundação Pró-Memória: *Meio Século de Legislativo em São Caetano*, de Yolanda Ascencio, e *Jayme da Costa Patrão, um traço marcante na autonomia*, organizado pela professora Sônia Maria Franco Xavier, supervisora do Museu



O prefeito Luiz Tortorello, juntamente com vereadores, diretores e assessores da administração enalteceu o movimento autonomista em solenidade realizada no Cine Vitória II

Municipal. Na mesma oportunidade, foram lançados outros dois livros: *As outras vozes-memórias femininas em São Caetano do Sul*, de Carla Cristina Garcia, professora do Instituto Municipal de Ensino Superior, e *Herdeiros da fundação - "lavoro" e "famiglia" em São Caetano*, de Cristina de Lourdes Pelegrino, publicados pelo Projeto Editorial da Prefeitura de São Caetano.

Pelos autonomistas, pronunciou-se Luiz Rodrigues Neves, presidente da Comissão de Honra do Cinquentenário da Autonomia, afirmando que todos os sonhos e projetos do movimento de 1948 haviam-se tornado realidade, comprovando a justiça e razão dos esforços feitos para tornar São Caetano independente. De forma comovida, relembrou os primeiros passos dos libertadores, destacou momentos relevantes da luta e finalizou agradecendo ao prefeito Luiz Tortorello a homenagem que lhes era prestada.

O chefe do Executivo, por sua vez, destacou em seu pronunciamento

que povo sem identidade é povo sem liberdade e que diretrizes massificantes e generalizadas, somente tiranos as fazem, e escravos as obedecem. Enalteceu a ideologia e o espírito de luta dos autonomistas, afirmando que a autonomia foi conquistada, mas a luta continua, pois aqueles que querem girar a roda da História ao contrário, insistem em submeter o Município a ditames que não atendem aos interesses nem da cidade, nem da região. Finalizou reafirmando que embora pequena, a cidade é altamente viável e que atua construtivamente num mundo sem fronteiras, para um futuro sem limites. Na segunda parte, fez a entrega do projeto de orçamento para 1999 ao presidente da Câmara, Gerson Sartori e aos vereadores presentes. O engenheiro Mário Dal'Mas, também autonomista, declamou o poema *Lembrando a Autonomia*, de sua autoria. Finalizando a solenidade, foram homenageados com a *Medalha da Autono-*

mia os autonomistas vivos e os já falecidos, através de seus familiares.

Íntegra do discurso pronunciado pelo prefeito Luiz Tortorello - intitulado *Terra Prometida* - na sessão especial da Câmara Municipal pela passagem do 50º Aniversário da Autonomia de São Caetano do Sul:

“Lemos no Novo Testamento, em Atos, 7.33: Disse-lhe o Senhor: Tira a sandália dos pés, porque o lugar onde estás, é terra santa”.

A energia, a essência, o espírito que orientou e guiou nossos pioneiros e, há meio século, o Movimento autonomista de nossa cidade, está contida neste preceito. Aqui, para os primeiros, seria o lugar da graça divina de identidade e liberdade, de paz e prosperidade, de trabalho e conquistas, de realizações construtivas e produtivas que seriam reconhecidas pelos povos do mundo... Os autonomistas, então, consagraram esses ideais, rompendo corajosamente as amarras que impediam nosso pleno desenvolvimento em todos os campos de atividade humana.

A fé e a coragem dos fundadores, a vontade e audácia dos libertadores, permitiram que chegássemos às portas do século XXI e do terceiro milênio como a 16ª cidade com melhores condições de vida no ranking internacional segundo a Organização das Nações Unidas. Vindos de origens honestas, íntegras, espiritual e materialmente sadias, não podia ser diferente.

Não poderá, jamais ser diferente. O legado libertário implica profundo orgulho pelo nosso passado, mas há, e há que insistir incisivamente nisso, principalmente em pesadas responsabilidades de cada um nós, do conjunto da comunidade. A autonomia política é conquista gloriosa e magnífica, a História comprovou a justeza de nossos ideais, mas a saga não terminou naquele legendário 24 de outubro de 1948, não se encerrou com o retum-

bante sim à liberdade, dado no plebiscito, numa esmagadora vitória de 8.463 votos contra 1.029.

A saga continua em nossos dias, quando os herdeiros dos derrotados atacando descarada e duramente nossa cidade todos os dias através de atos e palavras, através de falácias e artimanhas, tentando nos dividir, tentando mostrar-nos como inimigos de projetos messiânicos pretensamente destinados a salvar a região, o Estado e o País... Continuamos sendo demasiadamente independentes para o gosto dos inimigos do progresso e do futuro, daqueles que querem, a todo custo, girar o roda da História ao contrário.

O que mais incomoda é nosso sentido de identidade e, ao tentarem aplanar, comunizar filosofias de vida, de trabalho, de trabalho, de administração e de governo, forçando-nos a pensar, agir e sentir como eles, o fazem determinados, de caso pensado, premeditadamente.

Por quê? Porque sabem que povo sem identidade é povo sem liberdade, e povos sem liberdade só podem ser regidos por regras e atitudes que tiranos fazem, e escravos obedecem. Esta pequenina cidade, este pequeno Município, é guardião de um dos mais preciosos tesouros humanos: o amor à liberdade...

É vital nossa autonomia, é vital nossa soberania para constinuarmos a rota gloriosa, a obra magnífica de nossos pioneiros e autonomistas, para continuarmos a rota gloriosa, a obra magnífica de nossos pioneiros e autonomistas, para continuar legando às gerações futuras as melhores condições possíveis de vida e, aos povos, exemplos de convicção, determinação e vontade, calcados em trabalho organizado, planejado, produtivo... É o que vimos acontecer nestes últimos vinte meses...

Não esperamos soluções milagrosas ou misericordiosas de fora: fo-

mos à luta, e com nossos próprios recursos, como nossos próprios empreendimentos, conseguimos soerguer São Caetano do Sul. Isso, num trabalho duro e difícil, contra todos os obstáculos e dificuldades, contra todas as expectativas negativistas.

Num momento histórico complexo, delicado, mesmo perigoso, pois se o fenômeno e o fato da globalização representa a queda virtual de barreiras entre os povos do mundo em todos os níveis, representa, para retardatários e ineficientes, os dependentes e submetidos, para aqueles acomodados que esperam a esmola e conveniência da comunidade internacional, ficarem definitivamente postergados, marginalizados, relegados à periferia da civilização e do progresso. Nossa cidade jamais permitirá isso...

Restauramos a funcionalidade e eficácia do Sistema de Ensino melhorando a situação do magistério e reformando escolas, inclusive as de alçada do Estado, dotando-as de instalações adequadas, laboratórios, equipamentos de informática, racionalizando e reorganizando-as administrativamente, num audacioso projeto que, como todos os demais, tem com objetivo o ser humano em todas as potencialidades, não existindo em São Caetano do Sul uma só criança sem escola, um só adulto sem a chance de, através dos cursos supletivos, melhorar seus conhecimentos.

Abrimos, para a Cultura, inúmeros caminhos de expressão, divulgação e criatividade, apoiando todas as iniciativas capazes de proporcionar, aos artistas e à nossa gente, o ambiente propício para o desenvolvimento do melhor de sua criatividade.

Tornamos o sistema de saúde pública igualmente eficiente e ativo dentro das condições reais, através dos bem sucedidos programas de vacinação e prevenção de enfermidades, do Projeto de Saúde Comunitária, da

melhor dotação de pessoal e equipamentos dos prontos-socorros e o início da edificação do Hospital Municipal, conseguindo equilibrar as necessidades da população com os serviços oferecidos, numa concepção que adentrará o próximo século e proporcionará, aos nossos munícipes, padrão de atendimento internacional.

Reforçamos significativamente a segurança pública, dotando a Polícia Militar e a Guarda Municipal de equipamentos, veículos, efetivos e melhorando suas condições salariais significativamente, no contexto do projeto de Polícia Comunitária, integrando os agentes da ordem pública à população com dignidade, cooperação, cordialidade e eficiência, reduzindo de muito a ação da criminalidade.

Na ordem econômica, num contexto internacional dramático onde não só países emergentes, mas potências mundiais como o Japão e a Rússia quebraram, onde a ameaça de recessão e desemprego assombra povos os mais diversos, adotamos localmente as medidas que nosso próprio governo central deveria, desde a sua posse, ter posto em prática: pagamos nossos credores, não assumimos dívidas novas, acertamos nossas despesas de acordo com nossas receitas, somente fazemos se temos os meios necessários e, se não temos, esperamos um pouco...fora, é claro, alguns pequenos milagres bem característicos da criatividade, da garra, da coragem e capacidade de decisão e ação tipicamente sancaetanenses, como conseguir cerca de quatro mil novas empresas registradas neste período administrativo, com investimentos privados beirando os oitocentos milhões de reais, gerando aproximadamente cinco mil novos lugares de trabalho.

Vemos com preocupação, contudo, que ainda há empresas indo para outros municípios, especialmente aquelas que dependem de espaços alugados, em virtude dos altos custos imobiliários do Município. Não podemos obrigar os proprietários de imóveis comerciais a baixarem seus aluguéis, a entenderem que nenhuma política econômica de desenvolvimento sustentado pode ter efeito, se os candidatos a instalar-se no Município não encontram condições adequadas para isso.

Vão, então, instalar-se do outro lado do rio, lá produzindo, gerando empregos, receita e renda... É necessário que os investidores imobiliários de nossa cidade alarguem seus horizontes, abrindo espaços para o progresso do Município, integrando-se num contexto que beneficie à sociedade como um todo. Onde todos ganham de acordo com suas capacidades, todos progridem. Onde a ganância, o imediatismo prevalecem, ninguém está seguro, e coisas simples podem tornar-se esforços inauditos e inadequadamente recompensados. Se a sociedade sobrevive, o indivíduo sobrevive. Se sucumbe, o indivíduo sucumbe.

Poderia falar exaustivamente das conquistas maravilhosas realizadas no esporte, da eficiência dos trabalhos de manutenção, renovação e ampliação de infra-estrutura, poderia estar horas falando das realizações de cada departamento da administração, do Legislativo, das entidades e associações vinculadas ao desenvolvimento da cidade, da luta sem tréguas de nosso empresário, de nossos trabalhadores para, num período problemático como o que vivemos, manter São Caetano viável, atraente, forte, soberano, produtivo...

Mas o trabalho desta comunidade, o trabalho dessas mulheres e homens que aqui vivem, está demonstrado no perfil que a cidade representa em nível nacional e internacional, está presente na dinâmica trajetória que, desde sua origem, jamais permitiu que seus filhos fugissem à luta. Está retratado numa homenagem como a que hoje prestamos aos líderes e participantes do

Movimento Autonomista, cuja biografia sucinta está muito bem apresentada na edição especial de Raízes, aqui distribuída.

Nela encontramos talvez o mais completo relato histórico jamais publicado sobre a história da Autonomia de São Caetano do Sul, constituindo-se documento obrigatório para compreendermos, hoje, como são fortes nossas raízes no passado. Como é justa, meritória e necessária nossa luta hoje para que, dentro de mais meio século, sejamos lembrados com o respeito e a admiração, o amor e o carinho, o sentido de responsabilidade e a decisão de trabalho que consagramos a eles.

Disse, tempos atrás, que esta cidade é pequena, atraente e viável. Afirmo que reage pronta e construtivamente ao menor estímulo, que reage com decisão e firmeza ante os maiores desafios. Estamos com o estímulo da grande lição de civismo e espírito desenvolvimentista que nos foi legada há meio século, e estamos ante a um tremendo desafio, constituído pela turbulência econômica em nível mundial.

Como só vence quem luta, não quem só chora, conclamo a todos os presentes, a todos os sancaetanenses para persistirem com coragem, determinação, vontade indomável na saga da Autonomia, para unirmos cada vez mais fortemente na concretização dos ideais daqueles idealistas que, com o passar do tempo, vão se tornando lendas, enquanto seus sonhos tornam-se, cada vez mais, realidade.

Mantenhemos essa certeza inabalável de que estamos em solo sagrado, o solo de nossa terra, e assumamos o compromisso de dedicar o melhor de nós para que São Caetano do Sul, que voltou a brilhar e a sorrir, esteja sempre, como também já disse antes, competindo produtivamente em todos os campos da atividade humana num mundo sem fronteiras, para um futuro sem limites.”



Livro de charges lançado no Museu Municipal

Em comemoração ao cinquentenário da Autonomia de São Caetano, a Fundação Pró-Memória lançou no dia 14 de outubro no Museu Municipal, o livro de charges *Jayme Patrão, um traço marcante na Autonomia*. A publicação integra o projeto editorial da instituição.

A publicação *fac-similar*, prefaciada e organizada por Sônia Maria Franco Xavier (supervisora do Museu Municipal), apresenta as charges do ilustrador Jayme da Costa Patrão, criador do personagem *Zé Caetano*, publicadas no *Jornal de São Caetano*, na década de 40, época do movimento emancipacionista do Município que almejava a separação administrativa em relação a Santo André.

A charge foi um instrumento importante no movimento da emancipação. Observando hoje as ilustrações da época em que São Caetano conquistou sua independência é possível verificar os problemas de saneamento básico, falta de escolas e de infra-estrutura que atingiam o 2º Subdistrito de Santo André.

Zé Caetano foi criado para ser o mensageiro dos ideais autonomistas

e caracterizar as dificuldades que existiam na época. Patrão usava o personagem para mostrar os problemas de São Caetano, para questionar as autoridades e fazer suas reivindicações.

O traje do personagem, a rigor da cintura para cima, significava prosperidade, poder econômico, o sonho de independência e de liberdade e, da cintura para baixo, a vestimenta era pobre (calça remendada, sem cinto ou com uma corda amarrando as calças) dando a impressão de alguém relaxado, abandonado, pouco cuidado. Por analogia, *Zé Caetano* era um rico-pobre. Rico nos ideais, nos sonhos, nas arrecadações da indústria e do comércio e pobre no seu aspecto urbano.

O AUTOR – Jayme da Costa Patrão reside em São Caetano desde 1924. Colaborou sempre com a imprensa da cidade, criando charges para os jornais *O Município*, *Jornal de São Caetano*, *Jornal do Lar* e, hoje, faz ilustrações e escreve artigos para a revista *Raízes*. É membro do Gipem (Grupo Independente de Pesquisa da Memória do Grande ABC), líder autonomista e rotariano.

JANTAR – Mais de 300 pessoas participaram, no Esporte Clube São Caetano, do jantar que fez parte das comemorações pelo Cinquentenário da Autonomia de São Caetano do Su. O evento foi realizado no dia 22 de outubro último, tendo comparecido líderes autonomistas, familiares e autoridades municipais.

O prefeito em exercício, Silvio Torres, em homenagem aos participantes do movimento autonomista, citou em seu pronunciamento o fato de São Caetano ser uma das melhores cidades do Brasil em qualidade de vida. Enfatizou também que a campanha de emancipação colaborou definitivamente para alcançar esse índice.

Por sua vez, Mário Porfírio Rodrigues, um dos líderes autonomistas, lembrou algumas passagens do movimento, quando 95 jovens se uniram para separar São Caetano do município de Santo André. "Éramos muito explorados por Santo André, vivendo sem água, esgoto e sem escolas. A missão de terminar com isto ficou por conta de um grupo de jovens. Hoje não vejo mais nada parecido com o nosso movimento" – afirmou.



PRÓ-MEMÓRIA – No último dia 22 de outubro, a Fundação Pró-Memória realizou a abertura da exposição *Meio Século de Autonomia* -

A *Consolidação*. Na oportunidade, estarão foram lançados o livro *Meio Século de Legislativo em São Caetano*, de autoria da professora e escritora Yolanda Ascencio, e uma edição especial da revista *Raízes*, inteiramente dedicada à autonomia.

O livro, que integra o projeto editorial da Fundação, resgata a história dos poderes Executivo e Legislativo, durante esses cinqüenta anos de Autonomia, realizando um trabalho pioneiro de pesquisa. O Município de São Caetano do Sul, desde sua autonomia político-administrativa em relação a Santo André, já teve 12 legislaturas, oito prefeitos e 123 ocupantes de mandatos legislativos.

Durante o evento, o grupo de teatro da Fundação das Artes apresentou breve encenação intitulada *Meio Século de Autonomia*.

A exposição fotográfica *Meio Século de Autonomia* resgata imagens dos vereadores da Câmara Municipal de Santo André, onde a luta anti-autonomia era implacável e imagens da autonomia consolidada com a posse dos primeiros vereadores e prefeitos de São Caetano, em 1949 e 1953. Integra também a mostra uma galeria com fotos dos 85 líderes autonomistas, exibida pela primeira vez.

Acervo: Fundação Pró-Memória



CELEBRAÇÃO – Em comemoração ao cinquentenário da emancipação político-administrativa da cidade, o projeto *Museu na Escola* exibiu, durante o ano letivo de 1998, a exposição itinerante *São Caetano* -

50 Anos de Autonomia, que percorreu mais de 32 escolas do Município. Além da exposição foram realizadas palestras por diversos autonomistas. É o caso da professora Olga Montanari e de Luiz Rodrigues Neves, Mário Porfírio Rodrigues, Mário Dal'Mas e Jayme da Costa Patrão. Dessa forma, os alunos tiveram contato direto com a História da cidade.

A mostra foi inaugurada em março, no colégio Tijucussu Pueri Domus. A exposição historia a conquista da autonomia da cidade, em 1948, retomando, inclusive, as primeiras manifestações a favor da emancipação, realizadas, sem sucesso, em 1928. Na época, havia sido criado o *São Caetano Jornal*, para divulgar as idéias emancipacionistas. Os painéis fotográficos e textos também explicaram aos alunos fatos referentes ao plebiscito de 1948 e a instalação do Município, ocorrida em 1º de janeiro de 1949.

Em 1997, a Fundação Pró-Memória apresentou exposição intitulada *Tributo a José Homem de Bittencourt*, mostrando documentos e fotografias que relataram a trajetória do historiador que participou ativamente do movimento de 1948. Nascido em 1899, em Santos, Bittencourt veio para São Caetano em 1941 e desempenhou importante papel na emancipação. Em 1959, publicou o trabalho intitulado *Síntese Histórica de São Caetano do Sul*, em que discorreu sobre a origem, fundação, colonização e delimitação territorial do Município.

50 ANOS – No dia 24 de outubro de último, quando foram completados exatos 50 anos do plebiscito que conquistou a autonomia da cidade, começou com o lançamento de um Carimbo Postal Comemorativo ao Cinquentenário, no gabinete do prefeito. A confecção do carimbo

foi iniciativa da Prefeitura, Fundação Pró-Memória e da Comissão de Honra da Autonomia, em parceria com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. O autor do desenho é o líder autonomista Jayme da Costa Patrão.

Na ocasião, o líder autonomista Lauro Garcia entregou ao prefeito em exercício, Sílvio Torres, documento de 1902, com a nomeação de José Mariano Garcia Júnior como o primeiro funcionário público federal de São Caetano, um agente dos Correios. O prefeito em exercício afirmou que, através do carimbo, a presença dos autonomistas está marcada definitivamente na História da cidade.

Em seguida, foi inaugurado, na entrada do Paço Municipal, o busto de Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro prefeito da cidade. O filho, Ivo Pellegrino, fez uma homenagem especial relembando toda a trajetória profissional e política do pai. O prefeito em exercício, Sílvio Torres, sublinhou o fato de Ângelo Raphael Pellegrino ter sido exemplo de dignidade, trabalho e honestidade.

A missa de *Ação de Graças* em comemoração à data reuniu cerca de 150 pessoas na Igreja Matriz Sagrada Família, com participação da Orquestra Filarmônica da Fundação das Artes, da soprano Cláudia Neves Ferrari e do Coral Adulto da instituição.

Em seguida, o Monumento da Autonomia foi inaugurado na Praça Juscelino Kubitschek. O evento contou com a presença do prefeito licenciado, Luiz Tortorello. Luiz Rodrigues Neves, presidente da Comissão de Honra da Autonomia, citou o apoio que recebeu do Poder Público e disse confiar na possibilidade de reunir mais vezes os autonomistas ainda vivos. Lembrou



Da esquerda para a direita: Cerimônia de lançamento do Carinho Postal Comemorativo ao Cinquentenário no gabinete do prefeito; Inauguração do busto de Ângelo Raphael Pellegrino no Paço Municipal e do Monumento da Autonomia, localizado na Praça Juscelino Kubitschek



também dos participantes do monumento já falecidos. Outro líder autonomista, Mário Dal'Mas, declamou poesia de sua autoria intitulada *Lembrando a Autonomia*. O prefeito Luiz Tortorello expressou, em rápido pronunciamento, seu orgulho pelo trabalho da Comissão

de Honra da Autonomia. "O cinquentenário permitiu que fosse plantada a semente do civismo. Sempre tivemos História, mas a partir de agora, poderemos contá-la, mostrando a grandeza, a força, a coragem e a determinação destes líderes" – afirmou.

O Monumento da Autonomia foi concebido pelo artista plástico Adélio Sarro Sobrinho, de São Bernardo do Campo. Confeccionada em concreto, com 10 metros de altura, representa a liberdade, com destaque para figuras femininas.

Fundação Pró-Memória recebe prêmio como Destaque do Ano

A Fundação Pró-Memória foi uma das 66 empresas agraciadas, este ano, com o *Prêmio Destaque do Ano*, dentro do conjunto de eventos relativos ao *Prêmio Desempenho Empresarial*, que há cinco anos vem sendo concedido pela revista *Livre Mercado* para as mais destacadas organizações do Grande ABC. A cerimônia de premiação ocorreu no Teatro Municipal de Santo André, no dia 15 de setembro último. A OPP Polietilenos recebeu o prêmio de *Melhor dos Melhores* entre todas as instituições participantes. Em maio último, a revista *Livre Mercado* lançou o livro *Vencedores*, contendo os *cases* das empresas selecionadas dentro de um universo de 800 instituições da região. Os *cases* premiados foram publicados entre março de 1997 e março de 1998. O *Prêmio Desempenho Empresarial* é considerado o maior evento regional do gênero no País. Nada menos que 18 consultores efetuam a pontuação das empresas selecionadas.

As 66 entidades e empresas contempladas com o Prêmio Destaque do Ano são as seguintes: Academia Atlantis, Aliança Francesa, Basf, Cade, Centro Educacional Objetivo, Centro Educacional São Carlos,

Centro Universitário São Camilo, Ciesp-Diadema, Clínica de Olhos Baptista da Luz, Clínica Médica Ana Rosa, Clube Atlético Aramaçan, Colégio Barão de Mauá, Colégio Pentágono, Cores & Sabor, De Nadai, Efrari, Eletrotel, Escola 28 de Julho, Escola Gradual, Esporte Clube Santo André, Externato Rio Branco, Forma Fórmulas, Fefisa, Fundação de Ciências Aplicadas, Fundação Pró-Memória, Grupo Candinho, Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano, Hospital e Maternidade Assunção, Hospital e Maternidade Brasil, Hospital e Maternidade Christóvão da Gama, HS Contábil, Interlíngua, Kolynos, Lojas A Esportiva, Lustres Projeto, Medical, Metalúrgica A. Pedro, Motor Girus, Oda, OPP Polietilenos, Petroquímica União, Pink & Blue Freedom, Proloja Informática Pulsar Informática, S. Naud, Sapataria Expressa, Sedanossa, Semasa, Senai-Diadema, Senai-São Bernardo, Sesi-Diadema, Sesi-São Bernardo, Shopping ABC, ShowLuz, Sonder, Supriformes Formulários, Tecnocomp, Tintas Coral, UniABC, Uniodonto do ABC, Unionrebit, Universidade Metodista, Utivesa Veículos, Verzani & Sandrini, Viamar Veículos, Volkswagen Clube.

RUAS DE SÃO CAETANO – O Espaço Cultural da Fundação Pró-Memória, localizado no Shopping São Caetano, recebeu a mostra *Ruas de São Caetano I*, integrante da série *Nossas Imagens, Nossa História*. Consiste em exposições fotográficas que retratam diversas imagens da cidade desde o início do século e as mudanças urbanas ocorridas com o tempo.

A exposição *Ruas de São Caetano I* traça um extenso painel de imagens do centro comercial da cidade, próximo à estação ferroviária, e dos bairros Fundação e Santo Antonio, desde 1927 até o final da década de 50. A mostra permaneceu até 14 de janeiro, no Espaço Cultural da Fundação Pró-Memória.

IMAGENS II – O Espaço Cultural da Fundação Pró-Memória, localiza-

do no Shopping São Caetano deu início no dia 14 de janeiro à exposição *São Caetano em Imagens II*, do fotógrafo Augusto Coelho.

O segundo módulo da mostra retrata diferentes pontos da cidade. A exposição marca também o desenvolvimento do Município e as empresas e escolas aqui instaladas.

A Fundação Pró-Memória tem realizado exposições com imagens atuais de São Caetano, com a preocupação de que, no futuro, estas fotografias sejam documentos que marcaram o crescimento de uma cidade no final do século.

OLHAR VIAJANTE I – Propiciando uma viagem pela História do Brasil, a Fundação Pró-Memória criou a série *Um Olhar Viajante*, onde são apresentadas imagens retratadas por artistas que, fascinados pela beleza

das terras brasileiras, retrataram a natureza e as sociedades a partir das primeiras décadas do século XIX.

As obras de Jean Baptista Debret e Johann Moritz Rugendas, entre outros, proporcionam uma redescoberta visual do Brasil, mostrando suas riquezas naturais através das pinturas desses artistas e trechos de relatos de viajantes. *Um Olhar Viajante* esteve no Museu Municipal, localizado à rua Maximiliano Lorenzini até o dia 30 de janeiro.

COTIDIANO – A segunda mostra da série *Nossas Imagens, Nossa História*, que esteve na Fundação Pró-Memória até o dia 6 de fevereiro, retrata imagens do cotidiano da cidade desde a década de 50, com o objetivo de reavivar a memória das pessoas para estes locais que hoje podem ser vistos apenas em fotografias.

A exposição apresentou uma seleção de imagens que retratam antigos pontos da cidade que não existem mais, devido às significativas mudanças ocorridas através dos tempos, como o Cine Max, a Fábrica de Louças Adelina e a transformação da antiga estação ferroviária, com a primeira estrada de ferro, em 1950, e a construção do novo prédio da ferrovia, em 1973.

VELHOS CARNAVAIS – O Museu Municipal inaugurou no dia 10 de fevereiro, encerrando no dia 29 de março, a exposição *São Caetano dos Velhos Carnavais*. A mostra contou com a apresentação da escola de samba Acadêmicos da Vila Gerti.

Fotografias desde a década de 30 até a de 60, exibiram as lembranças do carnaval que aconteciam próximo à estrada de ferro, no bairro Fundação, onde se localizavam os clubes Lazio, São Caetano Esporte Clube e Grêmio Instrutivo e Recreativo Ideal. Mais tarde, com o desenvolvimento industrial, os bailes carnavalescos passaram a ser realizados nos clubes das grandes fábricas, como o General Motors Esporte Clube e Cerâmica Futebol Clube.

A época dos anos 30 e 40 guarda muito boas lembranças dos *velhos carnavais*, quando as ruas centrais da cidade transformavam-se em passarelas de foliões, que exibiam com espontaneidade criativas fantasias. Os rapazes, geralmente, usavam calça branca, blusa amarela, verde ou branca com listras horizontais pretas, boné e tênis branco. As mulheres, mais enfeitadas, desfilavam de cigarras, com olhos pintados de preto, batom vermelho e uma pinta preta no rosto. Complementando as fantasias havia um apito, lança-perfume de vidro ou metálico e um saquinho de confete.

A exposição *São Caetano dos Velhos Carnavais* resgata um pouco

dessa alegria através de fotografias das folias de rua e dos bailes de salão.

EXPOSIÇÃO – Com início no dia 2 de março e término no dia 10, o Instituto Municipal de Ensino Superior (IMES) sediou a exposição *Ruas de São Caetano*, integrante da série *Nossas Imagens, Nossa História*.

A exposição da série - *Ruas de São Caetano* - apresentou um extenso painel de imagens do centro comercial da cidade, próximo à estação ferroviária, e dos bairros Fundação e Santo Antonio, desde 1927 até o final da década de 50. Com a rápida urbanização de São Caetano, a partir de 1914, as ruas do centro comercial passaram por profundas mudanças. A mostra retrata a localização das ruas e das praças públicas, lojas comerciais, automóveis da época e personagens anônimos do cotidiano, servindo de referência às novas gerações que poderão refletir e avaliar o impacto das mudanças urbanas.

Em 1998, a Fundação Pró-Memória levou exposições para vários locais. Esta nova linha de trabalho teve como objetivo principal divulgar a História da cidade e as atividades da instituição. Assim, criou condições para que todos tivessem acesso às atividades culturais realizadas no Município, desde o aluno que frequenta a universidade até o aposentado, ou munícipe que vai ao banco pagar suas contas.

AUTONOMIA – No dia 3 de março, às 10 horas, foi inaugurada no Tijuacussu Pueri Domus, a exposição *São Caetano 50 Anos de Autonomia*, integrante do projeto Museu na Escola 98.

A mostra fotográfica apresentou a história da conquista da Autonomia do Município em 1948, desde a primeira manifestação em 1928, quando foi criado o *São Caetano Jornal* para divulgar a idéia emanci-

pacionista, até a instalação do Município, ocorrida em 1º de janeiro de 1949 e as eleições para prefeito e vereadores, em março do mesmo ano. Depois do Tijuacussu Pueri Domus outras 30 escolas estão agendadas para sediar o projeto em 1998.

O projeto *Museu na Escola* foi aprovado, no ano passado, pelo Ministério da Cultura, através da Lei Rouanet, para captação de recursos com base em incentivos fiscais. Com isso, pode ganhar novas dimensões, tendo além da exposição, um roteiro histórico, onde, diariamente, 40 alunos da rede de ensino farão um passeio por pontos da cidade propiciando ao aluno a oportunidade de conhecer de perto a história do Município.

MULHER – Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, a Fundação Pró-Memória realizou a exposição *Memórias de Mulher*, apresentada no Espaço Cultural do Shopping São Caetano, de 5 de março a 14 de abril. A mostra apresentou fotos do acervo da Fundação de mulheres sancaetanenses que fizeram e fazem da parte do crescimento do Município.

MOSTRA – A partir de convênio celebrado com o IEB-Instituto de Estudos Brasileiros da USP, a Fundação Pró-Memória trouxe para São Caetano exposições sobre grandes escritores e artistas brasileiros. A mostra *Fui Médico, Rebelde, Soldado*, do arquivo João Guimarães Rosa, foi a primeira.

A exposição foi produzida pelo IEB para encerrar as comemorações dos 50 anos de publicação do livro *Sagarana*, com o objetivo de realizar uma mostra-síntese do rico acervo do autor.

A mostra reuniu documentos fotográficos com diversas imagens do escritor, além de ilustrações e capas das obras de Guimarães Rosa. A ex-

posição ocorreu no Salão da Goiás, 600, térreo, de 12 a 20 de março.

GOVERNO ITINERANTE – No dia 28 de março, a Fundação Pró-Memória apresentou a exposição *As Orlarias de São Caetano* para os moradores do bairro Olímpico. A mostra fez parte de um programa da Prefeitura implantando departamentos em locais móveis. Além de visitar a exposição, os munícipes conheceram as atividades desenvolvidas pela Fundação Pró-Memória, podendo também contribuir para o enriquecimento de seu acervo, com contribuições de material histórico para o programa de doações realizado pela instituição. O plantão aconteceu na Eepsg Yolanda Ascencio, Bairro Olímpico, das 9 às 17 horas.

CULTURA INGLESA – A exposição *Um Olhar Viajante - A Natureza* também foi apresentada no ABC, na sede da Cultura Inglesa, em Santo André, de 1º a 15 de abril. O Espaço Cultural da escola foi utilizado pela Fundação Pró-Memória para apresentação de algumas exposições durante o ano. A sede da Cultura Inglesa fica à rua das Esmeraldas, 140, Bairro Jardim.

METRÔ SÉ – Teve início no dia 3 de abril, a primeira exposição da série *Um Olhar Viajante* na Estação Sé do Metrô. Através de uma parceria feita entre a Fundação Pró-Memória e a Companhia do Metropolitano de São Paulo, as cinco primeiras exposições da série *Um Olhar Viajante* serão apresentadas durante este ano na estação do Metrô Sé.

A primeira mostra - *A Natureza* - apresentou imagens de artistas que, fascinados pela beleza das terras brasileiras, retrataram a fauna e a flora a partir das primeiras décadas do século XIX. Nesta série, as obras de Jean Baptista Debret e Johann Moritz Rugendas, entre outros, proporcionam uma redescoberta visual do Brasil,

mostrando suas riquezas naturais através das pinturas desses artistas e trechos de relatos de viajantes.

CHICO MENDES – Desde o dia 9 de abril, o Espaço Verde Chico Mendes passou a sediar exposições da Fundação Pró-Memória. No local foi instalado um estande permanente de 20 m² para abrigar exposições itinerantes. O objetivo do novo espaço é fazer com que as pessoas que visitam o parque tenham, além do lazer, a cultura mais próxima e acessível.

A primeira exposição foi *Ruas de São Caetano I*, integrante da série *Nossas Imagens, Nossa História*, que relembra diversos lugares da cidade já modificados com o tempo, como a antiga estação ferroviária.

COMEMORAÇÃO – A Fundação Pró-Memória organizou a exposição *Três Décadas de Arte*, em comemoração ao 30º aniversário da Fundação das Artes. Criada em 25 de abril de 1968, através de Lei Municipal, a autarquia tem como finalidade principal criar e manter escolas de artes.

Trinta anos depois, a Fundação das Artes é considerada uma das mais importantes entidades culturais da região, mantendo escolas de artes plásticas, dança, teatro e música.

A exposição fotográfica *Três Décadas de Arte* resgata esses trinta anos de atividades através de importantes momentos da instituição, procurando montar um amplo painel desse trabalho na transmissão do domínio das técnicas específicas de cada curso e no conhecimento das manifestações da cultura através do tempo. A exposição foi inaugurada no dia 23 de abril, na Fundação das Artes, onde permaneceu até o dia 28 de maio.

60 ANOS – Em comemoração aos 60 anos da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul (Aciscs), a Fundação Pró-Memória realizou uma exposição fotográfica

com imagens do comércio da cidade desde a década de 20.

Além da mostra fotográfica foi realizada, dentro das comemorações, uma doação do acervo histórico da Aciscs à Fundação Pró-Memória, incluindo documentos e atas de reuniões. Com esse material foi criada a *Coleção João Bonaparte*, a ser inserida no acervo da Fundação.

A exposição *60 anos da Aciscs* aconteceu no Espaço Cultural da Associação Comercial, localizado à rua Amazonas, 318, de 27 a 30 de abril, com entrada franca.

ANITA MALFATTI – Organizada pelo IEB (Instituto de Estudos Brasileiros da USP), a Fundação Pró-Memória sediou a mostra fotográfica *Anita Malfatti e Seu Tempo*. A exposição apresentou reproduções de textos, manuscritos, fotografias da artista em sua vida familiar e profissional. Os trabalhos foram apresentados no Salão de Exposições, à Avenida Goiás, 600.

DOCUMENTOS – A Fundação Pró-Memória realizou homenagens ao ex-vice-prefeito Lauro Garcia e à família de Fernando Piva em virtude da doação de documentos para a entidade.

Estiveram presentes ao evento a primeira-dama e Presidente do Fundo Social de Solidariedade, Avelina Tortorello; o Presidente da Câmara Municipal, Gérsio Sartori, entre outras autoridades.

Por outro lado, o Centro de Documentação da Fundação Pró-Memória já se encontra em fase avançada de informatização. A Fundação também passou a receber doações de documentos referentes à História do Município. Os materiais são analisados por uma comissão e, se aprovados, passam a integrar os arquivos.

GRACILIANO RAMOS – Organizada pelo IEB-Instituto de Estudos

Brasileiros da USP, em homenagem ao centenário do nascimento de Graciliano Ramos, ocorrido em 1992, a mostra biográfica apresentou fotografias sobre a vida do escritor em sua trajetória profissional e na convivência com a família e amigos. Entre as obras do autor estão *Vidas Secas* e *Caetés*.

A exposição Graciliano Ramos esteve no Museu Municipal, à rua Maximiliano Lorenzini, 122, bairro Fundação. Grupos de escolares puderam agendar visitas com antecedência.

FUTEBOL AMADOR – Em homenagem ao antigo futebol amador da cidade, a Fundação Pró-Memória organizou a exposição *Cruzada Esporte*. A mostra apresentou aspectos do Cruzada Esporte em suas várias modalidades esportivas, perpetuadas na memória do povo sancaetanense e principalmente pelo trabalho do padre Ezio Gislimberti.

O futebol amador em São Caetano do Sul atingiu seu auge na década de 60. Havia aproximadamente 80 grupos na cidade. Dentre eles, um clube destacava-se pela singularidade e pela origem - o Cruzada Esporte Clube.

Fundado em 1º de maio de 1939, pelo padre Ezio Gislimberti, a partir do setor esportivo da Congregação Mariana Imaculada Conceição da Matriz Sagrada Família, o clube refletia a filosofia do padre Gaspar Bertoni (1777-1853), criador da ordem dos padres estigmatinos, fundadores da primeira paróquia de São Caetano em 13 de abril de 1924.

A filosofia dessa ordem era simples: manter os jovens sempre unidos dentro de um ambiente melhor para o desenvolvimento do esporte num meio onde reinasse a disciplina e a obediência.

O Cruzada Esporte desapareceu com a rápida urbanização da cidade

e o aparecimento de novas modalidades de lazer.

Acervo: Fundação Pró-Memória



MARTINS – O livro *Diário de fim de século (Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX)*, do professor José de Souza Martins, foi lançado pela Fundação Pró-Memória durante a Festa Italiana de São Caetano, em agosto último. O volume (que integra o projeto editorial da instituição, inaugurado este ano) reconstitui a seqüência da vida dos colonos italianos trazidos do Vêneto no último quartel do século passado. Assim, o resultado é uma sucessão de ocorrências que retratam o modo de vida marcado por uma vida camponesa, organizada ao redor de uma agricultura familiar. Como afirma o próprio Autor, na introdução da obra, "se, de um lado, o diário faz correr ante nossos olhos essa vida plácida e, de certo modo, ingênua, de outro lado vai ponteando esse olhar com invasões súbitas, descontinuidades estranhas ao modo de vida camponês: as doenças e mortes excessivamente freqüentes dos primeiros anos, quase diárias, na pequena comunidade de imigrantes vênets". Martins é professor-titular de Sociologia da Universidade de São Paulo, *fellow* do Trinity College em Cambridge, na Grã-Bretanha, e membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória

POESIA E VISUALIDADE – Proporcionando oportunidade para se descobrir que o poema pode ser visto

pela razão ou simplesmente pelo olhar, a Fundação Pró-Memória, em convênio com o Instituto Cultural Itaú realizou, no final de 1997, a exposição *Poesia e Visualidade*.

Para questionar os limites entre ler e ver, entre texto e imagem, foram expostos painéis de poemas significativos da produção poética brasileira, que tecem sua própria visualidade, dando asas à imaginação e liberdade de leitura ao leitor - de Gregório de Matos a Arnaldo Antunes, passando por Guilherme de Almeida, Augusto e Haroldo de Campos, Vinícius de Moraes, Ana Cristina César e outros nomes.

DOAÇÃO – O prefeito Luiz Olinto Tortorello realizou em seu Gabinete, doação de 27 livros da primeira administração do Município à Fundação Pró-Memória. Os documentos, que estavam guardados na prefeitura, passarão a fazer parte do acervo da Fundação Pró-Memória constituindo um importante material para pesquisas e estudos sobre a História da cidade.

ERRATA– Na edição especial de *Raízes, de outubro último, dedicada ao Cinquentenário da Autonomia de São Caetano, no artigo intitulado Fundador do Jornal de São Caetano foi destaque no movimento emancipacionista, consta à pagina 67, por engano, a seguinte frase: Walter Thomé e Mário Rodrigues que, juntamente com Neves, dera, início à campanha autonomista, faleceram pouco tempo depois de São caetano tornar-se autônoma". A frase está incorreta, porque o jornalista Mário Porfírio Rodrigues continua vivo e participou como membro ativo da Comissão de Honra da Autonomia. Também colaborou com a edição especial de Raízes, tendo redigido artigo intitulado Participação popular marcou o surgimento do Movimento Autonomista (pp.59-64).*



Memória Fotográfica

Aspecto do Mercado Municipal de São Caetano do Sul, na época de sua inauguração em 1963, na administração do prefeito Anacleto Campanella. O Mercado ainda funciona no mesmo local, na rua Tapajós, 300, no Bairro Barcelona



Acervo: Fundação Pró-Memória

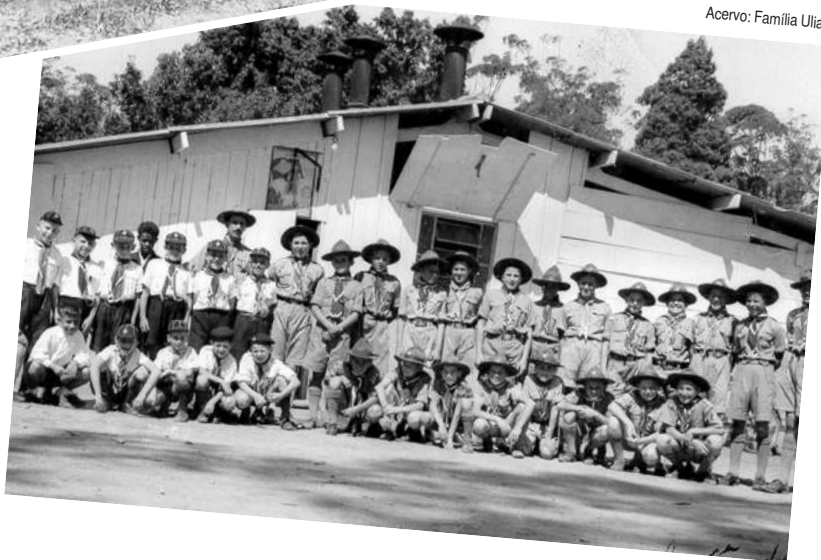
Acervo: Família Uliana



Flagrante do Conselho do Grupo de Escoteiros São Francisco de Assis e João Ramalho. A senhora que aparece na foto (sentada) é a mãe do Hilário Uliana e o garoto de chapéu ao lado é Sergio Novi

Acervo: Família Uliana

Antiga sede do Grupo de Escoteiros João Ramalho na General Motors em 25 de novembro de 1956. O primeiro dos adultos, da esquerda para a direita é o chefe do grupo José Gonçalves de Oliveira



Acervo: Claudio Musumeci



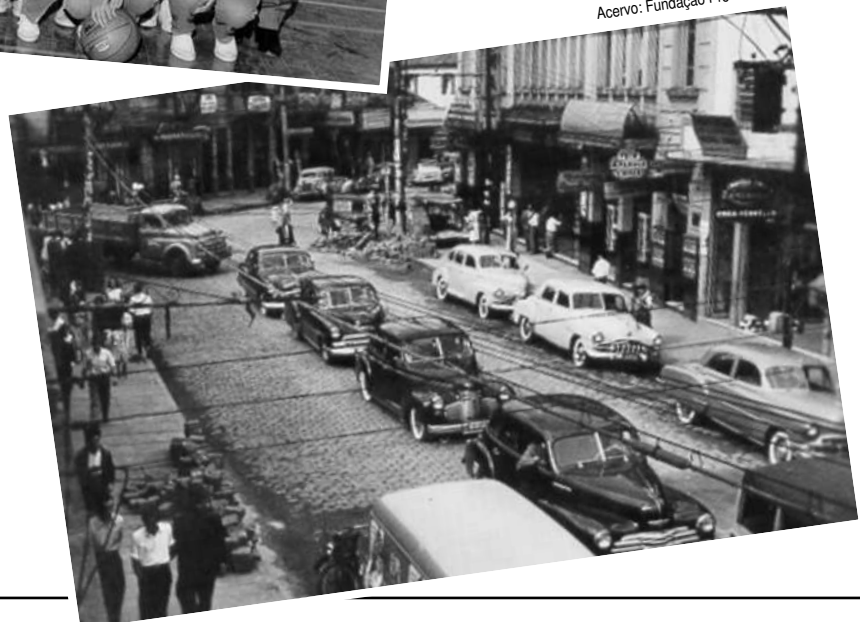
Seleção feminina de basquete que representou São Caetano nos Jogos Abertos do Interior em 1968, realizados na cidade de Jaboticabal. Em pé da esquerda para a direita: Valdir Pagan, Simone Bitencourt de Oliveira (Simone, cantora da MPB), Valmir Marques (Seleção Brasileira-Bola ao Cesto Masculino), Norma Pinto de Oliveira (Norminha), Delcy Ellender (Delcy), Marlene Bento (Marlene), (?), Maria Aparecida Benta (Benta) e Claudio Musumeci (diretor geral da Comissão Municipal de Esportes). Agachados: Pedro Tramontina (massagista), Elza Pacheco (Elzinha), Vera ? (Vera), Cássia ? (Cássia), Abdene ? (Abdene), Odete Bassi (Odete) e Maria Angelina de Melo Mota (Angelina)

Acervo: Claudio Musumeci



Equipe feminina de basquete de São Caetano do Sul, campeã dos jogos do Grande São Paulo em Novembro de 1969, e, dos Jogos Abertos do Interior em Outubro de 1969

Acervo: Fundação Pró-Memória



Avenida Conde Francisco Matarazzo em 1950, no trecho entre a rua João Pessoa e a Estação Ferroviária. À direita observa-se a fachada do Cine Max (demolido) ao lado do estúdio fotográfico Fãula & Irmão muito famoso na época. Ao fundo, o conjunto comercial Coração de Jesus, que sofreu um incêndio em abril de 1986, e continua em ruínas até os dias de hoje



Foto de 16 de julho de 1954, publicada na *A Gazeta Esportiva*, onde aparecem da direita para esquerda:

José Joaquim Fernandes, Carlos Mazucatto, (?) redator da *Gazeta* e Milton Feijão, presidente da Comissão Municipal de Esportes. Nesta reunião foi definida a realização da prova pedestre São Caetano do Sul, realizada em 15 de agosto de 1954



Acervo: Fundação Pró-Memória



Equipe da Sociedade Esportiva Palmeiras se apresentando no Estádio Lauro Gomes em 1954. Escalação: Zeca, Eurico, Luis Pereira, Nelson, Duchi, Nauri, Edú, Cardoso, Cesar, Cabralzinho e Pio

Acervo: Claudio Musumeci

Cerimônia de Formatura da escolinha de Judo, organizada pela Comissão Municipal de Esportes em 1967, da esquerda para direita: Luiz Carlos Novi (professor), Claudio Musumeci (diretor geral da Comissão Municipal de Esportes), Luiz Antonio Cicaroni (chefe de gabinete do prefeito) e Norma Pinto de Oliveira (Norminha) professora de Educação Física da CME





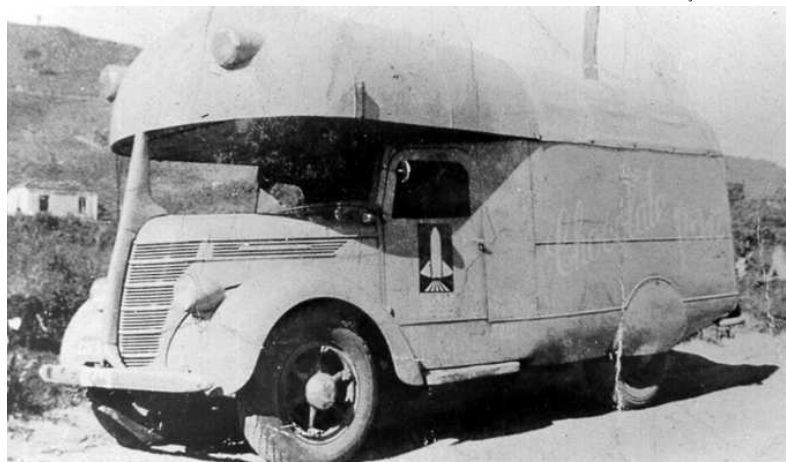
23 de Maio de 1959. A rua Casemiro de Abreu no bairro Cerâmica foi prolongada em um trecho entre a rua Tenente Antonio João e a rua Amazonas, facilitando a ligação entre este bairro e a vila Gonzaga (atual bairro Oswaldo Cruz). Por ocasião da abertura dos trabalhos desta obra, estiveram presentes as seguintes autoridades, da esquerda para a direita: vereador João Cambaúva, vereador Antonio Bovolento, prefeito municipal Oswaldo Samuel Massei, e o diretor da fazenda Claudio Musumecchi.

Acervo: Raimundo da Cunha Leite



Dezembro de 1958. Na sala de redação do *Jornal de São Caetano* a equipe de jornalistas prepara o fechamento da última edição do ano, que circularia no dia 20 daquele mês. Da esquerda para a direita: Otto Diringer (primeiro plano), Mário Porfírio Rodrigues (de costas), Nicolau Delic, Antonio Caparroz Guevara, Rafael Guilherme (primeiro plano), Raimundo da Cunha Leite (aos fundos), Walter Thoré, Hermano Pini Filho, e Jayme da Costa Patrão. O jornal funcionava na rua Santa Catarina, 2º andar, sala 29

Acervo: Fundação Pró-Memória



A Fábrica de Chocolates Pan, na década de 30, era ousada na criação de carroçarias para seus veículos de entrega de produtos. Uma destas estranhas carroçarias foi feita em cima de um chassi *Intentional*, em 1938. A cabina foi montada na forma original. Na traseira, o baú tinha um frontal avançado sobre a cabina e era sustentado por um cano soldado no pára-choque. O frontal avançado tinha a finalidade de criar mais espaço para transportar os produtos. Neste mesmo frontal havia dois faróis e uma espécie de língua que se abria para que o ar entrasse e resfriasse o furo gão

ISSN - 1415 - 3173

